

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Márcia Carolina Mariotto

**Imaginário Cultural e Mitologia Cristã: Nossa Senhora dos
Remédios em Taubaté**

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo
2016

Marcia Carolina Mariotto

Imaginário Cultural e Mitologia Cristã: Nossa Senhora dos Remédios em Taubaté

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mariza Martins Furquim Werneck.

São Paulo

2016

M332i Mariotto, Marcia Carolina
Imaginário Cultural e Mitologia Cristã: Nossa
Senhora dos Remédios em Taubaté / MarciaCarolina
Mariotto. -- São Paulo: [s.n.], 2016.
91p ; cm.

Orientador: Mariza Martins Furquim Werneck.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) --
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências
Sociais, 2016.

1. Imaginário social religioso. 2. Mito cristão.
3. Nossa Senhora dos Remédios. 4. Eficácia
simbólica. I. Werneck, Mariza Martins Furquim. II.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências
Sociais. III. Título.

Banca Examinadora

Para Marcelo e Raphael

Agradeço à CAPES pelo auxílio financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Tudo começou com um desejo imenso de fazer Mestrado em Antropologia na PUC-SP e mudar o rumo da minha vida profissional. Assim, iniciei minha saga, e logo a vida se encarregou de apresentar-me professora Mariza, que acreditou em minha ideia, no meu potencial e capacidade de mudar de área (vinha da Psicologia e estava decidida a entrar de cabeça na Antropologia); acreditou e ajudou.

Ao longo do caminho encontrei inúmeras pessoas que me ajudaram com empréstimo de livros que estavam esgotados, acolhimento carinhoso na pesquisa de campo, palavras que mostravam minhas qualidades em épocas em que havia esquecido, e até mesmo críticas construtivas. Algumas dessas pessoas se tornaram amigas. A todas agradeço imensamente.

Desejo agradecer ainda à Prof^a Dr^a Carmen Junqueira e ao Prof. Dr. Jorge Leite Júnior que, muito gentilmente, aceitaram avaliar este trabalho e contribuíram com comentários importantes me instigando a aprofundar em algumas questões, enriquecendo a pesquisa.

Uma gratidão especial a Marcelo, marido, companheiro e parceiro, que não só ficou muito feliz desde a primeira vez que toquei no assunto de fazer mestrado na PUC-SP, como incentivou, acalmou nos momentos de estresse, viveu todo o percurso comigo e ainda ajudou onde tenho a maior dificuldade: o computador.

Por fim, meu agradecimento à PUC-SP e aos professores do curso pelos conhecimentos recebidos e sabedoria compartilhada.

RESUMO

A devoção a Nossa Senhora dos Remédios saiu de Portugal e aportou em terras brasileiras por volta do século XVIII. Chegou a então vila de Taubaté por um caminho de comércio interno, principalmente ouro, entre Minas Gerais e o Vale do Paraíba. Em Taubaté, havia um bairro rural chamado Vale do Itaim que, a partir da chegada da imagem por volta de 1750 e devido a grande devoção que suscitou, passou a ser chamado bairro Nossa Senhora dos Remédios ou, como dizem, bairro dos Remédios.

A partir do pressuposto de que Nossa Senhora dos Remédios pertence ao imaginário cultural da população local, a proposta desta pesquisa é procurar compreender como é construído e como atua o imaginário social religioso no bairro.

Para tanto utilizamos autores como Claude Lévi-Strauss, Marcel Mauss, Mircea Eliade, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, entre outros, além de jornais do século XIX e entrevistas com moradores locais a fim de verificar como este mito cristão e seus significados atuam no sistema de crenças da população do bairro Nossa Senhora dos Remédios.

Palavras chave: imaginário social religioso, mito cristão, Nossa Senhora dos Remédios, igreja, sagrado, profano, eficácia simbólica, conflitos de poder.

ABSTRACT

The devotion to Our Lady of Remedies left Portugal and landed on Brazilian soil around the eighteenth century. It came to the village of Taubaté by a route used for internal commerce, mainly gold, between Minas Gerais and the Vale do Paraíba. In Taubaté, there was a rural neighborhood called Vale do Itaim that, from the arrival of the image around 1750 and because of the great devotion raised, now it is called neighborhood Nossa Senhora dos Remédios or, as the local people say, Remédios.

From the assumption that Our Lady of Remedies belongs to the cultural imagination of the local population, the purpose of this research is understand how it is constructed and how it operates religious social imaginary in the neighborhood.

For this we use authors as Claude Levi-Strauss, Marcel Mauss, Mircea Eliade, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, among others, as well as newspapers of the nineteenth century and interviews with local residents in order to see how this Christian myth and their meanings act in the system beliefs of Our Lady of Remedies neighborhood population.

Keywords: religious social imaginary, Christian myth, Our Lady of Remedies, church, sacred, profane, symbolic efficiency, power conflicts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A primeira vista da igreja pelo visitante.	23
Figura 2 - Fachada da igreja ou capela de Nossa Senhora dos Remédios.	23
Figura 3 - Altar com a imagem de Nossa senhora dos Remédios ao fundo e acima.	24
Figura 4 - Imagem de Nossa Senhora dos Remédios do altar; a “imagem milagrosa”.	40
Figura 5 - Imagem de Nossa Senhora dos Remédios que saiu no andor da procissão de 1988.	41
Figura 6 - Festa de Nossa Senhora dos Remédios de 2014, sábado à noite: pessoas reunidas no pátio central.	63
Figura 7 - Procissão: saída dos andores de dentro da igreja e organização da fila no pátio central.	64
Figura 8 - Poucas pessoas participaram da procissão de 2014.	64
Figura 9 - Retorno da procissão para a igreja. À esquerda, o alambrado construído para proteção da igreja.	65
Figura 10 - Imagem de Nossa Senhora dos Remédios pintada e decorada para sair no andor em comemoração aos 250 anos da igreja.	67
Figura 11 - A procissão de 2015 contou com a participação de um número maior de fiéis que no ano anterior.	68
Figura 12 – Pátio da igreja com pessoas chegando para o almoço.	69
Figura 13 – Cronograma de visitas ao bairro de Nossa Senhora dos Remédios.	100

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	De onde partimos: problema, objetivo, relevância e método	12
1.2	Organização dos capítulos.....	18
2	O BAIRRO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS EM TAUBATÉ	20
2.1	A chegada de Nossa Senhora dos Remédios na cidade de Taubaté	20
2.2	A chegada de Nossa Senhora dos Remédios no Brasil e o significado da palavra “remédio”	27
2.3	Culto à Virgem e outras invocações no bairro Nossa Senhora dos Remédios.....	30
3	A IMAGEM É SAGRADA	38
3.1	A imagem de Nossa Senhora dos Remédios: um ícone?	38
3.2	Descrição da imagem de Nossa Senhora dos Remédios e seu significado para os moradores locais	39
3.3	As versões da origem e roubo da imagem no bairro: análise sob a ótica de Claude Lévi-Strauss.....	42
4	A IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS	51
4.1	A igreja de Nossa Senhora dos Remédios e sua importância para a população local	51
4.2	A igreja e seu pátio central: o sagrado e o profano por Mircea Eliade	56
4.3	Festa de Nossa Senhora dos Remédios	57
5	TRADIÇÕES E MUDANÇAS NO BAIRRO NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS	73
5.1	A autoridade eclesiástica e a alteração das relações de poder dentro do bairro.....	73
5.2	A secularização do mundo moderno dentro do bairro Nossa Senhora dos Remédios.....	78
6	TESTEMUNHOS DA CURA E DEMAIS NECESSIDADES.....	82
6.1	A eficácia simbólica de Claude Lévi-Strauss e a produção simbólica de Pierre Bourdieu na análise do testemunho dentro do bairro dos Remédios	82
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
	ANEXO I – Narrativa da entrevista com Sandro (citada parcialmente no capítulo 4)	96
	ANEXO II - Diário de Campo (condensado)	100

1 INTRODUÇÃO

1.1 De onde partimos: problema, objetivo, relevância e método

Tendo como princípio o estudo do fenômeno religioso, isto é, a relação do homem com o Sagrado, procuramos nesta pesquisa compreender a construção do imaginário social religioso em uma comunidade de um bairro rural da cidade de Taubaté-SP, dentro da perspectiva da Antropologia.

Esta questão surgiu anos atrás com o estudo da relação entre o homem e o Sagrado, mas do ponto de vista da Psicologia Analítica, que trata do inconsciente coletivo, arquétipos e sonhos. Parecendo-nos incompleta, levantou questionamentos e fez com que procurássemos estudar este fenômeno dentro da área das Ciências Sociais, especificamente da Antropologia, com o objetivo de ampliar o conhecimento a partir do estudo de um grupo, de uma sociedade específica – uma comunidade dentro de um bairro rural chamado Nossa Senhora dos Remédios, conhecido popularmente como Bairro dos Remédios.

Este bairro chamava-se inicialmente Vale do Itaim, mas com a chegada da imagem de Nossa Senhora dos Remédios passou ser chamado pelo nome da santa. A história do aparecimento da imagem, tida como milagrosa, possui várias versões entre os moradores locais.

Nesta pesquisa, adotamos a definição de Sagrado cunhada por Mircea Eliade, que equivale a poder, potência, e eficácia, “(...) o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia.” (ELIADE, 2010, p.18).

O objetivo desta pesquisa é procurar compreender como é construído e como atua o imaginário social religioso das pessoas deste bairro rural. A escolha do bairro não foi aleatória; foi escolhido pelo seu nome – Nossa Senhora dos Remédios, uma das muitas invocações de Virgem Maria. Assim, contemplamos nosso desejo de continuar os estudos sobre este mito cristão, agora pelo viés antropológico.

O estudo de uma comunidade específica possibilitou o trabalho etnográfico, parte da pesquisa na área da Antropologia.

O imaginário social (TAYLOR, 2010, p. 31-35), está presente nos modos como o homem imagina sua existência social; envolve as expectativas individuais e coletivas; “(...) o imaginário social é a compreensão comum e um sentido de legitimidade amplamente partilhado.” Para este autor, é no contexto do imaginário social que o sentido da ordem moral está presente. A ordem moral é a “(...)

apreensão das normas subjacentes à nossa prática social", ou seja, os modos como as pessoas vivem em sociedade.

Nossa Senhora dos Remédios, como símbolo cristão mobiliza o homem por carregar sentidos afetivos; faz parte das experiências cotidianas e atua nas relações sócio-políticas da comunidade.

Chamamos de imaginário social religioso o sistema simbólico religioso criado socialmente por práticas tanto religiosas quanto sociais na comunidade, que reafirma e fortalece a fé das pessoas, mas que também é sujeito nas relações de poder, conflitos que acontecem dentro do bairro.

Nossa Senhora dos Remédios, mito cristão, é uma das invocações de Virgem Maria, está no imaginário coletivo da comunidade. A crença coletiva na santa é a fonte de seu poder.

Esta pesquisa teve início com um levantamento de referências documentais em jornais do século XIX, que fazem parte do acervo do Arquivo do Museu Histórico de Taubaté. Lá encontramos várias notas sobre festas católicas na cidade de Taubaté e apenas duas notas sobre a festa de Nossa Senhora do Remédio, no bairro dos Remédios, em um jornal chamado "O Noticiário". A primeira nota, de 1 de Outubro de 1893 chama a população da cidade para a festa; a segunda nota, de 5 de Outubro de 1893, faz uma breve descrição da festa e parabeniza o festeiro responsável pela organização da mesma.

Após a realização da pesquisa documental iniciamos a pesquisa de campo em paralelo com levantamento da bibliografia que tem, entre seus autores, Claude Lévi-Strauss, Mircea Eliade, Marcel Mauss, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, entre outros.

De Claude Lévi-Strauss utilizamos obras como *Antropologia estrutural* (2012), *Antropologia estrutural dois* (2013), *Minhas Palavras* (1986), *O olhar distanciado* (1986), *O pensamento selvagem* (2012), *De perto e de longe* (2005), *As estruturas elementares do parentesco* (2012), para a análise de entrevistas utilizando o conceito do tripé da eficácia simbólica, dentro do bairro estudado. O xamã, o indivíduo e o grupo, elementos sobre os quais recai a eficácia simbólica, são substituídos, nesta pesquisa, por Nossa Senhora, o indivíduo que suplica pela graça e o grupo que corrobora. Ainda apoiados em Lévi-Strauss fazemos uma análise das trocas de favores, isto é, a troca da presença das pessoas das comunidades rurais prestigiando as festas umas das outras; uma análise das nove versões sobre a origem da imagem de Nossa Senhora dos Remédios no bairro pesquisado utilizando como princípio conceitos de sua análise estrutural dos mitos. Desconhecemos a versão primeira que, segundo o autor não existe; no entanto, todas as versões têm igual importância, pois formam o mito. Como afirma Lévi-Strauss:

“(...) os mitos se transformam. Tais transformações ocorrem entre uma variante e outra do mesmo mito, entre um mito e outro, entre uma sociedade e outra para os mesmos mitos ou mitos diferentes e afetam ora a armação, ora o código, ora a mensagem do mito, mas sem que este deixe de existir enquanto tal.” (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 287).

Encontramos histórias surpreendentes, mas todas levavam a um sentido, a importância de construir uma capela para abrigar a santa. Como afirma Lévi-Strauss (1986, p. 155), *“(...) de cada vez que uma versão do mito inclui um pormenor que parece aberrante, devemos interrogar-nos sob se esta versão que se desvia da norma não se oporá uma outra, presente noutro sítio e geralmente não muito longe.”.*

A capela tem sua importância, pois é um marco da organização social. Todas essas versões do mito que encontramos não são aleatórias; parece de início *“(...) um acúmulo de fragmentos disparatados, conservando cada qual a sua individualidade (...)”* (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 149-152), mas quando dispomos as histórias lado a lado, observamos que têm um sentido. Como pontua Lévi-Strauss (1986, p. 210), *“(...) o mito confere um sentido”.*

Para a análise da igreja e de seu pátio central, percebidos como tesouros para a comunidade, e parte integrante de sua identidade, foram utilizados conceitos sobre o sagrado e o profano presentes nas obras de Mircea Eliade tais como: *O sagrado e o profano* (2010), *História das crenças e das ideias religiosas* vol. I (2010) e vol. III (2011). A igreja como *“centro do mundo, lugar consagrado pelos rituais”* (ELIADE, 2010, p. 53), lugar em que se procura realizar a comunicação com o Sagrado. Utilizamos o mesmo autor na análise da imagem de Nossa Senhora dos Remédios: a imagem tida como milagrosa, tesouro da comunidade, devoção dos fiéis e que chamou a atenção das autoridades eclesásticas locais, para assegurar seu prestígio e poder. Segundo o autor:

“(...) as imagens se tornam objeto de devoção e culto tanto nas igrejas como nos lares. Os fiéis oravam, prosternavam-se diante dos ícones, beijavam-nos, levavam-nos para desfilas por ocasião de certas cerimônias. (...) imagens milagrosas – fonte de poder sobrenatural – que protegiam cidades, palácios e exércitos.” (ELIADE, 2011, p. 65).

De Marcel Mauss utilizamos as obras *Ensaio sobre a dádiva* (2011), para complementar a análise da troca da presença dos visitantes nas festas religiosas do bairro; *Esboço de uma teoria geral da magia* (2000), *Marcel Mauss: antropologia* (1979); *Sobre o sacrifício* (2003), para a análise da crença no poder da santa, os ritos e cultos religiosos – muito semelhantes à rituais mágicos, porém com algumas diferenças; a prece ou orações presentes na devoção popular.

Utilizamos ainda obras como *A produção da crença* (2015) de Pierre Bourdieu; *Vigiar e punir* (2013) de Michel Foucault para discutir a produção simbólica em torno

dos cultos religiosos, a crença coletiva como fonte de poder além dos conflitos e a própria relação de poder observados dentro do bairro.

Em Janeiro de 2014 iniciamos nossa pesquisa de campo (Janeiro de 2014 à Março de 2016). Foram realizadas durante todo este período 22 visitas ao bairro Nossa Senhora dos Remédios divididas em observações, entrevistas narrativas com grupos de 3 a 5 pessoas e individuais totalizando 47 entrevistas, participações em eventos beneficentes em prol da igreja, acompanhamento dos preparativos do almoço tanto na véspera como no dia principal da festa de Nossa Senhora dos Remédios, observação participante na procissão e homenagens à santa durante a festa. Em um Diário de Campo registramos o maior número possível de detalhes observados e informações que conseguimos colher durante as participações. Em 2015 acompanhamos novamente os preparativos e a festa de Nossa Senhora dos Remédios, que foi especial, pois a igreja completou 250 anos de registro de fundação. As anotações não foram feitas na frente de entrevistados e sim registradas posteriormente, ao final do dia, e em local reservado, às vezes no próprio bairro, mas a maioria na própria casa da pesquisadora.

Um fato que deve ser descrito, de importância fundamental para o andamento da pesquisa de campo foi que, no primeiro dia, a pesquisadora conheceu um casal local que passou a auxiliá-la em grande parte das entrevistas, e em algumas visitas como na escolinha abandonada e na própria igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Esse casal entrou em contato com vários moradores do bairro indicando-os para serem entrevistados, principalmente os mais velhos, que podiam conhecer mais a respeito da história local; promoveram cafés da tarde para que a pesquisadora pudesse entrevistar várias pessoas de uma única vez; serviram como guias turísticos mostrando a escolinha – abandonada há muitos anos, mas ainda querida de muitos moradores mais velhos que lá foram alfabetizados. Por meio deste casal pudemos entrar em contato com as pessoas responsáveis pela organização de eventos no bairro para que fosse possível participar dos preparativos da festa. Entretanto não tivemos acesso a tudo; houve reuniões em que não pudemos estar presentes, afinal de contas, não éramos “*do pedaço*” (MAGNANI, 1998), ou seja, por mais que fôssemos ao bairro e bem recebidos, não pertencíamos ao bairro, não tínhamos laços com as pessoas do local, e sempre haveria uma relação de estranhamento e alteridade.

Em relação às entrevistas, estas foram realizadas com moradores do bairro, com apenas uma exceção: um entrevistado não era morador do bairro, ele é o criador de um tipo de excursão nos bairros rurais da cidade de Taubaté chamado turismo rural “Sertões de Taubaté”. Ele foi entrevistado pelo fato de pesquisar as capelas rurais da cidade há mais de trinta anos, conhecer muitas características de cada bairro rural e mudanças ao longo dos anos. As entrevistas foram realizadas em diversos locais: nas casas dos entrevistados, na casa do casal que ajudou a pesquisadora, no pátio central da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, dentro da cozinha do salão de festas da igreja enquanto uma das entrevistadas cozinhava, na cantina da

igreja com um grupo grande de pessoas enquanto estes cortavam batatas, cenouras, alhos e cebolas para utilizar no preparo do “afogado”, prato principal servido no almoço da festa da santa.

Tivemos muita dificuldade para conseguir entrevistar alguns jovens (adolescentes) do bairro porque simplesmente não o encontrávamos, nem durante a semana e nem nos finais de semana. Conseguimos conversar com três meninas (13 a 16 anos) que chegaram para a missa; elas ajudam na organização dos preparativos antes da missa e também nas festas, com a decoração, vendendo cartelas durante o bingo e nas barraquinhas de doces, salgados e peixinho.

Nossa última entrevista foi com o padre que há seis anos é o responsável pela igreja de Nossa Senhora dos Remédios; podemos afirmar que sua autoridade ultrapassa o âmbito religioso e adentra nas questões político-sociais dentro do bairro.

Parte das entrevistas foram gravadas, contudo, quando o entrevistado mostrava algum desconforto optávamos por não gravar. Muitos registros fotográficos foram feitos, principalmente durante a preparação do almoço festivo de Nossa Senhora dos Remédios e no dia principal da festa. Para a coleta de dados, utilizamos um método de pesquisa qualitativa chamado Entrevista Narrativa:

“A entrevista narrativa (...) tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (...) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. A técnica recebe seu nome da palavra latina ‘narrare’, relatar, contar uma história. (...) Sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível.” (BAUER; GASKELL, 2013, p.93).

De posse de um enredo previamente ordenado (mas não estruturado como pergunta e resposta); estimulávamos o entrevistado a contar uma história pessoal que envolvesse o bairro, a imagem ou a igreja, pois *“Histórias pessoais expressam contextos sociais e históricos mais amplos, e as narrativas produzidas pelos indivíduos são também constitutivas de fenômeno socio-históricos específicos, nos quais as biografias se enraízam.”* (BAUER; GASKELL, 2013, p.104). Começávamos com uma pergunta direcionada sobre a vida do entrevistado no bairro e o deixávamos falar à vontade, sem interrupções. Depois, quando terminava de responder, ou tirávamos alguma dúvida ou pedíamos algum esclarecimento em algum ponto só depois partíamos para uma próxima pergunta, desta vez abordando mais o contexto social. Deixávamos o entrevistado contar sua história que, no geral e de forma natural, se entrelaçava com a história já conhecida da imagem, da igreja e do bairro. Desta forma cada entrevista, fosse em grupo ou individual, tinha duração entre uma hora e quase três horas.

Na entrevista com o padre fizemos diferente: como já havíamos entrevistado muitos locais e já possuíamos uma quantidade bastante grande de informações e

questionamentos, solicitamos ao nosso entrevistado que, diante deles, esclarecesse e acrescentasse seu ponto de vista.

Nas entrevistas houve momentos de muita colaboração dos entrevistados, mas também momentos mais delicados, quando um entrevistado, ou mesmo um grupo, colaborava pouco; às vezes justificavam-se dizendo “eu sei o que você sabe”, quando perguntados sobre como a imagem surgiu no bairro, ou, então, finalizavam quase por completo a conversa, dizendo “*moro aqui há muitos anos, mas eu não sou daqui, portanto eu não sei*”. Esta pergunta era recorrente em nossas entrevistas, pois fomos percebendo que havia uma grande variedade de versões sobre a origem de Nossa Senhora dos Remédios no local.

Ao longo da pesquisa de campo foram surgindo dúvidas e dados que levaram a pesquisadora a outros dois locais: Mitra Diocesana e IBGE de Taubaté.

A visita à Mitra foi para descobrir se a imagem de Nossa Senhora dos Remédios que está no altar da igreja é a imagem original, ou é uma réplica. Esta dúvida surgiu em uma narrativa de um dos entrevistados que afirmava com toda a certeza, que a imagem que está no altar é uma réplica. Ele não soube dar mais informações como: por que motivo a original foi tirada de lá? Com quem está a original? Quando a imagem foi trocada? E por quem? Foram estas perguntas, e mais a dúvida sobre a imagem que levaram a pesquisadora à Mitra. Lá recebeu a breve resposta de que a imagem que está no bairro é a original; representantes da Mitra afirmaram que conheciam a história de um “roubo” ou troca da imagem, mas que esta versão não era verdadeira.

O segundo local a ser visitado à procura de dados oficiais sobre o bairro foi o IBGE de Taubaté. Nossa expectativa era a de encontrar dados atuais sobre o número de moradores e de residências no bairro, a área ocupada, nome de rua, e até alguma descrição sobre o bairro. Os únicos dados que conseguimos, datados de 2010, foi o número de habitantes (192 habitantes), que nos pareceu irrisório. Optamos por adotar o número de habitantes estimado pela própria população local, que é o de 300 habitantes no local. Quanto à área ocupada não há dados; segundo o IBGE o motivo se deve ao fato de que não existe definição de perímetro, e, se não há perímetro, não é possível calcular a área. Também não existe nome de rua, a não ser o da estrada principal conhecida como “Estrada dos Remédios”. Segundo soubemos, os números das casas são colocados de forma aleatória, o que não causa transtorno no momento já que não há serviço de correio.

As observações, as participações e percepções da pesquisadora em eventos, festas, missas, entrevistas foram essenciais para a coleta dos dados. Já as leituras e anotações em fichas das referidas obras foram importantes para a análise dos dados coletados em campo. A análise teve início com a transcrição de todas as entrevistas gravadas. Com as entrevistas transcritas foi possível fazer uma classificação das narrativas em dezesseis categorias analíticas:

1. Cuidado e importância da igreja;
2. Festa de Nossa Senhora dos Remédios;
3. Imagem de Nossa Senhora dos Remédios;
4. Histórias da origem da imagem de Nossa Senhora dos Remédios;
5. Tradição em Nossa Senhora dos Remédios;
6. Mudanças em Nossa Senhora dos Remédios;
7. Padre;
8. Aparição de Nossa Senhora no bairro Nossa Senhora dos Remédios;
9. Jovens em Nossa Senhora dos Remédios;
10. Turismo Rural;
11. Pátio da igreja de Nossa Senhora dos Remédios;
12. Imaginário;
13. Milagres e graças no bairro Nossa Senhora dos Remédios;
14. Devoções;
15. Graças por outra representação;
16. Testemunho da graça alcançada.

A partir desta classificação foram desenvolvidos textos aos quais juntamos as anotações feitas no Diário de Campo. Os textos gerados receberam os seguintes títulos que acabaram por dar origem ao sumário. Com as anotações das obras passamos a reescrever os textos, que aos poucos foram se transformando nos capítulos desta dissertação.

1.2 Organização dos capítulos

No primeiro capítulo apresentamos o bairro de Nossa Senhora dos Remédios, em Taubaté, suas características e peculiaridades; de onde partiu a devoção a Nossa Senhora dos Remédios, sua chegada ao Brasil, além de alguns significados da palavra ‘remédio’, do dicionário HOUAISS a uma interpretação popular.

Sabendo que a população do bairro considera tanto a imagem da santa quanto a igreja dedicada a ela como um tesouro do local, iniciamos o segundo capítulo considerando a imagem como um ícone pela sua grandiosidade e representação para os moradores locais.

Analizamos ainda, baseando-nos em conceitos cunhados por Claude Lévi-Strauss, nove versões sobre a chegada da imagem de Nossa Senhora dos Remédios no bairro.

No capítulo três apresentamos a igreja junto com seu pátio central utilizando os estudos de sagrado e profano de Mircea Eliade.

Na sequência apresentamos a festa de Nossa Senhora dos Remédios, uma das maiores e mais importantes festas religiosas não somente do bairro, mas do

calendário das festas religiosas que acontecem durante todo o ano em diversos bairros rurais, em Taubaté.

No quarto capítulo abordamos as tradições e mudanças presentes no bairro, que, com o auxílio de Michel Foucault e Pierre Bourdieu, permitem que analisemos as relações de poder e conflitos dentro do bairro dos Remédios. Apresentamos ainda um fenômeno global que também está presente no bairro dos Remédios – a secularização do mundo moderno.

No capítulo cinco apresentamos alguns relatos sobre graças recebidas e posterior testemunho, como uma das formas de fortalecimento da crença coletiva no poder da santa e demais devoções.

Encerramos com o capítulo Considerações Finais no qual apresentamos os resultados da pesquisa e finalizamos com novas propostas que surgiram ao longo do processo, assim como os dados coletados da última entrevista.

Informamos que, a fim de preservar o anonimato dos entrevistados utilizamos dois recursos: ora alteramos os nomes dos entrevistados, ora deixamos apenas suas iniciais; conservamos a maneira de falar e a pronúncia das palavras.

2 O BAIRRO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS EM TAUBATÉ

2.1 A chegada de Nossa Senhora dos Remédios na cidade de Taubaté

A devoção de Nossa Senhora dos Remédios chegou à cidade de Taubaté-SP por um caminho muito frequentado até o século XVIII, que ligava as antigas vilas de Paraty e Taubaté, na região do Vale do Paraíba. Esta estrada servia de comércio interno, principalmente do ouro, entre as cidades do Rio de Janeiro e Minas Gerais, com as vilas de Paraty e Taubaté. Por esta estrada chegou o culto a Nossa Senhora dos Remédios à Taubaté, por volta de 1750, especificamente em um bairro rural chamado Vale do Itaim.

Segundo uma das versões encontradas sobre a origem da imagem que engendrou este mito cristão no local é que ela chegou pelas mãos de um casal de colonos que se instalou nesta região. Não demorou muito para que começasse a ser cultuada e fosse tida como milagrosa.

Os pedidos de graça eram, na sua maioria, para cura de doenças e libertação de sofrimentos. Como afirma Ariano Suassuna (1975, p.16) em sua obra *Auto da Compadecida*, dentro da religiosidade popular existe uma relação de intimidade do crente com Nossa Senhora, pois, ela é vista também como humana e muito misericordiosa; há uma simplicidade na relação entre a Virgem e seu devoto. Na religiosidade popular há *“(...) uma concepção da religião como algo simples, agradável, doce e não como uma coisa formal, solene, difícil e mesmo penosa”*.

A devoção era tanta que o bairro passou a carregar o nome da santa – de Vale do Itaim passou a bairro Nossa Senhora dos Remédios, conhecido popularmente como bairro dos Remédios; a primeira capela, também com o nome da santa, foi construída em 1765.

Um dos entrevistados, que pesquisa as histórias dos bairros rurais e suas capelas há trinta e seis anos afirma que quase ninguém mais sabe que o antigo nome do bairro Nossa Senhora dos Remédios era Vale do Itaim; diz:

“(...) Antes disso aqui chamava-se Vale do Itaim. Mas depois...quase todo bairro rural, não só aqui, como em todo Brasil, a religiosidade católica no passado, ela sobrepunha sobre tudo, né? (...) Então era, digamos cem por cento católico tudo, né? E todo bairro, quando tinha uma imagem, aquela imagem se estabelecia no bairro, o nome do bairro era esquecido. O pessoal começava a citar o nome do santo e não o nome do bairro. (...) Era aqui o Vale do Itaim...chegou Nossa Senhora dos Remédios, aí o pessoal falava: ‘Vamo lá em Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora dos Remédios...’ (Sandro).

O bairro Nossa Senhora dos Remédios está situado na chamada zona rural do município de Taubaté. Está há 10 km do centro da cidade, mais precisamente da praça central chamada Epaminondas. O acesso ao bairro é pela Estrada Municipal Professor Doutor José Luís Cembraneli e Estrada Particular dos Remédios. Partindo do centro de Taubaté é preciso cruzar a rodovia Presidente Dutra passando por um túnel e entrar na Estrada Municipal Prof. Dr. José Luis Cembraneli, mais conhecida como estrada das Sete Voltas, caminho para o Departamento de Agronomia, da Universidade de Taubaté (UNITAU). A sede da faculdade, que por motivos óbvios fica na zona rural é conhecida na cidade por ficar longe da área urbana. Para chegar ao bairro Nossa Senhora dos Remédios é preciso passar pelo Departamento de Agronomia e percorrer mais alguns quilômetros, passando por pastos e uma ponte que cruza o rio Una (que nos períodos de chuva transborda, cobre a estrada e isola os moradores desta região), até chegar a uma pequena capela chamada “Bom Jesus do Ipiranga”. Frente a esta capelinha há algumas residências que podem informar ao viajante perdido o caminho a tomar para chegar ao bairro Nossa Senhora dos Remédios. Para a direita seguimos pela Estrada dos Remédios, que, ora tem asfalto e ora é de terra batida, há muito mato ao longo do caminho o que diminui a largura da própria estrada, e dificulta a passagem de dois carros: quando isso acontece, um precisa parar e esperar o outro passar, só assim pode seguir viagem. A estrada apresenta uma topografia variada; com muitos altos e baixos, enfim, chegamos à capela Nossa Senhora dos Remédios. Durante todo o caminho encontramos residências ao longo da estrada, sítios, um ou outro bar ou vendinha, salão de festas. O número de residências vem aumentando a cada ano; áreas já loteadas para futuras construções mesclam-se com pequenas casas mais simples, sítios, pastos cheios de gado e com alguns cavalos.

Segundo o IBGE, em Taubaté, o bairro Nossa Senhora dos Remédios não é considerado bairro, assim como todos os outros ‘bairros rurais’ no município. Isso porque eles não apresentam certas características para tal classificação, como, por exemplo, a definição da área exata, já que não é possível traçar o perímetro exato do local. Assim o bairro Nossa Senhora dos Remédios como todos os outros (são mais de 40), são classificados apenas como zona rural. No entanto, para a população taubateana, a zona rural é reconhecida como formada por bairros rurais e cada um é conhecido e diferenciado pelo seu nome. Esta falta de delimitação de onde começa e termina o bairro causa alguns problemas no dia a dia de seus moradores. Um deles é que o casal de coordenadores do bairro (escolhido pelo padre), responsável pelos assuntos da igreja reside no início da Estrada dos Remédios, porém próximo da capela do Ipiranga. Sendo assim, para alguns moradores esse “casal de presidentes” como são popularmente chamados pertencem ao bairro Bom Jesus do Ipiranga e, portanto, não poderiam ser coordenadores do bairro dos Remédios. Para outros e para o padre, esse casal reside no bairro dos Remédios, pois sua casa está na Estrada dos Remédios. Segundo o padre, esse casal foi escolhido porque *“não pertence a nenhum grupinho, é neutro”* dentro do bairro. Foi para evitar conflitos, disputa de poder e

confusão entre grupos; o que percebemos é que, na prática, não é bem assim que as coisas se desenrolam no dia a dia; o fato de pessoas que moram em outro bairro serem responsáveis pelo bairro de Nossa Senhora dos Remédios causa desagrado.

Existe uma dificuldade em conseguir dados no IBGE sobre o bairro pesquisado, como o número de habitantes, número de residências e comércio local, justamente pela falta de delimitação de suas terras. Quanto ao número da população local, uma estimativa foi feita em 2010 (IBGE, 2014), um total de 192 habitantes, com base no número de domicílios ocupados, sem contar o comércio local, que se resume em um barzinho ou uma vendinha, nada mais que isso. Entretanto, com base em algumas entrevistas, os próprios locais calculam um número populacional em torno de 300 habitantes.

Ao longo da estrada há trechos com e sem asfalto, mas em volta da capela e no seu pátio central é tudo revestido com asfalto, conforme pedido da comunidade que foi atendido por um dos prefeitos da cidade durante o período de 1989 a 1992. Passando a capela, a estrada torna-se de terra e assim continua para dar acesso a fazendas e sítios. Um marco da chegada ao bairro para o visitante “de primeira viagem” é avistar, da estrada, os fundos da capela (Figura 1). Ela foi construída com sua fachada voltada para terras de uma fazenda conhecida como “Fazenda da Santa”, por isso fica com os fundos voltados para a estrada, o que causa certa surpresa a quem chega ao local. As diferentes histórias que explicam a construção da igreja voltada para as terras de uma fazenda se mesclam às versões sobre a origem da imagem no bairro, mas o motivo exato, ninguém sabe. Aqui fazemos uma observação importante: a população local ora chama de capela, e ora de igreja o templo consagrado a Nossa Senhora dos Remédios. Em sua fachada está escrito “capela”, mas os moradores locais justificam chamá-la de igreja *“por ser a maior de todas as capelas rurais”*. Segundos um dos entrevistados, que foi seminarista, e é estudioso das capelas rurais de Taubaté, uma capela somente é considerada igreja se tiver um sacrário dentro dela, pois *“tem o corpo de Cristo”*. Segundo ele, está confusão acontece porque os padres nunca se preocuparam em ensinar e esclarecer a população. Adotamos, aqui em nossa pesquisa as duas denominações: capela e igreja (Figuras 2 e 3).



Figura 1 - A primeira vista da igreja pelo visitante.



Figura 2 - Fachada da igreja ou capela de Nossa Senhora dos Remédios.



Figura 3 - Altar com a imagem de Nossa senhora dos Remédios ao fundo e acima.

O bairro possui características peculiares, como: ainda não há água encanada, esta é obtida por meio de poços artesianos e, segundo relatos, de tempos em tempos uma amostra da água é recolhida para exame em laboratório. No Um dos entrevistados relatou que a Sabesp começou a passar o encanamento de água no bairro, mas parou com a obra ao “*esbarrar em um gasoduto*”, como relatou um morador; o resultado é que metade do bairro e a igreja têm acesso à água encanada, e a outra metade ainda está sem, e não se sabe quando as obras serão reiniciadas. Seguindo com as características do bairro, não há sistema de esgoto, utiliza-se fosse séptica; não há transporte coletivo, os moradores do bairro se deslocam utilizando o próprio automóvel, motocicletas, bicicletas, cavalo com carroça ou andam mesmo a pé; não há serviço de Correio, a população local utiliza o endereço de parentes ou amigos “da cidade” para receberem suas correspondências; quando chove muito, ficam isolados em consequência da invasão das águas do rio Una na estrada. Nestas circunstâncias as crianças são impedidas de ir à escola. No bairro havia uma escolinha, ao lado da igreja, orgulho de moradores mais antigos que lá foram alfabetizados, que depois passou a ser utilizada para a catequese, e há muitos anos está totalmente abandonada entregue ao mato, às aranhas, às cobras e outros bichos. Sem escola local, as crianças precisam se deslocar para outros bairros, já na área urbana da cidade.

No entanto há internet, a conexão é feita com um chip especial. Os jovens do bairro não ficam sem internet e redes sociais, o que faz com que muitas de suas amizades

não estão no bairro onde moram. Há pouco tempo alguns moradores instalaram em suas residências o chamado “celular rural”, um telefone normal ligado à rede elétrica da casa, mas carrega um chip especial que permite que as ligações sejam feitas e recebidas com eficiência, muito diferente do celular comum cujas ligações “caem”, ou a pessoa precisa descobrir um ponto da casa no qual o celular funcione e, mesmo assim, de forma bastante precária.

Quanto à ocupação da população do bairro podemos afirmar que é diversificada: os mais velhos ainda vivem de pequenas roças, renda de leite, alguns já aposentados trabalharam em indústrias no próprio município; outros ainda trabalham em indústrias e comércios na cidade. Alguns jovens trabalham no comércio durante o dia e estudam a noite.

A diversão no bairro, segundo uma moradora, quase não existe, com exceção das festas religiosas. Amanda, ministra da eucaristia da igreja, catequista, cozinheira chefe nas festas locais além de outras funções, promove uma festa em sua casa e convida as pessoas do bairro. Mas, no dia a dia, o único entretenimento dos mais velhos é assistir televisão ou visitar vizinhos. Já os jovens entretêm-se com a internet no bairro, mas a diversão predileta é deslocar-se até a cidade, pois é lá que estão os amigos, os barzinhos e forrós. Os jovens não permanecem no bairro; quando não estão estudando ou trabalhando, dormem durante a tarde, como relatou outra entrevistada, uma jovem de treze anos, que faz parte da turma dos dorminhocos.

Alguns moradores mais politizados frequentam as sessões da Câmara dos Vereadores de Taubaté para pleitear melhorias para o bairro; pedem ao vereador responsável pela zona rural que providencie melhorias, porém estas são difíceis de acontecer com a justificativa de que, pelo fato de não pagarem IPTU, pouco pode ser feito. No final de 2014 os moradores receberam um comunicado da Prefeitura de Taubaté informando que, a partir de 2015, passariam a pagar o imposto; a informação ainda não se concretizou ainda este ano. Alguns moradores locais associam tal medida da prefeitura ao grande número de loteamentos para residenciais e condomínios que surgem bem próximos ao bairro. O mais famoso e que já estava com área reservada para sua instalação era uma unidade do Alphaville. Entretanto, segundo uma imobiliária da região, após uma pesquisa de mercado realizada em um dos shoppings da cidade durante alguns meses, o resultado obtido foi que o número de interessados não chegava ao necessário para justificar tal empreendimento, que foi suspenso temporariamente.

Segundo dados mais recentes do IBGE, que são do ano de 2010, a cidade possui uma população de 299.423 habitantes. Novamente encontramos contradições entre os dados do IBGE e a percepção da população de Taubaté. Para os taubateanos a cidade possui mais de 500.000 habitantes. Uma explicação, do próprio IBGE para tal discrepância é que são contabilizados os residentes da área urbana; além de não contarem os aluguéis. Há uma parte da população formada por universitários (há

duas Universidades na cidade: UNITAU e Anhanguera), e os parentes de presidiários de presídios de Tremembé e Pindamonhangaba, cidades muito próximas a Taubaté. Das três, Taubaté é a maior e a que tem mais recursos, por isso essas pessoas vêm para a cidade, mas, de acordo com o IBGE, não contribuem para a cidade, somente consomem seus recursos principalmente o serviço de saúde pública.

Taubaté ainda é uma cidade de tradição religiosa, prevalecendo a católica. Dados de 2010 (IBGE, 2014), mostram a seguinte configuração religiosa na cidade:

- População residente, religião católica: 186.828 pessoas;
- População residente, religião espírita: 7.594 pessoas;
- População residente, religião evangélica: 60.404 pessoas.

Entendemos que tais dados estão desatualizados e são superficiais, entretanto a cidade ainda se mostra com uma maior população de católicos.

Com base em jornais do ano de 1864 a 1893 pesquisados no acervo do Arquivo Histórico “Dr. Felix Guisard Filho”, no Museu Histórico de Taubaté, antigamente a cidade apresentava um número muito maior de católicos; o que vem ao encontro do que foi falado por um dos entrevistados “(...) a religiosidade católica no passado, ela sobrepunha sobre tudo (...) Então era, digamos cem por cento católico tudo (...)”. Como afirmou Gilberto Freyre (2006, p. 92), “(...) o catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade”; estava na formação da família brasileira e não seria diferente em Taubaté. Mesmo com a secularização, uma das características do mundo moderno, a cidade conserva alguns costumes da tradição católica, como comemorações de dias santos, datas religiosas, feriado no dia do padroeiro São Francisco.

Nestes jornais antigos encontramos notícias sobre diversas celebrações e festas católicas, convites para que as pessoas participassem das festas, como por exemplo, em comemoração ao “santo mez de Maria” (O santo mez de Maria, 1876), e notas descrevendo as festas, como a primeira nota que encontramos em jornal sobre a festa de Nossa Senhora dos Remédios, presente no jornal chamado “O Noticiarista”, nas datas de 1 e 5 de outubro de 1893:

“Festa do Remedio

Realiza-se hoje, com toda a solemnidade e brilhantismo a festa de N.S. do Remedio, no arrabalde de mesmo titulo. As ladainhas de que consta a novena teem sido muito concorridas, revelando o espírito religioso do povo d'aquelle ameno e pittoresco bairro. Á missa cantada que alli se celebrará, hoje, na respectiva capella, irão muitas pessoas desta cidade. Aparte musical está confiada á distinta corporação – Lyra Taubateana.” (FESTA do Remedio, 1893a).

E depois da festa, uma breve descrição dos acontecimentos:

“Festa do Remedio

Foi, effectivamente a festa realizada a 1 do corrente em louvor a N.S., no aprazível bairro do Remedio. Affluiram, desta cidade, muitos devotos que lá trouxeram as mais gratas impressões. O festeiro, Sr. Laurindo Ferreira, foi incansável em distribuir finezas em sua casa, durante o jantar, a todos os convivas, sendo por diversas pessoas entusiasticamente saudado, na ocasião de servir-se o doce. O sermão do Sr. Vigario da Parochia – uma bella apologia da Virgem Santissima – agradou e commoveu extraordinariamente, assim como officiou com galhardia a apreciada philarmonica – Lyra Taubateana.” (FESTA do Remedio, 1893b).

Mesmo que não seja com a mesma ênfase de outrora, ainda hoje Taubaté celebra diversos dias santos e datas importantes da religião católica, como a Páscoa, Festa do Divino, Festa do Santíssimo Sacramento; festas juninas em vários bairros da cidade principalmente aqueles que levam nomes de santos; dia de São Benedito – padroeiro da cidade; Santa Luzia, Santa Clara, Nossa Senhora das Graças, Imaculada Conceição, São Pedro, entre outros.

No bairro Nossa Senhora dos Remédios, além desta invocação, muitas outras são cultuadas entre seus devotos. Além da tradicional festa de Nossa Senhora dos Remédios, há outras festas religiosas como celebração da Semana Santa, Festa da Divina Misericórdia, festa junina, novenas, terços e peregrinações nos meses de Maio para homenagear Nossa Senhora das Graças e em Outubro, para Nossa Senhora Aparecida.

2.2 A chegada de Nossa Senhora dos Remédios no Brasil e o significado da palavra “remédio”

Nossa Senhora dos Remédios é uma das muitas denominações de Virgem Maria que diferem dependendo da necessidade do homem, ou dos locais de sua aparição, como: Nossa Senhora de Guadalupe (México), Maria de Montserrat (Espanha), Maria de Dong Lu (China), Madona de Monte Vergine (Itália), entre tantas outras.

Na obra *Invocações da Virgem Maria no Brasil* (MEGALE, 2001), é possível encontrar cento e vinte e três denominações diferentes, entre elas, Nossa Senhora dos Remédios.

A devoção a Nossa Senhora dos Remédios chegou ao Brasil vinda de Portugal. Foi introduzida em terras portuguesas “(...) por religiosos franceses da Ordem Hospitalar da Santíssima Trindade, que estiveram em Lisboa no início do século XIII, tinha por finalidade a Redenção dos Cativos no Oriente e sua Padroeira era Nossa Senhora dos Remédios, conforme o voto de um de seus fundadores. A Confraria se espalhou

pela Europa, de maneira especial pela península Ibérica e até o século XVIII já havia libertado 900.000 prisioneiros.” (MEGALE, 2001, p. 421-422).

Uma vez aqui, foram erguidas diversas capelas a Nossa Senhora dos Remédios, como por exemplo, no Maranhão, em Pernambuco, na Bahia, em Minas Gerais, em São Paulo, no Rio de Janeiro, entre outras. *“Contudo, os mais famosos santuários do Brasil dedicados a este orago foram: Parati, São Paulo e Fernando de Noronha.”* (MEGALE, 2001, p. 422).

No Brasil, segundo o site da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Itaguacy-PB, há cerca de trinta e quatro paróquias dedicadas à santa.

Em Paraty-RJ, por exemplo, a primeira capela dedicada à Virgem com esta denominação específica foi construída em 1640 (site oficial de Paraty), ou em 1646 (MEGALE, 2001), em um terreno doado por um de seus devotos, Maria Jácome de Melo. Esta foi a condição imposta para a doação das terras: a construção de uma capela à Nossa Senhora dos Remédios. A partir daí, São Roque deixou de ser o padroeiro da cidade, sendo substituído pela santa.

Já em São Paulo, a igreja construída na cidade em meados do século XVIII, na Praça João Mendes, era refúgio de escravos perseguidos e, *“(...) nos últimos tempos do Império, o reduto preferido dos abolicionistas.”* (MEGALE, 2001, p.422) Essa igreja foi construída por Sebastião do Rego, Provedor dos Quintos Reais, no reinado de João V. Conta a história que Sebastião fora acusado de ter trocado ouro por grãos de chumbo que foram enviados ao rei, que o condenou e o mandou à prisão do Limoeiro, em Lisboa. Sebastião do Rego, desesperado, fez uma promessa a Nossa Senhora dos Remédios de construir uma igreja com seu próprio dinheiro no dia em que se livrasse da prisão. Anos depois ele apareceu em São Paulo, e ninguém sabia como Sebastião havia escapado do cárcere. Ele, então, cumpriu sua promessa à santa; rapidamente construiu a igreja à Nossa Senhora dos Remédios. No dia da primeira missa, Sebastião faleceu.

Em Fernando de Noronha, a igreja dedicada a esta invocação da Virgem foi construída em 1737. A ilha era conhecida por ser lugar de desterro para criminosos e presos políticos.

Por essas histórias percebemos que Nossa Senhora dos Remédios está associada à libertação; ela é o remédio para aqueles que pedem por libertação, seja da prisão concreta, da prisão de uma doença, de uma angústia, de um sofrimento; ela vem em socorro de uma necessidade, a libertação de algum mal. Para alguns moradores locais, Nossa Senhora dos Remédios está ligada essencialmente à cura, *“é aquela que tem o poder da cura”*. Para outros, no entanto, é o auxílio *“para todas as necessidades”*, inclusive para *“livrar dos inimigos”*.

De acordo com o *Grande Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa*, a definição de “remédio” engloba desde uma substância utilizada para combater uma doença ou dor até a proteção e auxílio:

“(...) substância ou recurso utilizado para combater uma dor, uma doença; o que serve para aplacar sofrimentos morais, para atenuar os males da vida; tudo que serve para eliminar uma inconveniência, um mal, um transtorno, recurso, solução; aquilo que protege, que auxilia; o que retifica falha ou defeito, emenda, correção; medida que repara um dano ou restabelece relação jurídica interrompida; aguardente de cana, cachaça; heroico medicamento muito enérgico que só é utilizado em casos extremos.” (HOUAISS, 2015, p. 1641).

Em latim *remedium*, significa medicamento, correção, droga, emenda, forma, jeito, maneira, meio, mezinha, modo, recurso, saída, salvação. É ainda a sinonímia de conforto, égide e subterfúgio.

Nossa Senhora dos Remédios é o consolo, alívio, refresco, refrigerio, bem-estar (Dicionário HOUAISS, 2015, p. 520), para aquele que tem uma necessidade ou sofrimento.

Segundo o site da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Igaracy-PB, a palavra remédio vem de uma linguagem medieval cujos verbos *redimere* e *remediare*, e os substantivos *redemptio* e *remedium*, “(...)tinham um significado similar de: redimir, resgatar, resgate, remédio (com o sentido de salvação, libertação). Isto explica porque, nos séculos XVI-XVII, se dão a padroeira os três títulos: ‘do Remédio’, ‘do Resgate’, ‘da Libertação.’” (PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, 2014).

Durante a pesquisa de campo encontramos outra definição. Segundo um dos entrevistados, Nossa Senhora dos Remédios é aquela que traz a cura do corpo, o remédio:

“O remédio é aquilo que cura. A palavra divide-se em ‘reme’ e ‘dios’. Reme significa restabelecer, e dios significa Deus. Então a mensagem de Deus trazida por Nossa Senhora dos Remédios é ‘Eu sou Deus e restabeleço’.” (Sandro).

Todos estes significados e definições têm em comum a libertação de algum mal; o que vem ao encontro das histórias de prisão citadas acima. A Mãe é invocada para socorrer o suplicante e libertá-lo do aprisionamento causado pelo sofrimento.

2.3 Culto à Virgem e outras invocações no bairro Nossa Senhora dos Remédios

De acordo com o *Grande Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa*, a palavra devoção é definida como “(...) apego sincero e fervoroso a Deus ou aos santos, sob uma forma litúrgica ou por práticas regulares privadas; sentimento religioso, piedade; observância das práticas inspiradas por esse zelo religioso (...); afetação ostensiva e simulada da religiosidade; dedicação zelosa e escrupulosa; afeição (...); objeto de especial veneração (...); ter (algum santo) em especial veneração; ETIM lat. devotio, ônis; ação de se dedicar, voto com que alguém se dedica, se consagra, culto, maldição.” (HOUAISS, 2015, p. 676).

A devoção no bairro de Nossa Senhora dos Remédios apresenta muito do catolicismo popular, ou seja, é aquele “(...) centrado no culto aos santos, sobretudo aos padroeiros locais, com suas promessas e novenas, e nas regras católicas tradicionais; o catolicismo popular era, normalmente, um culto alegre, com suas festas e danças nos dias dos santos principais, e tinha, por vezes, seus momentos de contrição, com mortificações e penitências; em qualquer caso, porém, exprimia sempre a solidariedade entre os participantes e a identidade do grupo.” (QUEIROZ, 1973 apud NEGRÃO, 2008, p. 264).

Encontramos ainda todas estas características da religiosidade popular descritas pelo autor no bairro dos Remédios, além de fortes devoções a outras invocações da Virgem, como: Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; Nossa Senhora de Loreto; devoções a santos como Santa Barbara, São Benedito, São Sebastião e também ao Espírito Santo.

Uma mesma pessoa devota de vários santos e os invoca de acordo com sua necessidade específica, como a própria Nossa Senhora dos Remédios, invocada principalmente para cura de doenças, para afastar uma dor, para agradecer a saúde restabelecida. No entanto, ela também pode ser invocada para livrar dos inimigos ou mesmo trazer paz dentro da família. Segundo Dona Rosana, quando ela era moça, seus dois irmãos se desentenderam em uma briga séria. Neste momento ela saiu correndo de casa e foi para a capela rezar para Nossa Senhora dos Remédios. Quando voltou para casa soube que, neste meio tempo, sua mãe havia preparado um chá de erva cidreira para os filhos que brigavam; os rapazes já haviam pedido desculpas um ao outro, e a paz foi restabelecida. Para Dona Rosana foi a santa que iluminou a mãe para oferecer o chá, e acalmou os irmãos a ponto de pedirem desculpas e fazerem as pazes.

Para outros devotos há a invocação de duas representações da Virgem para a mesma necessidade – a cura do corpo - só que em ocasiões diferentes, como aconteceu com uma entrevistada que, quando sofreu de uma intensa e constante dor nas pernas suplicou a Nossa Senhora dos Remédios e, em outra ocasião,

quando sofreu de uma dor de estômago desesperadora pediu socorro a Nossa Senhora das Graças.

Pode acontecer de uma pessoa que era muito devota a uma invocação da Virgem há anos atrás, mudar sua devoção para outra invocação, como foi o caso de Dona Carolina que há muitos anos era devota a Nossa Senhora dos Remédios e depois, não sabe o motivo, passou a amar fervorosamente Nossa Senhora Aparecida.

Para todos os assuntos há uma invocação de Nossa Senhora que cobre todas as necessidades, mas acima de tudo, o fiel sabe que Nossa Senhora “*é uma só*”, embora tenha diversas representações.

Dona Carolina não somente é devota da Virgem como a viu, quando criança. Este episódio merece ser contado com detalhes. Dona Carolina, tinha entre 5 e 6 anos de idade e, em uma noite, sentiu vontade de ir ao banheiro – naquela época o banheiro era uma casinha em meio às bananeiras no quintal, separado da casa principal. Na volta do banheiro ela viu uma aparição no céu, era Nossa Senhora, “*Era uma Nossa Senhora muito linda!... tudo enfeitada assim, em volta assim.*” Dona Carolina relata que ficou com tanto medo que correu para dentro de casa e não esperou para saber o que a Virgem queria com ela ou diria para ela. Este é um arrependimento que ela tem até hoje; no entanto diz que poderia ser que Nossa Senhora falasse algo muito difícil dela conviver, ou mesmo que tivesse uma vida de muito sofrimento como as crianças de Nossa Senhora de Fátima.

Como ela entrou correndo em casa, chamou a atenção de uma de suas irmãs, mais velha (9 anos de idade), que lhe perguntou o que acontecera. Dona Carolina contou o ocorrido e combinaram que, na noite seguinte, as duas meninas iriam ao quintal juntas.

Na noite seguinte a Virgem surgiu novamente no céu, desta vez para as duas crianças, “*Ela ia desceno, olhano assim em nós. (...) Era muito linda, muito linda, com aquele manto bonito e com a mão assim. Era uma espécie de oratório, um oratório grande e era cheinho de flor! ...sabe, flor assim de tuda cor, rosa ... tuda cor. Ela vinha enfeitadinha! Que coisa mai linda! Eu amava de vê, mai tinha medo. Eu tinha medo de quando Ela ia desceno, eu ficava olhano assim ... Ela ia desceno, olhano assim em nós. Quando ela ia chegano, a gente via que Ela ia descê, nós curria pra dentro! Nós fiquemo um tempão veno ...*”.

As duas irmãs, com medo, correram para dentro de casa e chamaram a atenção da mãe, que perguntou o que estava acontecendo. As meninas, então, contaram para a mãe e na noite seguinte estavam no quintal esperando pela aparição as crianças e a mãe. Mas a Virgem não apareceu mais, “*não vi mais, nunca mais, sumiu*”.

Depois de ver a santa, Dona Carolina passou a ver anjos, mas agora não mais no quintal, e sim, na frente de sua casa. Conta que os anjos ficavam flutuando de um lado para o outro, na frente dela que estava sentada na porta da sala, “*Eu ficava*

olhano, ficava sentadinha olhano na porta da sala, ficava olhano, né? Os anjo ia pra lá ... pra cá ... Falei: Mãe, vi uma porção de anjo do céu igual. Ela falava: Credo! Credo! Isso é bobeira de criança!"

Dona Carolina não ficou com medo dos anjos porque para ela pareciam *"que tavam brincano. ... Agora Nossa Senhora eu ficava com medo porque parecia que Ela ia falá com nós. Ia desceno assim ... a cada hora que a gente olhava, Ea ia desceno mais."*

Dona Carolina não sabe dizer qual invocação da santa ela viu. Quando jovem era muito devota de Nossa Senhora dos Remédios, mas hoje, não sabe o porquê, é devota de Nossa Senhora Aparecida.

Na época as crianças não contaram sobre as aparições para ninguém (além da mãe), nem para o padre; o receio era de serem chamadas de mentirosas.

Uma outra irmã de Dona Carolina estava na entrevista e afirmou que a irmã *"é muito protegida de Nossa Senhora"*. Disse ainda que Dona Carolina *"faz uma reza que cura criança. Ela tem tanta fé em Nossa Senhora que, se tem uma criança ruim assim, ela faz uma oraçãozinha pra Nossa Senhora, a criança sara"*.

Dona Carolina não fala sobre isso com as pessoas, diz que não gosta, *"Só que eu não, não gosto porque eu acho que eu não tenho muita preparação, entendeu? Mai se eu tivesse preparação, eu acho que dava pra mim benzê criança ..."*.

Percebemos que o fato de Dona Carolina não expor seu dom de rezar para a Virgem e conseguir a cura de um doente, em especial criança, é como um segredo.

Este episódio nos remete aos conceitos de magia e feitiçaria, presentes na obra *Esboço de uma teoria geral da magia*, de Marcel Mauss (2000).

Nesta obra o autor afirma que há diferenças e semelhanças entre magia e religião, encontramos magia dentro da religião. Os ritos, as rezas são eficazes porque são criadores; seja uma prece, uma cerimônia, um culto, ou uma prática mágica; todas são representações riquíssimas, impregnadas de sentido, *"(...) todo rito é uma espécie de linguagem. Traduz, portanto, uma ideia"* (MAUSS, 2000, p.72). Como pontua Mauss (2000, p.103), *"em todas as magias, vemos os deuses e, na magia cristã, os santos, figurarem entre os auxiliares espirituais"*.

Como uma feiticeira ou xamã, Dona Carolina reza para Virgem Maria, pedindo cura e é atendida pela santa. Seu temor talvez seja de ser tida como uma feiticeira realmente, por isso justifica dizendo que não tem preparação ou mesmo que mantém em segredo porque as pessoas poderiam pensar que está mentindo.

Concordamos com José Carlos Pereira (2007), quando afirma que a magia e a religião se confundem e se distinguem dentro do mesmo corpo sagrado; convivem

no mesmo espaço, possuem elementos comuns, principalmente porque ambos são fenômenos sociais.

No entanto, há algumas diferenças entre a magia e a religião. Na magia há o feiticeiro que pode ser ou não um profissional; os ritos mágicos são *“atos de tradição”*, ou seja, atos que se repetem e em cuja eficácia o grupo acredita; se são eficazes é porque são criadores; a magia tende para os malefícios; há interdições e tabus (assim como a religião); o local da cerimônia mágica não é um templo, mas locais longe das habitações ou mesmo nos recônditos das casas; é, portanto, um rito escondido, secreto, misterioso (MAUSS, 2000).

Tanto quanto a magia, a religião como um fato social compreende agentes, atos, representações; são, no entanto, ritos solenes, públicos, regulares, obrigatórios, realizados por um profissional que é o sacerdote; como na magia há interdições e tabus, mas diferente da magia, a prática religiosa é prevista, prescrita, oficial:

“Encontramos na magia quase todas as formas de ritos orais que conhecemos na religião: juramentos, votos, desejos, hinos, interjeições, simples fórmulas. Da mesma forma que contém sacrifícios, a magia contém também orações, hinos, e, muito particularmente, orações aos deuses.

(...) Os ritos, tanto os mágicos quanto os religiosos têm a mesma função: evoca-se, apela-se, torna-se presente a força espiritual (...)” (MAUSS, 2000, p. 65-67).

As preces de Dona Carolina dirigidas a Virgem *“(...) participa, ao mesmo tempo, da natureza do rito e da natureza da crença”* (MAUSS, 2000, p. 103).

É um rito, pois é um ato realizado dirigido à divindade e dele se espera um resultado; e é ao mesmo tempo um credo, um pensamento. Na prece, reza ou oração o rito (ou culto) está unido à crença; está impregnado de sentido, ideias, imagens; é cheia de força criadora e, portanto, eficaz (MAUSS, 1979).

Mas como Dona Carolina não é uma profissional, ela teme a punição social; por isso, quando reza, o faz em segredo, em meio a poucas pessoas; de qualquer forma, as forças coletivas atuam e participam da eficácia.

Mesmo que se trate de religião, há nela a magia, poderes, deuses ou santos, crenças, forças criativas e a eficácia graças à participação de um coletivo que crê.

Encontramos a resposta para a necessidade de manter segredo da aparição de Nossa Senhora e da “reza forte” de Dona Carolina em Marcel Mauss (1979), e encontramos um ponto de vista semelhante em Reza Aslan (2013), na obra *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Ele afirma que na mente antiga, Greco-romana, havia uma diferença entre magia e milagre ou graça, *“ambos eram considerados formas de perturbar a ordem natural do universo”*, mas a magia era considerada ainda uma forma de charlatanismo. Havia leis romanas contra os *“trabalhos de*

magia” e os mágicos e feiticeiros eram expulsos ou executados caso fossem descobertos praticando o que denominavam magia negra. No judaísmo acontecia o mesmo; “(...) a Bíblia adverte, *‘Ninguém pode ser encontrado no meio de vós que se envolva com adivinhação, ou é uma bruxa, um mago, ou um feiticeiro, ou alguém que lança feitiços, ou quem consulta espíritos, alguém que é um mago ou um necromante’* (Deuteronômio 18:10-11, apud ASLAN, 2013, p.130).

A crença é de que deus pune os atos mágicos e quem se envolve com forças e espíritos poderosos. Até mesmo Jesus foi acusado de ser mágico e os *“primeiros cristãos se esforçaram muito em argumentar que Jesus não era mágico e nem enganador do povo”*. O autor chama a atenção para o fato de que os inimigos da Igreja não negaram que Jesus realizava prodígios, *“Eles simplesmente rotulavam aqueles atos de mágica. (...) no entanto, as ações milagrosas de Jesus nos evangelhos, especialmente no primeiro, o de Marcos, possuem uma semelhança impressionante com as ações dos magos e milagreiros daquela época, razão pela qual não são poucos os estudos contemporâneos da Bíblia que têm abertamente rotulado Jesus de mágico. Sem dúvida, Jesus usa técnicas de um mágico – encantamentos, fórmulas ensaiadas, cuspidas, súplicas repetidas – em alguns de seus milagres”* (ASLAN, 2013, p. 131).

Podemos afirmar, portanto, que a reza de Dona Carolina está *“no campo das representações populares, onde a magia e a religião se convergem num amálgama de ritos, mitos e símbolos. Dessa forma, se conclui que as representações coletivas que encontramos na religião tiveram suas origens na magia, o que nos autoriza afirmar, pelo menos neste caso estudado, que a magia e a religião ainda mantêm estreitos vínculos”* (PEREIRA, 2007, p. 12).

Todas essas devoções e venerações transparecem na práxis dos locais: nas rezas em família, nas novenas em datas festivas, nos terços e peregrinações nos meses de Maio (Nossa Senhora das Graças) e Outubro (Nossa Senhora Aparecida), nas procissões, nas alvoradas, nas romarias, nas promessas, nos ex-votos, nos testemunhos, nas missas, nos oratórios presente nas casas, e na “igrejinha” construída no quintal de uma devota para guardar todas as suas imagens de santos e santas.

Esta “igrejinha” como é chamada pertence à Dona Helena uma senhora de 96 anos de idade (falecida em Outubro de 2015), e foi construída *“com muito sacrifício e ajuda do povo (...)”*, para abrigar todas as imagens que acabou ganhando ao longo dos anos. Ela foi construída pelo filho de Dona Helena. Ela desejava, além de um abrigo para suas queridas imagens que uma missa fosse rezada lá, e que esta igreja fosse aberta a todas as pessoas que quisessem conhecê-la.

Segundo a proprietária, esta igreja foi um pedido feito para Nossa Senhora Aparecida, para guardar as imagens com mais respeito, *“porque dentro de casa, nós semo plantador, não é o suficiente pra tê as imagens que tá respeito, apesar de*

que esses daqui é uma foto do que tá lá no céu. Que aqui é uma foto, como nós. Nós tem nosso pai, nossa mãe, nossos parente; morre, vão embora, quer dizer, mai nós temo a foto, né? Representano, lembrano. É a mesma coisa da religião.”

Dona Helena tem uma relação muito próxima com os santos de quem é devota. Prefere rezar em casa que ir à missa. Afirma que, além dos problemas de saúde que a impedem de caminhar, o mais importante é que não sabe rezar as rezas atuais; *“mai eu não sei rezá a reza de hoje em dia. (...) se hoje em dia, eu sei o da minha idade, do que eu fui criada, do que o meu pai, minha mãe, minha avó me ensinou. Agora eu vou lá na igreja, eu só escuto Eu não sei rezar!”*

As missas no bairro dos Remédios são celebradas todos os primeiros e terceiros sábados de cada mês (no quinto sábado também, quando o mês tem cinco semanas). Moradores mais antigos relatam que, no passado, havia apenas uma missa no ano, na festa de Nossa Senhora dos Remédios; depois passou-se a celebrar uma missa por mês; foi o padre atual que passou a celebrar missas em dois sábados por mês, e em dias extras como Páscoa, dias santos, festas religiosas como da Divina Misericórdia.

Segundo Marcel Mauss (2003), a missa é um rito, uma aliança que se faz entre os homens e os deuses para atingir um resultado; é uma reconciliação com os deuses, carrega em si a ideia de comunhão e transformação, pois os homens saem do mundo profano vão para o mundo sagrado e depois retornam ao profano (porque no mundo sagrado só é permitido a permanência dos deuses).

A missa é um rito no qual há um sacrifício simbólico; *“O sacrifício é um ato religiosos que mediante a consagração da vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa. (...) Esse procedimento consiste em estabelecer uma comunicação entre o mundo sagrado e o mundo profano por intermédio de uma vítima, isto é, de uma coisa que é destruída durante a cerimônia”* (MAUSS, 2003, p. 21, 74 e 105). Tanto aqui, como no ato mágico, a força liberada é eficaz.

Exatamente por ser tão poderosa, o homem não pode permanecer por muito tempo, e, para sair desta união com as divindades existem os chamados “ritos de saída”. O encerramento da missa é um ritual de saída. Como afirma Mauss (2003, p.53), é necessário que o homem possa retornar ao mundo profano, retornar para a vida comum, e é isso que acontece na finalização da missa; *“Limpam-se e recolhem-se os utensílios”*.

As missas, as preces, as novenas, as procissões, os terços, todas as práticas de devoção popular e oficial são o que Mauss (2003, p. 109), chamou de *“noções religiosas”*; *“as noções religiosas, por serem objeto de crença existem: existem objetivamente, como fatos sociais. As coisas sagradas em relação às quais funciona o sacrifício são coisas sociais”*; Alimentam forças coletivas e estas por sua vez, alimentam as forças sagradas.

Para Mauss (2003, p. 110-111), os homens precisam dos deuses para restabelecer os equilíbrios perturbados tanto quanto estes precisam dos homens para existirem. Assim, a função social dos ritos, mitos, preces e sacrifícios *“é cumprida, tanto para os indivíduos quanto para a coletividade”*.

As missas são importantes, mas é no culto doméstico, aquele presente na vida privada (SANTOS, 2006), com suas preces diárias, terços em família, novenas entre amigos e livrinhos de reza dado por um vizinho ao outro em momentos de necessidade, que a devoção à santa se mostra presente de forma mais espontânea.

Nossa Senhora é aquela que socorre nos momentos de necessidade; é a auxiliadora, a protetora, a intercessora entre o homem e Deus, é aquela que apresenta seu filho Jesus à humanidade, é a Mãe Santíssima amorosa, zelosa, terna e abnegada aos seus filhos. Ela é somente amor. É por meio dela que o pedido é feito, e por meio dela que a graça é alcançada, ela concede a graça. Esta é a imagem de Nossa Senhora no imaginário coletivo.

“(...) na contemporaneidade, a Virgem Maria é o principal meio para se atingir a salvação, sendo essencialmente intermediadora e intercessora. Além disso, estabelece-se um elo indissociável entre Deus, Jesus e Maria (...). Elo esse inquebrável, e que concede a Maria um poder e um acesso ao mais alto ponto sagrado.” (STEIL, 2003, p. 90-91).

Leonardo Boff (2003), em sua obra *O rosto materno de Deus*, faz uma leitura de Virgem Maria como o rosto materno de Deus, ou seja, todas as características do princípio feminino como a ajuda ao próximo, a contenção, o repouso, o acolhimento, o auxílio, a fonte da vida, a plenitude vital, a conservação, a proteção, a sabedoria, a ternura, o aconchego, o mistério, a profundidade, a obscuridade; são todos aspectos de Deus em Maria. Neste sentido, ela não estaria abaixo de Deus como prega a Igreja Católica, mas Virgem Maria e Deus seriam um só, e poderíamos nos referir a Deus como ela.

Para a comunidade de Nossa Senhora dos Remédios o que interessa é a proximidade da Virgem para com seus filhos. Virgem Maria está muito mais próxima da maneira como Ariano Suassuna (SUASSUNA, 1975) a descreveu, como uma mãe misericordiosa que intervém por seus filhos, mesmo que pecadores do que da representação descrita por Leonardo Boff (BOFF, 2003), como o rosto materno de Deus, e das características do feminino como contenção, proteção ternura, aconchego presentes em Deus. A Virgem Maria descrita por Ariano Suassuna está mais próxima da religiosidade popular, uma Virgem com traços de humano, e por isso mais próxima dos homens.

Na religiosidade popular há também a Virgem Maria da doutrina católica, aquela que apresenta seu filho-Deus à humanidade; uma mulher frágil, que viveu à sombra de seu filho, observando calada o que os homens lhe fizeram.

No imaginário popular, Maria é poderosa e forte; Ela intercede pela humanidade; todos os homens são seus filhos amados, não importa o pecado. Boff também reconhece o amor e devoção do povo para com Virgem Maria:

“O povo simples, em sua fé inocente (...), sempre prestou adoração a Maria. Relaciona-se com ela como alguém, face ao qual encontramos absolutamente atingidos; ela emerge como uma última instância de consolo, graça e salvação.” (Boff, 2003, p. 116).

Toda a devoção e fé em Nossa Senhora dos Remédios e outras invocações, junto com a doutrina da Igreja Católica promovem uma coesão, mas também coação social. Se, desde a Idade Média o clero oficial toma medidas para coibir práticas consideradas impróprias (SANTOS, 2006, p. 73), ainda hoje, no bairro dos Remédios esta afirmativa continua verdadeira. Algumas práticas do padre que geram descontentamento entre alguns moradores locais não são expressas por medo de exclusão social. As pessoas tem o costume de reclamar entre si, mas não chegam até o padre para expressar seu descontentamento e conversar a respeito, como ele mesmo afirma. A coesão social que vem das representações e do imaginário religioso local promove a identidade social, um sentimento de participação coletiva, mas, traz consigo um aprisionamento próprio da coação social que impede as contestações, os questionamentos e até mesmo possíveis transformações que o bairro necessita. Esta questão será abordada com mais detalhes no capítulo “Tradição e mudanças no bairro Nossa Senhora dos Remédios”, da dissertação.

Acima de tudo, é na devoção popular que os locais prestam suas homenagens a Nossa Senhora, conversam com ela e esperam dela o socorro nas horas difíceis, proteção durante a vida e a salvação para a eternidade.

O culto e a devoção à santa é parte do imaginário social religioso local, e influencia diretamente em suas práticas e identidade social, dentro do bairro dos Remédios e fora dele. A imagem de Nossa Senhora dos Remédios, além de ser considerada milagrosa traz consigo histórias intrigantes de possível roubo e troca por uma réplica e diversas versões sobre sua origem no local. Esta imagem, seu simbolismo, a devoção popular faz dela um ícone?

3 A IMAGEM É SAGRADA

3.1 A imagem de Nossa Senhora dos Remédios: um ícone?

O ícone surgiu dentro da arte sacra da Igreja Ortodoxa Oriental. Os ícones sagrados têm origem na tradição bizantina, datam dos séculos V e VI, e serviam como uma forma de acesso a Deus e aos santos; utilizada para meditação e contemplação.

O ícone bizantino é uma arte muito específica, carrega uma essência diferente de um *“artefato de arte profana. Trata-se de uma pintura feita em madeira, (...), uma peça sagrada, ligada à forte espiritualidade que rege o Cristianismo Ortodoxo, intimamente ligado à fé e à piedade dos cristãos”* (CAMINO, 1996, p.155-156).

Segundo Jean-Yves Leloup (2006, p. 16-17), o ícone sagrado é valioso pela representação dos símbolos que evoca. É a obra de uma *“imaginação criadora”*, o artista que pintou o quadro, que não o fez de forma ordinária, mas passou por uma preparação rigorosa que é tanto do material (a escolha da madeira, o trabalho de lixá-la, sua imersão em água benta, o preparo das tintas), como do iconista que segue um ritual de purificação (jejuns, orações e banhos), para poder entrar em comunhão com as divindades; receber os sinais divinos para servir ao Sagrado. Como afirma Mauss:

“Todas essas purificações, lustrações e consagrações preparam o profano para o ato sagrado, eliminando de seu corpo os vícios da laicidade, retirando-o da vida comum e introduzindo-o passo a passo no mundo sagrado dos deuses.” (MAUSS, 2003, p. 30).

Neste estudo utilizamos a palavra “ícone” para a imagem de Nossa Senhora dos Remédios como um *“adjetivo de grandiosidade”* (PRATA, [s.d.]), de grande importância e a crença nela investida. Para a comunidade dos Remédios, a imagem da santa é sagrada.

Para a população local a imagem é milagrosa, tem poder porque está carregada de força sagrada; *“uma força sagrada que o exclui do mundo profano”* (MAUSS, 2003, p. 43).

De acordo com Amanda, ministra da eucaristia da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, existe uma preocupação com a disseminação entre a população local da história de um possível roubo da imagem da santa e a troca por uma réplica, porque as pessoas acreditam no poder “daquela” imagem, a original, esta sim é a milagrosa. A repercussão desta história de roubo e troca da imagem dentro do bairro poderia, segundo a entrevistada, *“abalar a fé das pessoas”*.

De acordo com Mauss (2000, p. 113-116), a fé precede a experiência, tanto na magia como na religião; *“só se vai consultar o feiticeiro porque acredita nele”*; só se reza para um santo porque se acredita nos poderes dele. A crença de que a imagem

de Nossa Senhora dos Remédios é milagrosa é apoiada por muitos relatos de milagres já realizados e que ainda realiza. Como afirma Mauss, existe, quanto aos milagres, *“uma verdadeira vontade de acreditar.”*

São as representações coletivas do grupo que dão força e poder aos deuses. *“Devido a crença coletiva, tem eficácia”* (MAUSS, 2000, p.105). A crença coletiva é a essência da eficácia. A preocupação da ministra da eucaristia tem fundamento, a população crê que é “aquela” imagem que é milagrosa, e nenhuma outra. Fazemos nossas as palavras de Mauss (2000, p. 119), “Quem diz crença, diz adesão de todo o homem a uma ideia e, por conseguinte, estado de sentimento e ato de vontade, ao mesmo tempo que fenômeno de formação de uma ideia”.

A crença do coletivo no poder milagroso daquela imagem de Nossa Senhora dos Remédios, os sentimentos, os juízos é que lhe dão poder e a noção de sagrado, de grandiosidade; e devido a essa crença, tem eficácia. Por essa razão que no bairro dos Remédios a imagem é um tesouro local e, por tudo isso consideramos válida a analogia aqui realizada da imagem da santa com a ideia de ícone.

3.2 Descrição da imagem de Nossa Senhora dos Remédios e seu significado para os moradores locais

“Os símbolos são expressões profundas da natureza humana e ocorrem em todas as culturas e em todos os tempos.” (FONTANA, 2010, p. 9).

Os símbolos são uma forma de linguagem que comunica o que está além do que é consciente, está relacionado com o mundo psicológico e espiritual do homem, é, também, o elemento mediador entre o homem e o mundo (MESLIN, 2014). Eles estão no âmago do ser humano, pois trazem uma parte do inconsciente coletivo da humanidade. No entanto, apresentam especificações entre os diversos grupos sociais; *“(...) no nível cultural, esse processo de diferenciação recebe estímulos do ambiente natural”* (FONTANA, 2010, p. 25), da história, dos costumes, das relações sociais.

No bairro pesquisado, a imagem de Nossa Senhora dos Remédios carrega ornamentos diferentes de outras imagens da mesma invocação: a Nossa Senhora dos Remédios do bairro dos Remédios, em Taubaté, está representada de pé; carrega o Menino Jesus em seu braço esquerdo; e sua mão direita “parece” estendida em posição de auxílio ao suplicante. Ela veste um manto azul em forma triangular sobre a túnica, bordado com pequenas flores e uma franja dourada, traz uma semelhança muito grande com Nossa Senhora Aparecida (Figura 4). A Virgem usa uma coroa real que tem em seu topo um crucifixo. O Menino Jesus não possui coroa nem vestes; carrega em suas mãozinhas um globo terrestre. Segundo Dona Rosana, que há décadas participa ativamente dos assuntos relacionados à igreja, a

vestimenta e a coroa que ornamentam a imagem que está no altar foi um presente das freiras da Sacramentina, convento situado na região central de Taubaté; quando a imagem ficou lá na época da reforma da capela (parcialmente destruída por uma forte tempestade), elas confeccionaram o manto e a coroa.



Figura 4 - Imagem de Nossa Senhora dos Remédios do altar; a "imagem milagrosa".

Pela fotografia em *zoom*, única forma de aproximarmo-nos da imagem que está no altar, é possível observar a mão direita estendida; entretanto, Amanda afirma que a posição é porque Nossa Senhora carrega um ramo de ervas, que representa o remédio. Este detalhe tão simbólico pode ser observado em uma segunda imagem de Nossa Senhora dos Remédios, uma cópia, não exatamente igual, da imagem que está no altar, feita por uma figureira (artesã) de Taubaté para o andor da procissão do ano de 1988 (Figura 5). A mão de Nossa Senhora dos Remédios está ligeiramente fechada para segurar um ramo de ervas; o pequeno buraco na mão da imagem é para encaixar um punhado de planta, ou seja, o remédio; o elemento que dá especificidade a esta invocação.



Figura 5 - Imagem de Nossa Senhora dos Remédios que saiu no andor da procissão de 1988.

A imagem confeccionada para sair no andor deveria ser exatamente igual a do altar, mas há algumas diferenças: não há o manto de veludo azul, a túnica da santa está pintada em verde e sobre ela uma manta em azul e vermelho (que parece rosa). O Menino Jesus está segurando o globo, mas seus bracinhos estão ligeiramente mais baixos que os da outra imagem. Tanto a Virgem quanto o Menino não estão coroados. É uma imagem bem mais simples que a do altar, que foi utilizada na procissão da Festa de Nossa Senhora dos Remédios. Desde então encontra-se guardada em um armário, na sacristia.

Para os moradores do bairro, as vestimentas e ornamentos de Nossa Senhora dos Remédios não significam nada; toda sua simbologia nem existe. Para as pessoas, a santa significa apenas *“a cura”, “a mãe que tem o poder de curar”, Ela é para todas as necessidades.”*

Percebemos que representação da santa em pé segurando seu filho Jesus em seu braço esquerdo e com um gesto de auxílio para a humanidade tem semelhança com tantas outras invocações da Virgem; como: Nossa Senhora da Ajuda; Nossa Senhora Auxiliadora; Nossa Senhora da Boa Viagem; Nossa Senhora do Brasil; Nossa Senhora da Cabeça; Nossa Senhora do Cabo da Boa Esperança; Nossa Senhora das Candeias ou da Purificação; Nossa Senhora de Casaluce; Nossa Senhora de Ceuta; Nossa Senhora de Copacabana; Nossa Senhora da Corrente; Nossa Senhora da Esperança; Nossa Senhora da Estrela; Nossa Senhora da Glória; Nossa Senhora dos Humildes; Nossa Senhora da Lamparoza; Nossa Senhora da Luz; Nossa Senhora dos Homens; Nossa Senhora de Monte Carlo; Nossa Senhora do Patrocínio; Nossa Senhora da Pena; Nossa Senhora da Penha; Nossa Senhora do Pilar; Nossa Senhora da Ponte; Nossa Senhora do Porto; Nossa Senhora dos Prazeres; Nossa senhora do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Vitória (CAMINO, 1996 e MEGALLE, 2001).

Nossa Senhora dos Remédios apresenta semelhanças e diferenças com tantas outras invocações da Virgem; para os moradores do bairro dos Remédios a santa é apenas o auxílio para todas as necessidades, uma mãe próxima de seu filho. No entanto, este mito cristão traz na história um sistema de pensamento do grupo social ao qual pertence; além de mobilizar crenças, valores, saberes (LÉVI-STRAUSS, 1989 apud RAMOS, 1997, p. 23), que estão presentes na vida religiosa e social da comunidade.

3.3 As versões da origem e roubo da imagem no bairro: análise sob a ótica de Claude Lévi-Strauss

Durante a pesquisa de campo levantamos diversas versões sobre a origem da imagem no bairro, algumas versões mais detalhadas, outras bem simples, quase pedaços de história sem sentido. Levantamos ainda versões de um suposto roubo da imagem e a troca por uma réplica, mas esta é uma história bem controversa e quase ninguém a conhece.

Encontramos versões muito parecidas, nunca iguais. Como afirma Lévi-Strauss (1986, p. 155), *“(...) de cada vez que uma versão do mito inclui um pormenor que parece aberrante, devemos interrogar-nos sobre se esta versão que se desvia da norma não se oporá uma outra, presente noutro sítio e geralmente não muito longe.”*

Cada versão encontrada parece, de início, *“(...)como um acúmulo de fragmentos disparatados, conservando cada qual a sua individualidade, ora como um conjunto*

de relatos que se encadeiam, mas nos quais se encontram frequentemente os mitos ou os elementos de mitos que um povo vizinho conta como histórias separadas. (...)” (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 149) .

Além disso, não encontramos a versão primeira; na verdade, segundo o autor, ela não existe. No entanto, todas as versões têm igual importância por formarem o mito. Como pontua Lévi-Strauss (2013, p. 287),

“(...) os mitos se transformam. Tais transformações ocorrem entre uma variante e outra do mesmo mito, entre um mito e outro, entre uma sociedade e outra para os mesmos mitos ou mitos diferentes e afetam ora a armação, ora o código, ora a mensagem do mito, mas sem que este deixe de existir enquanto tal.”

O pensamento mítico, segundo o autor, é aprisionado por imagens e trabalha por analogias e aproximações, *“(...) como no caso do bricolage, que suas criações se reduzam sempre a um arranjo dos elementos cuja natureza só é modificada à medida que figurem um conjunto instrumental ou uma disposição final.”* (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 37).

As versões da origem da imagem se modificam; seus elementos se alteram, mas a disposição final que faz sentido em todas as versões é a importância da construção de uma capela, traduzindo assim, o sistema de pensamento do grupo social ao qual pertence. Decompondo e recompondo os fatos, o resultado final se conserva: a construção da capela como marco da devoção. Este é o sentido final ao qual nos levaram todas as versões da imagem contadas pela população local. Como afirma Lévi-Strauss (1986, p. 210), *“(...) o mito confere um sentido”* e, neste caso, a construção da capela tem sua importância além da questão religiosa; ela é um marco da organização social.

Apresentamos as versões deste mito cristão, Nossa Senhora dos Remédios em um bairro rural que recebeu seu nome, e, na sequência sua análise baseando-nos nos conceitos de mito cunhados por Claude Lévi-Strauss. Há versões que estão cheias de lacunas, que tornam a história quase sem sentido e outras mais detalhadas, todas fazem menção à capela:

1º - A imagem pertencia a uma família alemã. Uma pessoa desta família ficou doente, fez promessa à santa; foi curada e a família construiu a capela virada para a fazenda.

2º - Um casal de idosos de posse de uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios e com medo dela ser roubada, entregaram-na aos cuidados de oito senhores da sociedade local, fazendeiros, homens poderosos, na condição que fosse construída uma capela para abrigar a santa. Mas como a imagem não era litúrgica, o padre não queria que ficasse na igreja, e o bispo que também não concordava da imagem permanecer na igreja levou-a para a

cidade, contra a vontade do povo. Entretanto, os oito senhores locais, proprietários da imagem, entraram na justiça com a alegação de que a imagem é propriedade particular. O juiz determinou ganho de causa para os fazendeiros e a imagem retornou para o bairro.

3º - A imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi encontrada em cima de um toco de madeira, local da construção da primeira capela, que era muito pequena. Mais tarde uma capela maior foi construída em outro local, mas ainda no bairro. É a igreja que existe hoje.

4º - Havia uma família alemã proprietária de uma fazenda, nas proximidades do bairro. A esposa (ou a filha, não se sabe ao certo), estava muito doente. Então uma promessa a Nossa Senhora dos Remédios foi feita: se a pessoa doente fosse curada, o alemão construiria uma capela para a santa. A pessoa doente se restabeleceu e a capela foi construída, como prometido, com sua fachada voltada para a sede da fazenda. Diz-se que, de um determinado ponto da fazenda, é possível avistar a frente da igreja.

5º - A imagem de Nossa Senhora dos Remédios veio da Alemanha e foi encontrada sobre um toco de madeira, em um terreno que pertencia a uma família alemã. Então, foi construído um cômodo para abrigar a santa, que fazia muitos milagres, principalmente para os tropeiros. Assim foi feita a primeira capela. Depois foi construída outra, em outro lugar para facilitar o acesso dos tropeiros. Esta segunda capela tem sua fachada voltada para a Fazenda da Santa. Nesta fazenda há uma história de milagre: uma menina que não andava passou a andar graças a Nossa Senhora dos Remédios.

6º - A imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi colocada com seu rosto voltado para a estrada; virou-se espontaneamente para a direção oposta, indicando, assim, como queria que a capela fosse construída. A capela foi construída respeitando o desejo da santa. Por isso apresenta-se com seu fundo voltado para a estrada e a fachada voltada para terras de uma fazenda à frente; por determinação de Nossa Senhora.

7º - Um casal de colonos, muito pobres, foi morar na região do Vale do Itaim, antigo nome do bairro, por volta de 1750. Eles traziam consigo uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios. Esse casal de colonos fazia vigília nas casas, rezava o terço, o rosário para Nossa Senhora, e isso passou a atrair muitas pessoas. Todos os dias as pessoas rezavam o terço a Nossa Senhora. O número de pessoas aumentou tanto que não cabia mais na casa desse casal de colonos; todos queriam venerar Nossa Senhora. O casal queria construir uma capela, mas era muito pobre. Então eles construíram uma capela tão pequena que mais parecia um oratório, e colocaram a imagem ali. Começou a juntar gente, juntar gente; cada um com sua devoção. Entretanto, existia em Taubaté um padre que ficou sabendo da imagem e do público que

ela atraía e não gostou: “Não! Peraí! Tá indo mais gente lá do que na minha igreja?” Um certo dia, o padre foi até o casal de colonos e falou que a imagem estava atraindo muita veneração e que era perigoso deixar a imagem ali onde estava, pois, poderia ser roubada. Roubada e destruída. E isto seria um sacrilégio. A ideia do padre era que, sem a imagem o povo deixasse de ir ao local. Mas isso não aconteceu; o povo continuou se reunindo para rezar do mesmo jeito como fazia antes. Mas agora com tristeza, porque a imagem não estava mais lá. O padre havia levado a imagem e o povo sentia falta de vê-la. O padre levou a imagem consigo para a cidade, jogou-a no fundo de um armário e o trancou. Um certo dia, o padre foi dar uma olhada na imagem e ela não estava dentro do armário. Ele pensou: “Agora tenho que avisar aquele povo lá do Vale do Itaim que desapareceu a imagem deles. Mas agora eu vou escutar, porque falei que lá poderia ser roubada e foi aqui que roubaram”. O padre foi ao local e encontrou o povo reunido em oração. O padre falou: “Ô gente, eu vim aqui para comunicar a vocês que eu levei a imagem para que não fosse roubada e, infelizmente, lá foi roubada”. Então o casal de colonos olhou para o padre e, dando risada falou: “padre, roubou não! Nossa senhora voltou! Ela esta aqui!”.

8º - A imagem foi encontrada na Fazenda da Santa; por isso a capela foi construída com sua fachada voltada para a fazenda.

9º - Uma pessoa alcançou uma graça e doou a imagem para a comunidade. Somente depois foi construída a primeira capela.

Muitas pessoas relatavam apenas pedaços, *“dizem que apareceu na Fazenda da Santa”,* ou *“pertencia a uma família alemã dona da fazenda”* ou *“era de uma família alemã”*. Nada mais. Pareceu-nos que estas versões estão se perdendo com o passar do tempo, pois mesmo encontrando nove versões da origem da santa no bairro, o fato de muitas pessoas só conseguirem dizer poucas palavras a respeito e outras tantas não saberem nada, pode ser um indício de que estas histórias estão desaparecendo.

As histórias são estranhas. Como pontua Monique Augras (2009, p. 90), *“a estranheza de um objeto funciona como signo da presença de algum poder”*. A autora complementa sua afirmação com Mircea Eliade (1970), *“tudo o que é insólito, singular, novo, perfeito ou monstruoso se torna recipiente de forças mágico-religiosas e, conforme o caso, objeto de veneração ou de temor”*.

Para Augras (2009) a estranheza é percebida pelo homem como marca de um poder que a cultura na qual está inserida identifica como característica da presença do sagrado. Como afirma Ruben Queiroz (2013, p. 206), os mitos *“nos ensinam muito sobre as sociedades de onde provém”*.

As versões da origem da imagem mesclam-se ao seu suposto roubo. Suposto porque nunca foi provado que esta história é verdadeira e pouquíssimos moradores

do bairro Nossa Senhora dos Remédios conhecem o fato, ou algum dia ouviram dizer algo sobre um roubo ou substituição da imagem original por uma réplica. Houve um momento, durante as entrevistas que somente um dos entrevistados conhecia essa história de roubo da imagem, e, quando se tocou no assunto causou espanto em outra entrevistada, que nunca ouvira falar, e passou a questionar se, quando teve a imagem nas mãos, por um breve momento, quando criança, era a verdadeira ou a réplica.

Já houve quem procurasse investigar este suposto roubo, mas não conseguiu realizar por completo sua empreitada, como contou um dos entrevistados. Um estudioso de capelas rurais procurou obter algumas informações junto a Cúria, sem êxito. Foi, então ao Convento Santa Clara, um convento de frades franciscanos na cidade de Taubaté. Conversou com um frei que lhe afirmou que a imagem que estava no altar da igreja de Nossa Senhora dos Remédios era realmente uma réplica, e prometeu contar, em sua próxima visita, onde estaria a imagem original. No dia marcado a pessoa voltou ao convento para conversar com o frei, porém, este não quis revelar os nomes nem os locais. Somente reafirmou que a imagem do altar era uma réplica. Passado um tempo esse frei adoeceu e faleceu; levou consigo o segredo. Como diz Sandro, a pessoa que investigou a história:

“Eu uma vez, eu consegui com o frei C., do Convento, que ele provou pra mim que essa aí não é a imagem original; que diz que sabia onde estava. O frei C. sabia. Não é a original, foi colocado uma outra aí ... é ... Nossa Senhora dos Remédios mesmo, mas não é essa. Que ele sabia onde é que tava a outra. Depois já começou a disfarçar, que não podia, que tava com um colecionador, que tava não sei quê, não sei quê ..., mas afirmou pra mim que não é. É uma réplica dela, não tão igual também ...”.

Por diversos motivos a imagem é tirada do local de origem e levada a outro: isto faz parte do imaginário popular mariano; seja por proteção contra um roubo ou depredação, seja porque o local inicial ficou pequeno para receber um grande número de devotos, ou mesmo um colecionador que conseguiu a imagem, ela desaparece e depois retorna. É parte da história de Nossa Senhora dos Remédios; semelhante a outras imagens de invocações da Virgem, como: Nossa Senhora dos Desamparados cuja imagem foi transferida para uma casa particular sem que se conhecessem as causas; Nossa Senhora da Luz cuja imagem foi para um museu; Nossa Senhora da Confiança cuja imagem desapareceu misteriosamente e o que existe hoje são apenas cópias (MEGALLE, 2001); ou mesmo Nossa Senhora do Rocio cuja imagem foi transferida de uma capela para a igreja matriz (CAMINO, 1996).

Mircea Eliade (2011, p. 65) afirma:

“(...) as imagens se tornam objeto de devoção e culto, tanto nas igrejas como nos lares. Os fiéis oravam, prosternavam-se diante dos ícones, beijavam-nos,

levavam-nos para desfilarmos por ocasião de certas cerimônias. Durante esse período, cresce o número das imagens milagrosas – fonte de poder sobrenatural – que protegem cidades, palácios e exércitos.”.

Uma imagem milagrosa, como Nossa Senhora dos Remédios, fonte de poder sobrenatural, poderia tirar ou desestabilizar a autoridade clerical. A Igreja nunca permitiu que seu domínio e autoridade fossem ameaçados, nem mesmo pelo poder da crença coletiva em uma imagem milagrosa. Esta devoção do povo que ameaça a Igreja é caracterizada por sua ligação a um Sagrado poderoso presente no cotidiano e, portanto mais acessível; Esta circunstância pode criar um afastamento das definições doutrinárias dos grandes sistemas religiosos (MESLIN, 2014, p. 297). Esta devoção que carrega em si uma autonomia é perigosa para a Igreja, que sempre procurou manter o controle social.

A Igreja Católica detém um histórico de produção de símbolos (BOURDIEU, 2015), valores, normatizações que visam dominar a consciência e a ação de seus adeptos (ARY, 2000, p. 18); o mesmo sistema simbólico cristão que mantém a coesão, a harmonia e a conservação do grupo; é utilizado como fator de coação e domínio. A Igreja procura manter o poder, a autoridade e a tutela dos fiéis, nem que para isso precise manipular os símbolos populares sagrados.

Para Claude Lévi-Strauss (2012), nos mitos há a integração do inteligível com o sensível, do racional com o emocional; eles possuem uma relação com o contexto da onde surgem e também carregam uma comunicação inconsciente, isto é, a função simbólica. Na comunicação simbólica pensa-se por imagens que apresentam um ordenamento; as imagens estão dentro de uma lógica. A dificuldade pode estar, talvez, por não encontrarmos um primeiro mito ou o mito de origem; *“(...) todo mito é uma versão de outro, toda versão abre para um outro mito, e os mitos todos não exprimem uma origem nem apontam um destino: não tem referência “* (QUEIROZ, 2013, p. 123).

As versões da origem de Nossa Senhora dos Remédios e seu suposto roubo dizem muito a respeito da organização social, o que é importante, quais os temores daquela comunidade. Mesmo que uma versão seja derivada de outra, pareça mais “fraca” ou simples do que outra; o que importa é a coerência do conjunto, não apenas uma versão em particular.

Queiroz (2013, p. 219) reafirma a ideia de Claude Lévi-Strauss quando diz que o mito se constrói sobre o mundo social e natural e vice-versa: um se constrói sobre o outro. Para Lévi-Strauss (1996), o mito é uma intersecção entre o mítico e a história; são formados por cacos de pensamento que se rearranjam formando outros mitos. Esse rearranjo de elementos possui ao mesmo tempo uma invariância: o sentido. Assim, os mitos podem se rearranjar, se transformar que o sentido permanece o mesmo.

Sendo assim, então qual é o sentido do mito de Nossa senhora dos Remédios? Podemos dizer que é a construção de uma capela, que tem tanto a importância religiosa quanto a importância de ser um marco na organização social daquela comunidade. Esta importância existia em 1765, quando a primeira capela foi construída, e é assim ainda hoje: a igreja e a imagem têm importância para a comunidade no sentido religioso e também na organização e identidade social, assunto que será discutido no capítulo “A igreja de Nossa Senhora dos remédios”.

O mito vem de tradições orais; carrega fragmentos de história e cada um, ou cada família que conta detém um fragmento e para preencher as lacunas impõe sua própria perspectiva. “(...) Deste modo, seriam constituídos – como matéria-prima da história – o que poderia chamar de eventos-tipo: não rigorosamente verdadeiros, mas tampouco completamente falsos.” (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 155).

Jack Goody (2012, p. 17-18), em sua obra *O mito, o ritual e o oral*, defende que as transformações do mito acontecem porque as lembranças não são perfeitas, isto é, há o esquecimento, principalmente porque as histórias pertencem à tradição oral. As lacunas são preenchidas com a criatividade de cada contador, “(...) com um uso mais livre e independente da imaginação criativa”, afirma. Para Goody, a “criação individual”, é mais responsável pelas transformações sofridas pelo mito que as mudanças na estrutura social, como acredita Claude Lévi-Strauss.

Em nossa opinião, entendemos que o fator fundamental para a criação e a transformação dos mitos está na estrutura social; tanto que foi exatamente isso que observamos na pesquisa de campo: as versões da origem de Nossa Senhora dos Remédios dizem muito a respeito da importância da capela na organização social e da identidade daquela comunidade.

O mito cristão, portanto, explica justamente os aspectos da organização social de um povo; é por meio dele que buscamos compreender o passado do bairro estudado, pois o que as versões contam – a devoção à imagem milagrosa, a importância da capela, o medo do roubo da imagem e a substituição por uma réplica – é justamente o que encontramos hoje, em Nossa Senhora dos Remédios: a imagem da santa e a igreja são os tesouros da comunidade e grande influência na identidade coletiva e organização social no bairro; o medo do roubo, que é a justificativa dada pelo padre para algumas decisões que vem tomando e causando desagrado local e as consequências, como abalo da fé do povo, caso descobrissem que a imagem que está no altar não é a imagem original, a milagrosa.

Os mitos são narrativas que contam dos princípios organizacionais de cada cultura; o que é sagrado, o que é profano; as regras; os tabus; os costumes; a visão de mundo. Podemos afirmar que os mitos contam sobre o ser humano e a organização de sua estrutura social devido à correspondência que há entre a ordem social e a lógica simbólica; a existência de um sistema de crenças coletivo (RAMOS, 1997).

De acordo com Lévi-Strauss (2012), o pensamento mítico é aprisionado pelas imagens, trabalha por analogias e aproximações; continuidades e descontinuidades; operações simétricas como o direito e o avesso, a progressão e a regressão; operações binárias, opostos complementares, que, no seu todo possuem um sentido, como as versões encontradas em Nossa Senhora dos Remédios. Versões que, no seu todo, contam da importância da capela para a religiosidade e, principalmente, para a organização social local. Separadas, estas versões parecem cacos sem sentido e até mesmo histórias aberrantes. Quando uma das entrevistadas narrou a versão da imagem colocada em uma posição virou para o outro lado, espontaneamente, dizendo como queria que a capela fosse construída; a pessoa frisou algumas vezes – quase se desculpando pela tolice da história, “é o que o povo conta”. Falou com um gesto das mãos e de levantar de ombros, como se fosse algo “bobo”, sem sentido, quase uma loucura. Sozinha, esta versão pode mesmo ser uma aberração; mas, quando juntamos a todas as outras, trazem importantes mensagens. Corresponde ao que Lévi-Strauss (2003), chamou a atenção para a ordem e a contraordem, ou seja, há uma organização que se desorganiza e depois se reorganiza. É a “*discordância sincrônica*” que, segundo Queiroz (2013, p. 122), marca o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss. O estruturalismo mostra que fenômenos que, a princípio, parecem muito desordenados, possuem uma ordem, há uma unidade no pensamento humano; mesmo no pensamento simbólico há uma lógica.

Utilizamos em nossa análise, portanto, um viés do método estrutural: olhar o conjunto, procurar o sentido que carrega, mesmo que com toda a descontinuidade que as versões apresentam podendo parecer, de início “*um acúmulo de fragmentos disparatados*” (LÉVI-STRAUSS, 1986, p.152) e procurar encontrar o sentido no conjunto. Para Lévi-Strauss (2012, p.299-303), o mito é formado por “*unidades constitutivas*”, que são os mitemas, pequenas histórias da própria história; são fragmentos que mantêm uma relação entre si, com “*função significante*”. Em certos grupos, estas unidades constitutivas se repetem formando outros feixes de relações num princípio de “*harmonia*”, como uma partitura musical; formam uma espécie de “*série melódica*”. As disposições destas unidades constitutivas, ou mitemas, não alteram a estrutura do mito e nem o seu sentido.

Nas versões de Nossa Senhora dos Remédios, desde a que relata a história da família alemã que constrói a capela para pagar uma promessa pela cura, ou a que diz que a imagem foi encontrada em um toco de madeira, ou que foi trazida por um casal de colonos, o que importa é que os mitemas mantêm uma relação entre si que, mesmo fazendo um novo reordenamento, o sentido se mantém. No método estrutural não importa a ordem, a desordem e a nova ordem; nem se há uma primeira versão; todas as versões são importantes e o sentido está no conjunto. Esse método, como afirma Lévi-Strauss (2012, p.310-311), “*(...) nos livra, assim, de uma dificuldade que, até agora, constituiu um dos principais obstáculos ao progresso*

dos estudos mitológicos, a saber, a busca de uma versão autêntica ou primitiva.” Cada mito é definido “(...) *pelo conjunto de todas as suas versões*”.

Segundo Lévi-Strauss (2012, p.294), o mito “(...) *expressa sentimentos fundamentais como o amor, o ódio ou a vingança, que são compartilhados por toda a humanidade*”; é exatamente o que as versões de Nossa Senhora dos Remédios trazem: o amor e a devoção popular; a luta da Igreja para conservar seu poder e domínio; a importância da capela como um marco na organização social local, o abalo da fé e suas consequências sociais caso ficasse comprovado que a imagem da santa que está no altar não fosse a imagem milagrosa.

As versões deste mito cristão se mesclam com acontecimentos históricos, a presença de tropeiros; a construção de uma capela maior e em local de fácil acesso aos tropeiros; a fazenda chamada “Fazenda da Santa” que existe ainda hoje e pertenceu ao cineasta Amácio Mazzaropi, local onde ele gravava seus filmes e guardava seus equipamentos. Há um filme, de 1964, gravado nesta fazenda, no bairro e na igreja Nossa Senhora dos Remédios chamado “O Lamparina” (O lamparina, 1964) uma versão cômica de Lampião que, junto com seu grupo invade e aterroriza uma pacata comunidade e um caipira é confundido com um violento cangaceiro.

O mito, “(...) *procura explicar fenômenos de difícil compreensão*”, além de ser “(...) *um reflexo da estrutura social e das relações sociais*” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 295), presentes dentro de um grupo social, dentro de um espaço e tempo, que se referem a eventos passados e atuais.

É preciso ressaltar que, embora os estudos sobre mitos de Claude Lévi-Strauss tenham sido realizados a partir de grupos tribais, acreditamos ser possível tecer analogias com o mito cristão de Nossa Senhora dos Remédios.

4 A IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

4.1 A igreja de Nossa Senhora dos Remédios e sua importância para a população local

A primeira capela dedicada a Nossa Senhora dos Remédios, em Taubaté, data de 1765 e, como foi apresentado no capítulo anterior, há muitas versões sobre sua origem dentro do bairro que leva seu nome.

Toda essa diversidade de histórias sobre a origem da santa e a construção da capela parece não ter a menor importância para a população local. O importante é que há uma igreja que é cuidada com esmero, pois abriga uma imagem, tida como milagrosa; além de ser motivo de orgulho local, pois é sabido que a igreja de Nossa Senhora dos Remédios é “a maior igreja dos bairros rurais”, e também a mais antiga, dentre todas as capelas rurais de Taubaté.

Há no bairro um grupo responsável pelos assuntos relacionados à igreja; esse grupo é regido pelo casal de coordenadores que devem se reportar à coordenadora geral dos bairros rurais e acima dela está o padre. É uma cadeia hierárquica, que, começa no padre, passa pela coordenadora geral, segue para o casal de coordenadores do bairro responsáveis por um grupo que atende a igreja. As escolhas tanto dos coordenadores do bairro quanto da coordenadora geral foi feita pelo padre, mas como relatou um entrevistado, “*antigamente era a comunidade que escolhia*”.

Todos os eventos organizados pelos moradores têm o objetivo de conseguir dinheiro para a conservação, manutenção e reformas da igreja. A ideia é fazer um caixa, que ficaria disponível nas ocasiões de necessidade, mas isso ainda não foi possível. Eles trabalham para conseguir dinheiro que é imediatamente investido na necessidade mais urgente.

O casal de coordenadores do bairro é responsável, junto com seu grupo, por todos os eventos como almoços beneficentes, venda de pastel na cantina após a missa, as festas religiosas como a Festa de Nossa Senhora dos Remédios – uma das maiores e mais populares entre os bairros rurais. Para esta festa são convidados os chamados festeiros, que assumem o compromisso de organizá-la. Qualquer pessoa residente no bairro pode participar, mas a escolha deve ser criteriosa, pois o sucesso da festa depende, em grande parte, dos festeiros escolhidos. Estes têm ajuda do grupo da igreja, e também dos chamados voluntários, moradores do bairro que se dispõem a ajudar, mas não têm um vínculo oficial com a igreja.

Os eventos que são organizados em prol da igreja são: almoços beneficentes, bingos, feiras de artesanato, Semana Santa, Festa da Divina Misericórdia, festa junina e a Festa de Nossa Senhora dos Remédios. Um descontentamento local é que nesta administração da não são revelados aos próprios moradores do bairro o valor das arrecadações dos eventos; não se presta contas dos gastos e ganhos.

Assim a população não sabe se há dinheiro em caixa, o quanto foi empregado na igreja, o quanto ainda falta; o trabalho é feito, entretanto, o resultado não é divulgado à comunidade.

Em 2014 o objetivo dos moradores era o de angariar fundos para colocar alambrado em volta de toda a igreja e de seu pátio central. A justificativa para a implantação desse alambrado era a proteção da igreja, principalmente porque, poucos metros adiante, há um assentamento dos Sem-Terra instalado em parte das terras da fazenda à frente (a própria fazenda citada nas versões sobre a origem da imagem); as vacas que pertencem a este assentamento ficam soltas e, quando saem, invadem o pátio da igreja sujando-o, para desgosto dos moradores do bairro. Além disso, outra preocupação era com a segurança das pessoas que circulam em volta da, pois havia sempre alguns carros que passavam pelo pátio, podendo acontecer um atropelamento.

Assim, uma comissão foi organizada para pleitear junto à Prefeitura de Taubaté, o material necessário para a construção do alambrado. Conforme combinado, a prefeitura cedeu o material, e a despesa de pedreiros ficou por conta dos moradores do bairro. Pouco antes de terminar o serviço, o material doado acabou, e foi preciso comprar o restante para finalizar a obra. O dinheiro empregado com pedreiros, com o material que faltou veio dos eventos realizados. No final de 2014 foi também observada a necessidade de trocar o madeiramento do teto da sacristia, que está em vias de desabar. Ela não é utilizada por precaução.

A cozinha da cantina da igreja também está precisando de reforma: subir as paredes, colocar janelas e forro no teto. Para esta obra o dinheiro deve vir da venda dos pastéis, que acontece logo após cada missa. Enquanto o padre celebra a missa, o casal de coordenadores (com a ajuda de voluntários), começa a preparar os pastéis que são fritos quando as pessoas saem da missa. Nem todos que vão à missa compram o pastel, mas os que se encontram na cantina aproveitam para colocar “o papo em dia” enquanto comem o quitute. Algumas vezes o padre vai comer pastel, mas ele fica dentro da cozinha, e não no pátio, com o restante das pessoas.

A igreja de Nossa Senhora dos Remédios é muito antiga, em 2015 comemorou 250 anos de fundação, mas há quem diga que é ainda mais antiga do que isso, e precisa de manutenção constante. Há algumas décadas atrás foi vítima de acidentes naturais como tempestade, raio e vendaval.

Como relatou o Sr. João, o mais antigo morador do bairro (faleceu com 100 anos, um mês após a entrevista), e por décadas zelador da igreja; *“(...) uma vez, um vendaval destruiu metade da igreja, metade das paredes, todo o telhado, destruiu santos, mas o altar ficou intacto”*, nada aconteceu com a imagem de Nossa Senhora dos Remédios. A narrativa deste senhor nos remete a outras histórias de desastres em igrejas, imagens de Nossa Senhora que saíram ilesas, como por exemplo,

Nossa Senhora do Brasil, que saiu ilesa de um incêndio que atingiu a igreja; Nossa Senhora do Parto que passou por dois incêndios que destruíram a capela, entretanto a imagem saiu incólume; Nossa Senhora do Belo Ramo, um incêndio destruiu a igreja, mas a imagem nada sofreu (CAMINO, 1996).

Segundo alguns entrevistados, depois que a igreja de Nossa Senhora dos Remédios desabou, foi feita uma reforma – pelas mãos dos próprios moradores, inclusive o zelador -, suas paredes ficaram cerca de 1 metro mais baixas que a altura original e o desenho do teto que era arredondado, passou a apresentar linhas retas, o que descaracterizou a igreja, para desgosto de alguns moradores. O dinheiro para esta reforma veio por meio da própria população, e, depois que terminou a reconstrução da igreja, fizeram uma procissão em agradecimento a Nossa Senhora dos Remédios. Como relatou Sr. João, foi uma grande comemoração, havia banda tocando, muita pompa e devoção:

“Muita devoção a Nossa Senhora. Quando terminamo o serviço, tudo, aí fizemo uma procissão de Nossa Senhora em Taubaté (...). Mai só o cê veno! Parecia uma Nossa Senhora Aparecida! Com motocicleta na frente! ... eu fiquei esperano pra eu recebê a imagem. Tinha banda, foi, foi uma coisa maravilhosa! É ... tanta gente! Tinha feito caixinha, botei o nome de todas as pessoas na ata, a ata dessa época tá na caixinha.”

Antes da queda, o teto da igreja era feito de madeira e as paredes de pau-a-pique. Após a reforma, o teto passou a ser de PVC e as paredes, que agora são em alvenaria, ficaram um metro mais baixas. A parede do fundo, a parede do altar, foi a única que sobrou intacta, e ainda é a original, de pau-a-pique. Essa parede também tem história.

Certa vez, um raio caiu na igreja, desceu pela parede e parou na porta da sacristia danificando-a:

A parede do fundo é pau-a-pique. Uma vez caiu um raio lá, arrancou a porta. Passou por dentro da igreja e furou a parede, na sacristia. A porta quebrou, né? Aí, eu mandei fazer outra.” (Sr. João).

Pau-a-pique ou taipa é uma técnica portuguesa de tradição árabe (SANTOS, 2006), onde eram utilizados barro, palha e madeira. A igreja de Nossa Senhora dos Remédios era originalmente toda de pau-a-pique.

Embora tenha sofrido uma descaracterização ao longo das reformas, ela ainda apresenta traços da influência portuguesa, obedecendo ao estilo de construção dos primeiros tempos da colonização em que a nave da igreja é única. Esse desenho vem do período barroco europeu (SANTOS, 2006).

Na igreja de Nossa Senhora dos Remédios não há janelas, suas paredes são inteiras e a ventilação vem da porta da frente e de ventiladores instalados há alguns

anos. Na altura do altar há duas portas: uma à direita que leva à sacristia que não é usada, nela há somente uma cristaleira - com o que sobrou dos ex-votos que não foram danificados pelo tempo, nem pelo desabamento da igreja. À esquerda há um quartinho contendo um armário no qual são guardados os objetos e toalhas cerimoniais e uma mesa, usada para passar as toalhas e batinas.

As reformas pelas quais a igreja de Nossa Senhora dos Remédios passou são bem recebidas pela comunidade; as críticas são feitas pela descaracterização de seu traços originais, como o assoalho em ardósia colocado no altar, que substituiu as madeiras largas e grossas; o forro da nave principal que de madeira passou a PVC; um telefone público instalado na fachada da igreja, para indignação de alguns moradores que dizem que além de interferir na fachada, o aparelho nem funciona! Logo após a Festa de Nossa Senhora dos Remédios em 2015 o telefone foi retirado da fachada da igreja com a promessa de ser reinstalado para fora do alambrado, ainda nas proximidades da igreja.

Nas reformas o que prevaleceu nas escolhas dos materiais foi o baixo custo e a praticidade; quanto mais barato, mais fácil e mais rápido melhor, uma vez que a reconstrução não foi feita por mãos especializadas, mas pelo povo local que investiu o próprio dinheiro e a mão de obra. Emprestamos de Santos (2006, p. 146), as palavras: *“(...) toda obra de arquitetura é o resultado das necessidades humanas ou seja, é o reflexo dos costumes e da estrutura social do momento histórico em que vive (...)”*.

A igreja foi ampliada em uma das reformas que sofreu. Os próprios moradores não sabem dizer exatamente quando, e em qual reforma aconteceu a ampliação, se foi depois da tempestade, ou depois do raio que a danificou. Mas uma coisa é certa: a comunidade tem orgulho de dizer que é a maior igreja da zona rural:

“Meu pai falou que essa igreja é a maior igreja da zona rural que existe, que existiu. É antiga e muito grande.” (Dona Maura, filha de Sr. João).

No entanto, a denominação de igreja, e não mais capela, não é devido ao seu tamanho, mas sim, pela presença do sacrário, que a torna igreja, como foi explicado anteriormente. Somado a tudo isso, houve um ano em que o sino da torre da igreja foi roubado. Como isso aconteceu ninguém sabe dizer, mas o fato é que a população se juntou novamente e comprou um novo sino para a igreja.

A conservação da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, a devoção a Nossa Senhora em suas mais variadas invocações, os santos, a devoção ao Espírito Santo, a participação nas missas, as rezas em casa, fazer novenas, as procissões e as peregrinações e até mesmo o testemunho, são práticas que mobilizam a comunidade. Entretanto chamou-nos a atenção o armário contendo os ex-votos, esquecido na sacristia; parece um reflexo da pouca importância que a mesma população dá a este antigo costume da religiosidade popular. A sacristia não é local aberto ao público; a ela tem acesso somente quem é do grupo da igreja, ou ajuda na

sua manutenção. Procuramos explorar o tema com alguns entrevistados, porém não houve interesse em aprofundar o assunto.

De acordo com a definição do Grande Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa (2015, p. 1960), o ex-voto é uma “(...) *promessa solene feita à divindade, aos santos, etc; oferenda que visa pagar essa promessa; obrigação assumida voluntariamente, em acréscimo aos deveres impostos pelas leis da religião; expectativa ou desejo íntimo, e sua manifestação; (...)*”.

O ex-voto é uma prática de devoção dentro da religião popular. Esta caracteriza-se como uma realidade complexa e polimorfa, é uma produção simbólica e cultural com um afastamento das definições doutrinárias e oficiais dos grandes sistemas religiosos (MESLIN, 2014). Além dos ex-votos, fazem parte da religião popular: imagens piedosas, instrumentos de devoção como velas, medalhas, rosários, culto das relíquias, bênçãos, cinzas, livrinhos de reza, novenas, peregrinações, testemunhos e aparições.

Arnold van Gennep (apud MESLIN, 2014), define o popular como aquilo que nasceu e foi criado pelo povo; a religião popular está ligada a um Sagrado presente no cotidiano.

O ex-voto é uma forma de expressão tanto da devoção popular, como da própria fé do fiel; é também a expressão do milagre ou graça alcançada “(...) *tanto de ordem temporal quanto espiritual. (...) Milagre para o povo, de modo geral, são todos os dons e graças concedidas por Deus e seus Santos, sobretudo pela intercessão da Virgem Maria aos seus fiéis*” (CAMINO, 1996, p. 32). O que interessa ao devoto é que o ex-voto (objeto de gesso, madeira, cera, carta, fotografia, tufo de cabelo, etc.), anuncia a existência de uma graça concedida pela intercessão divina e o desejo de comunicar a benção recebida (TORRES-LONDOÑO, 2000, p. 252-253). A eficácia do ex-voto assenta-se no tripé: a necessidade de afirmar a graça; de reconhecê-la com esse registro e de anunciar o milagre; entretanto ele só é reconhecido se houver um grupo social para reconhecê-lo. É uma forma de testemunho; ao olhar o objeto é possível entender a sua mensagem. Para tanto é preciso “(...) *que exista por parte dos destinatários da mensagem um pré-conhecimento da devoção que lhes permita entender a que se estão referindo os diversos signos do ex-voto.*” (TORRES-LONDOÑO, 2000, p. 253). O que acontece em Nossa Senhora dos Remédios é que o ex-voto é reconhecido entre o grupo, mas tornou-se uma prática em desuso; não é tão valorizado como o testemunho dado nas missas, e em conversas informais, este sim, muito valorizado pela comunidade.

As missas que acontecem na igreja sempre no primeiro e terceiro sábado de cada mês mobilizam a comunidade. São celebradas pelo padre da paróquia de um bairro vizinho próximo chamado “Três Marias” que já fica dentro da zona urbana da cidade. Antes do encerramento da celebração religiosa, alguns recados e informações são passados para a população pela ministra da eucaristia. As decisões tomadas pelo

padre não são comunicadas neste momento; para isso ele conta com os coordenadores do bairro, que repassam suas ordens para a comunidade. Dizem alguns que há poucos anos atrás, as decisões que envolviam a comunidade eram tomadas por meio de votação, o que não acontece mais. As decisões são passadas de cima para baixo, aumentam a hierarquia institucional local (GIL FILHO, 2008); as ordens vêm do padre, autoridade máxima, religiosa e política do bairro.

A igreja de Nossa Senhora dos Remédios é um espaço sagrado, faz parte da organização social local. É fator de identidade coletiva, cria laços entre os próprios moradores e com os outros bairros rurais de Taubaté. Fazemos nossas as palavras de Eric Wolf (2003, p. 220); o poder da igreja enquanto símbolo “(...) *não se restringe a um único conjunto de laços sociais, mas se refere a uma ampla gama de relações sociais*”.

4.2 A igreja e seu pátio central: o sagrado e o profano por Mircea Eliade

A igreja de Nossa Senhora dos Remédios é um espaço de “*significação da presença do sagrado*” (GIL FILHO, 2008, p. 119). É um local de encontro, de reunião e de comunicação entre o homem e o Sagrado; “*o homem enquanto ser histórico, concreto, autêntico é ‘situado’*. Sua existência concretiza-se na história, no tempo (...)” (ELIADE, 1991, p. 28).

A igreja e seu pátio são o marco central do bairro, “(...) *lugar consagrado pelos rituais e orações, pois é ali que se efetua a comunicação com os seres humanos*.” (ELIADE, 2010, p. 53). Este centro ou espaço sagrado é forte, significativo, nunca amorfo; ele tem estrutura e consistência, poder e eficácia (ELIADE, 2010, p. 18-26). Por ser um “*ponto fixo*”, é uma orientação em meio ao caos do mundo profano.

A igreja de Nossa Senhora dos Remédios é um “*lugar antropológico*” (AUGÉ, 2012), um lugar de história, de memória e de significação; motivo de práticas coletivas e individuais. Ela possui uma única porta que é a entrada e a saída; como um portal de passagem, o limiar que separa o mundo sagrado (de orientação e centralização), do mundo profano ou caótico (ELIADE, 2010, p. 29).

O pátio da igreja é um lugar profano nos dias comuns; nos dias de festa ele se torna sagrado, pois é uma extensão da igreja, de onde parte e retorna a procissão. É na porta da igreja e pátio que as pessoas se reúnem para sair em procissão em dia de festa religiosa, como na festa de Nossa Senhora dos Remédios; e, quando voltam com a procissão passam pelo pátio, em direção à igreja e lá se concentram para a missa. É no pátio que acontece o estouro dos rojões para homenagear a santa. Durante a procissão da festa de Nossa Senhora dos Remédios de 2014, após o estouro de rojões, com a procissão que chegava e já começava a entrar na igreja para a missa, um grupo de pessoas que estava no pátio enxergou na fumaça dos rojões uma imagem de terço se formar no ar. Algumas pessoas que estavam neste

grupo começaram a chorar de emoção; interpretaram como um sinal e um pedido de Nossa Senhora para que rezassem o terço pela humanidade.

Mas o pátio é também lugar de música, de dança, de conversa animada entre amigos, lugar no qual a feira de artesanato é montada, lugar em que algumas crianças insistem em jogar bola para irritação do antigo padre e até lugar onde montam um cercadinho para guardar os animais (bezerros, porcos, galinhas), parte das prendas do bingo, uma das mais importantes atrações das festas e eventos beneficentes do bairro.

4.3 Festa de Nossa Senhora dos Remédios

Mariely Cabral de Santana (2009, p. 50-51) afirma sobre a festa:

“Se partirmos da origem latina do vocábulo festa, constatamos que este acontecimento sempre esteve muito próximo da religião, ou melhor, podemos afirmar que a religião e a festa estão juntas desde os primórdios da história do homem. Provavelmente, de acordo com Eliade (1999), nasceram juntas, pois ao observarmos as festas dos povos da antiguidade, notamos uma preocupação ‘mágica’ de agradecer à natureza ou suplicar a proteção a entidades divinas. A festa representava a reunião do povo. Era comumente caracterizada ora como encontro, ora como peregrinação a um santuário. Konings (2002) chama a atenção para o fato de as festas terem origem nas tradições agrícolas, principalmente entre os grupos nômades, correspondendo a ritos que eram praticados em família e não tinham, a princípio, data fixa para a sua realização, pois estavam vinculados aos períodos de colheitas. As festas, segundo os relatos bíblicos, são também a oportunidade encontrada pelos homens para se purificarem de algum pecado, através da realização de sacrifícios. Sob a ótica dos escritos bíblicos ‘(...) as festas sempre foram marcadas para contemplar a Deus, além de propiciar outras atividades, sempre presentes como comer e beber’ (Konings, 2002, p. 135). Segundo Lapenta (1997, p. 7), a religião e a festa tornaram-se dois fatos culturais de muita afinidade, pois “(...) ambos permitem ao homem escapar dos limites rotineiros da existência. Exigem paradas periódicas, onde é possível reafirmar que não somos, simplesmente, máquinas de trabalhar e produzir, mas que, também necessitamos de momentos para agradecer, suplicar, divertir e se emocionar.”.

A Festa de Nossa Senhora dos Remédios faz parte de um calendário de festas religiosas que acontecem em vários bairros rurais de Taubaté, durante todo o ano.

Sandro, um dos nossos entrevistados e empreendedor do chamado turismo rural “Sertões de Taubaté”, elaborou o Calendário das Festas Religiosas Rurais, “com o

objetivo de divulgar as festas religiosas e valorizar a cultura rural”. Tivemos acesso ao calendário de 2015:

Data	Festa dos Padroeiros	Bairro
14-Março	Noite do pastel João Paulo II	Registro
21/22-Março	São José	Pinheirinho
03-Abril	Nossa Senhora da Agonia	Caeiras
18/19-Abril	Santo Expedito	Tatuaba
02/03-Maio	Santa Cruz	Mangaló
16/17-Maio	Santa Cruz	Pedra Grande
16/17-Maio	Nossa senhora de Fátima	Água Grande
23/24-Maio	Divino Espírito Santo	Tatuaba (Sítio do Costa)
30/31-Maio	Divino Espírito Santo	Carapeba
06/07-Junho	Santa Cruz	Barreiro II
13/14-Junho	Santo Antônio	Paio
13/14-Junho	Santo Antônio	Mato Comprido
14-Junho	Encontro de Bandeiras do Divino	Freguesia
20/21-Junho	São João Batista	São João do Macuco
27/28-Junho	São Pedro	Barreiro
11-Julho	São Cristóvão	Pedra Negra
11/12-Julho	São Camilo	Antiga Granja Piloto
01/02-Agosto	Bom Jesus	Registro
15/15-Agosto	Bom Jesus	Caeiras
22/23-Agosto	Bom Jesus	Ipiranga
29/30-Agosto	São Roque	Berta Grande
05/06-Setembro	NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS	Remédios
12/13-Setembro	Santa Cruz	Ribeirão das Almas
12/13-Setembro	Exaltação da Santa Cruz	Água Grande
12/13-Setembro	Exaltação da Santa Cruz	Pinheirinho
19/20-Setembro	Santa Cruz	Pinhal
26/27-Setembro	Nossa senhora do Bom Parto	Sete Voltas
03/04-Outubro	Nossa Senhora da Piedade	Carapeba
03/04-Outubro	São Francisco	Monjolinho
03/04-Outubro	São Francisco	Vila Velha
03/04-Outubro	São Francisco	Tatuaba
10/11-Outubro	Nossa Senhora Aparecida	Pedra Grande
24/25-Outubro	Nossa Senhora Aparecida	Pouso Frio
24/25-Outubro	São Judas Tadeu	Chácaras Ingrid
21/22-Novembro	Santa Luzia	Santa Luzia Rural
28/29-Novembro	Nossa Senhora das Graças	Pinhão do Borba
05/06-Dezembro	Imaculada Conceição	Registro
05/06-Dezembro	Imaculada Conceição	Pinhão do Una

O primeiro registro sobre a Festa de Nossa Senhora dos Remédios na cidade de Taubaté encontra-se em um antigo jornal da cidade, datado de 1893, chamado O Noticiaria, é referida como “*muio concorrida, revelando o espirito religioso do povo d’aquelle ameno e pittoresco bairro*” (FESTA do Remedio, 1893a). A nota seguinte, do dia 5 de Out. de 1893, faz uma breve descrição de como foi a festa: a recepção na casa do festeiro, o sermão do vigário, a filarmônica que alegrou a festa. Por estas notas percebemos que a festa era animada e conhecida na cidade. Ela adentrou o século XX da mesma forma, segundo o relato de Sr. João, antigo zelador da igreja de Nossa Senhora dos Remédios e também responsável por algumas das festas à santa:

“É, tinha caminhão, ônibus, carro, pessoal da cidade vinha tudo aí ... festa tão bonita, né?”

De acordo com sua narrativa, nesta época os moradores locais organizavam a festa sem fins lucrativos, o objetivo era apenas prestar homenagens e agradecimentos à santa. Muita gente comparecia para agradecer as graças recebidas, principalmente nas questões de saúde.

A festa de Nossa Senhora dos Remédios tem o nome oficial de *“Grandiosa Festa de Nossa Senhora dos Remédios”*, ainda no título oficial, é uma *“Solenidade em louvor a Nossa Senhora dos Remédios”*.

Com o passar dos anos, esta festa sofreu algumas mudanças; ainda atrai muita gente, mas não como antes. Para alguns moradores mais antigos a festa se tornou mais um evento social que religioso:

“É, foi deturpado. Na realidade não devia ser. O santo é um exemplo de vida. Aí começa a arrecadar dinheiro em nome do santo, da devoção do povo ... e o povo dá, né? Porque acredita, né?” (Dona Maura).

“Não havia material. Eu queria uma igreja, não igreja material. Eu queria uma igreja-homem, homem, pessoa. A igreja viva. Essa é a minha ideia. Eu não me preocupava com a matéria, com renda de venda. O povo gostou? Fez alegria? ...” (Sr. João).

“Entrou mais o cultural ... o cultural não religioso. Virou mais um evento social, porque o pessoal gosta de se reunir ... cabô tudo, cabô tudo. A parte espiritual não existe mais. Quando fala em festa dos Remédios e assim: ‘o que nós vamo fazer de (...), o que vai dar dinheiro e o que vai retornar? Será que vem bastante gente pra gastar aqui? ‘A festa é centrada na parte material, o espiritual fica ... A gente não vê mais a devoção a Nossa Senhora. Mas mesmo a devoção que eles têm aí, a gente percebe que é uma devoção meio ... ah! não sei explicar, ah! ... não é falsa ... só que eles rezam o terço por aí, reza quatro terço na enfiada ...” (Dona Maura).

Outro entrevistado deixa claro que é preciso que a festa ofereça atrativos além do religioso para que o público apareça:

“Vai tê bingo, vai tê forró ... se não vai tê nada, vai tê só uma missa, acho que não vem. Vai tê um binguinho, vai tê um lambisco ...” (Carlos).

Fazemos nossas as palavras de Robson B. Chaves (2010, p.1-2), que afirma que há uma tendência de descaracterização da festa ao longo do tempo. Chaves analisou a festa do Divino em Mogi das Cruzes e ao acompanhar os festejos observou as modificações e permanências ocorridas na festa. Mesmo com as modificações, alguns costumes se mantiveram, como as missas, alvoradas, passeatas noturnas,

novenas, procissões, danças, quermesse; “(...) os fiéis ainda fazem suas promessas, louvam e agradecem as graças recebidas.”.

A festa de Nossa Senhora dos Remédios é realizada para prestar homenagens à santa; é reconhecido por seus organizadores que há uma preocupação em angariar fundos que são empregados na própria igreja Nossa Senhora dos Remédios.

Atualmente a comunidade parece ter um espírito mais prático do que em décadas anteriores, quando acontecia algum infortúnio como a tempestade que destruiu a igreja, e não havia recursos para a reforma, precisando contar com a ajuda financeira da própria população local. Mesmo com algumas mudanças ainda encontramos práticas religiosas tradicionais como as missas, alvoradas que têm início com o repicar do sino da igreja precedido pelo primeiro terço da manhã) durante a novena que antecede o dia principal da festa, a procissão em homenagem a Nossa Senhora dos Remédios no dia principal da festa, as danças. Concordamos com José Guilherme Cantor Magnani (1998, p. 33), “(...) o que é visto, porém, como descaracterização, muitas vezes não é senão a única ou mais adequada resposta possível diante de um determinado contexto.”. Esta afirmativa vem ao encontro desse comportamento que os idosos desaprovam, a preocupação com a renda, pensar na festa como um momento de homenagem ao santo, mas também uma oportunidade de conseguir juntar algum dinheiro para uma necessidade da própria igreja, porque todas as barraquinhas que participam da festa, segundo os locais, são da igreja.

Até poucos anos atrás não era assim, as barraquinhas que participavam da festa não eram todas da igreja, o lucro era da pessoa que a montava. Uma ordem do padre decretou, há alguns anos, que dentro do pátio da igreja – lugar central da festa, somente podem participar barraquinhas da igreja. As demais, se quiserem, podem ficar fora do pátio, e até perto da estrada. Esta medida causou um esvaziamento de barraquinhas na festa de 2014, havia apenas um pipoqueiro solitário do lado de fora do alambrado. Embora não gostem, é ordem do padre, e todos a respeitam.

As ordens do padre, maior autoridade no bairro, nunca são contestadas, embora elas alterem a relação das pessoas com os espaços, seja sagrado ou profano.

A festa de Nossa Senhora dos Remédios acontece no mês de Setembro, porque, segundo a ministra da eucaristia, o dia de Nossa Senhora dos Remédios é 8 de Setembro. Sua organização começa bem antes, em Julho e adentra o mês de Agosto; começam as reuniões na casa do casal de coordenadores, as definições de programação, como conseguir os suprimentos, dos quais grande parte vem de doações, iniciam a arrecadação das prendas para serem sorteadas no bingo, com exceção dos animais, que chegam no sábado, véspera do dia principal da festa.

As reuniões são abertas somente ao grupo da igreja e às pessoas que ajudarão na organização da festa. Todos são moradores do bairro; como diz Magnani (1998), “do

pedaço”, isto é, colegas chegados que não só se conhecem, mas se reconhecem entre si. Reconhecer, no entanto, vai além de conhecer; é saber quem são, de onde vêm, do que gostam, do que se pode ou não se pode fazer. Trazem na roupa, na linguagem, e na postura corporal os sinais de seu pertencimento.

Depois de tudo organizado, os cartazes do evento são colados em pontos estratégicos como postes na estrada, na grade da igreja de Bom Jesus do Ipiranga (lugar bem especial, pois esta igreja localiza-se no início da estrada que leva a Nossa Senhora dos Remédios) supermercados, padarias, casa de ração, drogaria, loja de ferragens, loja de móveis, entre outros estabelecimentos comerciais da zona urbana. Inicia-se a novena em louvor à santa nos nove dias anteriores ao dia principal; essa novena chama-se “Novena Preparativa”, e já é considerada pelos locais como parte da festa de Nossa Senhora dos Remédios.

A novena é um rito do qual vinte e sete famílias participam, comprometendo-se em rezar o terço nos horários definidos. Elas se dividem ao longo dos nove dias; três famílias para cada dia. A reza do terço preza um ritual que começa com a alvorada, às 6:00hs com o repicar do sino da igreja, estouro de rojões, reza e agradecimentos. Esta reza é puxada pela *“rezadeira do bairro”*, que é Amanda, a ministra da eucaristia, a catequista, e a responsável pelo almoço servido no dia principal da festa. A rezadeira junto com a primeira família do dia, além de todas as pessoas que quiserem participar, rezam o primeiro terço; esse ritual ainda se repete ao meio-dia e às 18 horas, sempre trocando as famílias. O último dia da novena termina no sábado, final de semana da festa. Neste dia a festa inicia-se à noite, mas durante todo o dia são feitos os preparativos finais, montagem das barraquinhas, e o preparo do almoço festivo do domingo. Durante toda a tarde chegam algumas doações; os animais, doces (bolos decorados, doce de abóbora, doce de mamão, arroz doce), feitos pelos próprios moradores do bairro, para serem vendidos na festa; os andores com imagens dos santos que participarão da procissão (com decoração feita pela família que se responsabilizou pelo andor); e os últimos ingredientes (os mais perecíveis como a carne e a linguiça), que serão usados no prato do almoço festivo no domingo. O prato que é servido no almoço é o *“Afogado”*, pois, como diz um dos entrevistados, *“porque é a comida do divino, em todas as festas religiosas é afogado que serve.”* Essa “comida do divino” que é servida durante um almoço do mundo profano estabelece, como afirma Ramos (1997, p.33), uma articulação simbólica dentro de uma ordem social organizada em crenças coletivas.

A comida é preparada na cozinha da cantina da igreja, que fica na lateral do pátio central. A cantina com salão de festas pertence à igreja, somente o padre autoriza a sua utilização. Há a cozinheira oficial e chefe, embora ela não goste desse título, é assim que é vista por toda a equipe que trabalha no preparo do almoço; todos a obedecem, inclusive o casal de coordenadores. Ela é respeitada, pois tem dez anos de experiência no preparo de almoços da festa de Nossa Senhora dos Remédios e nos demais almoços beneficentes. Ela sabe as proporções e as quantidades de ingredientes calculados para atender ao público que comparece. Caso falte almoço,

há um “plano B”; eles têm a disposição salgados como pastel, coxinha, entre outros que podem ser fritos na hora. Também é importante que não sobre muita comida, para que o evento não dê prejuízo para a igreja ao invés de lucro.

As refeições são porções individuais, que até 2014 eram servidas em embalagens de alumínio; a partir de 2015 passaram a ser servidas em embalagens de isopor, o que tornou o serviço muito mais rápido, prático e higiênico. A equipe é bem dividida: alguns ajudam descascando os legumes e temperos; outros ajudam no preparo do alimento; há ainda os que embalam a comida, os que ficam no balcão recebendo as fichas e trocando-as pelo almoço já embalado e por bebidas (refrigerantes e cerveja), os demais ficam nas barraquinhas de doces e diversões (como a pescaria), ou são responsáveis pelo bingo (vender as cartelas e cantar os números).

Os grupos são mistos, homens e mulheres trabalham, muitas vezes em mais de uma função, como, por exemplo, a torneira da pia que deu problema é arrumada por aquele que está cuidando dos refrigerantes; ou a pessoa que cortou os temperos fica na barraquinha de pescaria na hora da festa, ou na barraca dos doces; há o pessoal que fica no caixa, e o pessoal para serviços gerais, que corre para resolver qualquer imprevisto. O trabalho é intenso e cansativo, mas sempre há espaço para as piadas, para o riso e alegria. A motivação das pessoas que trabalham na festa é estar fazendo para a santa e para a igreja. Esta crença coletiva é que garante o sucesso da festa; como afirma Farias e Mira (2014, p. 81), *“Como toda realidade simbólica depende, para continuar existindo, de sua eficácia simbólica (Lévi-Strauss, 1975), ou seja, de um sistema de crenças compartilhado por uma coletividade.”*

O objetivo de todos é que a festa seja um sucesso; que agrade ao público que comparece, e que arrecadem a maior soma de dinheiro possível para a igreja.

A festa de Nossa Senhora dos Remédios é uma forma de manifestação da fé; as pessoas vão agradecer e prestar suas homenagens à santa, mas também propicia outras atividades como a reunião de amigos, comer, beber, dançar, brincar (Figura 6). De acordo com Brandão (1989 apud SANTANA, 2009, p. 49-54), *“(...) a festa é também um modelo de ação social, que permite a união de diferentes grupos que participam da organização e, ao mesmo tempo, definem seus atores. Esta participação resulta, na grande maioria das vezes, em investimentos feitos em benefício social”*; no caso da comunidade pesquisada, implementos para a igreja de Nossa Senhora dos Remédios, além do reconhecimento social de que é uma grande festa, uma das maiores entre os bairros rurais de Taubaté. Na festa religiosa, o sagrado e o profano convivem; ela *“(...) assume o papel de mediação entre o divino-sagrado e a sociedade, constituindo-se na perpetuação dos mitos, através dos ritos, da repetição de múltiplas cerimônias reproduzidas nos espaços sagrados”*.



Figura 6 - Festa de Nossa Senhora dos Remédios de 2014, sábado à noite: pessoas reunidas no pátio central.

Como um lugar das relações sociais, há espaço também para a política, como aconteceu na festa de 2014, no sábado à noite; uma candidata à deputada Estadual entregava seu “santinho” a cada pessoa presente na festa. Seu *slogan* era: *Deputada estadual A.G. BOTE FÉ*”.

No domingo, dia 7 de Setembro de 2014, as celebrações religiosas começaram com a procissão (Figura 7). Esta aconteceu com poucas pessoas (Figura 8), com uma caminhada curta, que saiu do pátio central, mais precisamente na frente da porta da igreja, foi até uma ponte na estrada a poucos metros da igreja e retornou para a igreja na qual houve uma missa (Figura 9). Durante a procissão, as músicas cantadas em homenagem a Nossa Senhora eram entoadas pela ministra da eucaristia de outro bairro rural. O padre chegou somente para celebrar a missa; todos já estavam dentro da igreja aguardando a chegada do padre, que estacionou o carro no pátio em frente à igreja como é seu costume fazer nos sábados de missa, vestiu a batina e entrou na igreja precedido pelos coroinhas. Enquanto acontece a celebração religiosa, o pessoal da cozinha trabalha “a todo vapor”.



Figura 7 - Procissão: saída dos andores de dentro da igreja e organização da fila no pátio central.



Figura 8 - Poucas pessoas participaram da procissão de 2014.



Figura 9 - Retorno da procissão para a igreja. À esquerda, o alambrado construído para proteção da igreja.

Antigamente não havia o costume de servir o almoço no domingo da festa. Esse costume foi criado quando os organizadores perceberam que muitas pessoas que vinham para a procissão e para a missa saíam para almoçar, e não retornavam mais para o bingo e outras atividades da festa, como as músicas e a dança. Foi por isso que tiveram a ideia de introduzir o almoço como parte da festa; uma forma de manter as pessoas no local durante todo o dia; dizem que o almoço *“já virou tradição”*.

Nem todos os presentes assistem à missa, mas mesmo assim, a igreja fica lotada com os fiéis saindo pela porta da igreja, e seguindo a missa em pé, no pátio. Antes de terminar a missa já tem gente almoçando; alguns que moram por perto preferem levar o almoço para casa, e depois voltar para o bingo.

A festa é um evento religioso e social, *“(...) ambos permitem ao homem escapar dos limites rotineiros da existência”* (SANTANA, 2009, p. 50-51); uma parada para refletir quem somos, para agradecer, suplicar e se divertir. A partir de uma situação dada (as pessoas saíam para almoçar e não retornavam), impôs-se uma reflexão: o que podemos fazer para manter as pessoas na festa? A partir daí uma nova prática foi criada: o almoço. Como pontua Harold Rosenberg (1974, p. XII), em sua obra *“A tradição do novo”*, *“(...) na abordagem das coisas novas suscita-se uma indagação antecedente à do que é bom ou ruim.”*. E assim surge um novo costume que, de acordo com Eric J. Hobsbawm (2014, p. 8-9), tem a função de dar a qualquer

mudança desejada, uma inserção e continuidade com o passado histórico. *“O costume não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais. (...) exhibe esta combinação de flexibilidade implícita e comprometimento formal com o passado”.*

O costume está associado à tradição, o almoço de domingo está associado à tradicional Festa de Nossa Senhora dos Remédios e todos os simbolismos nela presentes; embora tenha sido criado há mais ou menos dez anos, parece que o almoço sempre existiu, pois tem em si não somente o comprometimento com o passado, mas também está inserido na história, dando continuidade a ela. De tanto se repetir ao longo dos anos, tornou-se tradição; no entanto dizemos que é uma *“tradição inventada”*

“(...) um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (HOBSEBAWM, 2014, p. 8).

Este ano de 2015 a igreja de Nossa Senhora dos Remédios completou 250 anos de registro de fundação; a festa foi organizada com a expectativa da presença de um número maior de pessoas do que em 2014. Havia mais prêmios no bingo, atração musical ao vivo, leilão, maior quantidade de comida, bebida e doces e salgados que no ano anterior; a procissão, no domingo, contou com a participação de uma cavalgada. Em 2015, a festa se iniciou com a novena no dia 27 de Agosto e terminou dia 06 de Setembro, dia principal da festa, com procissão, repicar do sino, missa, estouro de rojões e almoço festivo. Seis festeiros organizaram a festa com a participação de vários voluntários. O responsável pela decoração do andor que levou uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios - um dos quatro andores presentes na procissão - foi um artista do bairro e muito conhecido em Taubaté, M.C., que também pintou e decorou com muito zelo e dedicação uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios, especialmente para a ocasião. Segundo o artista, depois de muita pesquisa a santa ganhou um “estilo rococó” (Figura 10). Sua intenção foi representá-la como há duzentos e cinquenta anos atrás. Os outros três andores ficaram sob a responsabilidade de outras pessoas do bairro. Os andores eram destinados a Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião e São José. A imagem de Nossa Senhora Aparecida foi uma exclusividade da procissão deste ano de 2015, pois essa imagem é de devoção dos cavaleiros. Este ano a procissão contou com a participação da Cavalgada, formada por cavalos, charretes, carros de boi, pôneis montados por crianças, que se juntaram durante o percurso da procissão. Neste caminho, houve um momento de tensão, pois era o mesmo caminho pelo qual chegavam vários carros já vindos para a missa e almoço festivo, e acabaram por assustar os cavalos que não conseguiram acompanhar a procissão que seguia a pé e nem levar o andor de Nossa Senhora Aparecida, como pretendiam. A ideia para o

ano de 2016 é colocar o andor da santa, padroeira dos cavaleiros, sobre uma charrete e não como aconteceu em 2015, carregado pelas pessoas que estavam a pé e separado da cavalgada.



Figura 10 - Imagem de Nossa Senhora dos Remédios pintada e decorada para sair no andor em comemoração aos 250 anos da igreja.

A procissão de 2015 foi formada, assim como em 2014, na frente da porta da igreja e de lá saiu ao som do repicar do sino da igreja, percorreu um caminho diferente e maior que do ano anterior; houve a participação de um número maior de pessoas (Figura 11) que rezavam e entoavam cânticos a Nossa Senhora; a presença de mais um andor – Nossa Senhora Aparecida – de devoção dos cavaleiros da cavalgada. Como no ano anterior não houve a participação do padre na procissão, que chegou depois para celebrar a missa.

Quando a procissão se aproximava da igreja, o sino já estava tocando e houve um grande estouro de rojões. Enquanto as pessoas que participaram da procissão se dirigiam para dentro da igreja, os cavaleiros começaram a se reunir em um espaço nas proximidades da igreja, mas não no pátio central. Aos poucos eles soltavam seus cavalos num pasto próximo e dirigiam-se para a igreja.



Figura 11 - A procissão de 2015 contou com a participação de um número maior de fiéis que no ano anterior.

Com os fiéis já dentro da igreja, a missa começou assim que o padre chegou. Como em 2014, enquanto esperavam pelo padre, os fiéis entoavam cânticos a Nossa Senhora. Enquanto a missa era celebrada dentro da igreja, o pátio central começava a ficar agitado com as pessoas que chegavam para o almoço (Figura 12).

Depois da missa, seguiu o almoço festivo cujo cardápio foi o tradicional afogado. Este foi preparado na véspera, no sábado.



Figura 12 – Pátio da igreja com pessoas chegando para o almoço.

Diferente de 2014, a preparação da festa contou com a participação de mais pessoas principalmente o envolvimento de alguns jovens do bairro, tanto meninas quanto meninos. No pátio da igreja havia um imenso toldo armado, que ocupava todo o espaço do pátio central. Debaixo do toldo, e dentro do salão de festas foram amarrados varais com bandeirinhas em azul e branco, decoração da festa. Espalharam-se mesas e cadeiras com toalhas em azul; cores da igreja de Nossa Senhora dos Remédios. A decoração ficou sob a responsabilidade das jovens, adolescentes que também fizeram os cartazes de indicação das barraquinhas de doce, salgado, pescaria e caixa; além de trabalharem na festa durante a noite de sábado vendendo cartelas para o bingo e em algumas barraquinhas, como a de doces e de peixinho. Os meninos tiveram sua participação no momento de tirar os bezerros, os porcos e as galinhas dos caminhões. Recentemente soubemos, ao entrevistar uma das jovens que trabalhou na Festa de Nossa Senhora dos Remédios, que em 2015 houve pessoas que criticaram a presença dos jovens alegando *“muita irresponsabilidade da organização ter colocado jovens para trabalhar nas barracas e no bingo”*. No entanto, não soubemos de nenhum desagrado nem do padre, nem dos coordenadores, tampouco do grupo que organizou a festa.

Um fato digno de nota que aconteceu no sábado, véspera do almoço festivo e dia para preparar grande parte deste almoço de domingo, foi o atraso da entrega dos ingredientes principais, como a carne e a linguiça calabresa. A carne chegou por volta das 16h e a linguiça somente as 18:30h, para desespero da cozinheira chefe e de todos que estavam designados a ajudar na cozinha. Quando a carne chegou, foi

possível começar a limpar e partir os pedaços necessários para o afogado, mas não era possível começar a cozinhar, pois dependia do preparo da linguiça, que chegou muito mais tarde. A apreensão do pessoal da cozinha era ter de ficar até à noite cozinhando e assim, deixar de participar da festa no sábado à noite. Foi exatamente isso o que aconteceu: quando a festa começou, à noite o pessoal da cozinha trabalhava no almoço do dia seguinte. No entanto, um ou outro conseguiu dar uma “fugidinha” da cozinha de vez em quando para aproveitar um pouco da festa, que tinha música ao vivo, cujo repertório variava entre Almir Sater, Sérgio Reis e Renato Teixeira. A música alternava com uma sessão de bingo para a diversão do público presente.

No bingo, enquanto os números eram cantados, o “cantador do bingo” fazia questão de agradecer a presença das outras comunidades rurais na festa de Nossa Senhora dos Remédios e pedir para que a própria comunidade dos Remédios prestigiasse as próximas festas religiosas das demais comunidades a acontecer, uma delas, no mês de Outubro, no bairro do Monjolinho.

A troca de favores, ou seja, a presença de comunidades rurais prestigiando umas às outras, é o *“denominador comum de um grande número de atividades sociais aparentemente heterogêneas entre si”* (LÉVI-STRAUSS apud MAUSS, 2011, p. 34).

A troca da presença das pessoas nas festas dos bairros rurais parece não ser exatamente uma obrigação explícita de dar, receber e retribuir (MAUSS, 2011), porém contribui na construção de um sistema de aliança entre as comunidades; elas estabelecem uma comunicação e formam alianças sociais (LÉVI-STRAUSS, 2005).

A presença das comunidades rurais nas festas significa um grande número de pessoas prestigiando o bairro que oferece a festa, significa ainda que este bairro tem prestígio. Como pontua Lévi-Strauss (2012, p. 91), *“(...) não tem somente, nem essencialmente, caráter econômico (...)”,* mas é também, *“(...) dotado de significação simultaneamente social e religiosa, mágica e econômica, utilitária e sentimental, jurídica e moral”*.

A troca de presença das comunidades apresenta *“(...) implicações psicológicas, sociais e econômicas”* (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 99). Implicações psicológicas, pois, como afirma o autor, é um jogo de manobras conscientes e inconscientes que traz alianças, mas também uma certa rivalidade, pois a festa de uma comunidade quer sempre superar a outra em número de pessoas. Esta é uma medida de valorização e sucesso da festa, e, conseqüente prestígio do bairro perante os outros. Ao mesmo tempo, formam alianças (implicação social), entre os próprios bairros rurais e ainda traz um capital (implicação econômica) que será utilizado para suprir as necessidades locais; no caso de Nossa Senhora dos Remédios, a igreja e seu entorno.

Essa troca é o que Lévi-Strauss (2012, p. 91), chamou de *“Princípio de Reciprocidade”*. Segundo o autor, *“(...) todo contato social contém um apelo e este*

apelo é uma esperança de resposta.” A presença das pessoas de outras comunidades na festa já é um apelo em si; somado ao pedido explícito do “cantador do bingo” para que a comunidade que recebe os convidados retribua a presença comparecendo nas festas das outras comunidades. Há um risco de ser menos generoso, isto é, de não comparecer na festa da outra comunidade; mas há também a solidariedade entre os bairros. Assim, a presença das pessoas é um “*valor social*” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 102), na qual esta troca é revestida de um sentido simbólico, que não pode ser senão coletivo (LÉVI-STRAUSS apud MAUSS, 2011, p. 14).

A “*compensação*” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 105), da presença das demais comunidades à festa de Nossa Senhora dos Remédios é esta oferecer uma grande festa, ou seja, muita comida, bebida, música, prêmio, diversão e espaços para o louvor religioso; tudo para agradar aos visitantes.

No bingo, a preocupação é com os prêmios ou presentes. Os animais (galinhas, patos, porcos e bezerros) vêm em primeiríssimo lugar em valor, assim como a bicicleta; seguido das panelas de pressão, as cestas básicas, as cestas de produtos de higiene pessoal e beleza e, por último, os utensílios de cozinha. Em 2015 surgiu um desacordo entre as pessoas que têm muitos anos de experiência na organização da festa, principalmente do bingo e os coordenadores, que estão no cargo há dois anos. A coordenação decidiu que os animais maiores (porcos e bezerros) ficariam para o leilão, e as galinhas e patos para o bingo. A preocupação dos mais experientes era que no leilão, apenas um número pequeno de pessoas participa, enquanto o bingo, pelo fato de a cartela custar pouco (R\$ 2,00), um número muito maior de pessoas participa e espera ter direito a concorrer ao prêmio dos animais grandes, os melhores prêmios/presentes. Ao tirar os bezerros e porcos do bingo, e colocá-los somente no leilão, corre-se o risco de as pessoas não mais participarem do bingo no futuro. Isto seria um fracasso tanto para o bingo quanto para a festa, pois o bingo é uma das principais atrações. O bairro dos Remédios poderia perder o prestígio que tem perante os demais bairros rurais.

Assim, há uma preocupação da comunidade em oferecer prêmios/presentes valorizados pelos participantes; a oferta de bons presentes, uma grande festa com música, muita comida e bebida aumenta o prestígio do bairro, e esta “*subida de cotação*” (BOURDIEU, 2015, p. 148), é um processo social.

Durante a festa no sábado à noite, as pessoas se reuniam no pátio central, enquanto uma outra festa acontecia em uma área logo abaixo a igreja: parte dos jovens se reuniram para fazer sua própria festa. A música vinha de uma caminhonete que tocava em alto volume funks de “popozuda” e todas as suas variações, enquanto parte do público – principalmente moças – dançava, parte olhava (moços), e parte conversava (moços e moças). Eles faziam sua própria festa, que não interferia no andamento da outra que acontecia no pátio. No entanto, na entrevista, o padre relatou que está ciente da existência deste cidadão da caminhonete que leva bebida

para os jovens do bairro. O padre ainda afirmou que se for necessário, tomará algumas medidas com a ajuda da polícia, para afastar esse elemento do bairro, e dos jovens.

No domingo esta cena se repetiu um pouco mais amena; não havia música, mas os grupinhos de moços e moças se formaram para uma confraternização paralelamente ao evento que acontecia no pátio da igreja.

5 TRADIÇÕES E MUDANÇAS NO BAIRRO NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

5.1 A autoridade eclesiástica e a alteração das relações de poder dentro do bairro

É costume popular dizer “*a fé tem poder*”; podemos dizer também que a tradição religiosa tem poder, pois está carregada de simbolismos, que mantém a coesão social e legitimam as relações de autoridade por meio da circulação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento (HOBBSAWM, 2014, p.13-17).

No bairro dos Remédios, algumas decisões e mudanças de costumes vêm alterando a relação da população com o espaço sagrado, com alguns ritos religiosos e, acima de tudo, suas relações sociais. Tais medidas dividem opiniões: há os que aprovam e os que desaprovam as mudanças implementadas.

Uma delas é a ordem de manter a igreja fechada durante a semana (e agora, na fase de finalização do alambrado será colocado um portão que realmente vai fechar e isolar a igreja com o pátio). Poucos anos atrás a igreja ficava aberta para qualquer pessoa que quisesse entrar, fosse para rezar ou somente para visitar.

A justificativa para manter a igreja fechada é o perigo de roubo de alguma imagem, ou mesmo a depredação de seu interior. Segundo Dona Rosana, auxiliar da igreja, a pessoa pode entrar desde que esteja acompanhada do zelador (aquele que tem a chave), e que deve ficar o tempo todo acompanhando o visitante.

Esta decisão causou descontentamento, pois parte das pessoas que chegam para conhecer a igreja são romeiros que vêm fazer suas preces e agradecimentos à Virgem.

Os moradores costumam acolher os visitantes que chegam, eles gostam de receber as pessoas. Deixar a igreja trancada vai contra uma de suas visões de mundo de que Deus não se nega a ninguém.

Já aconteceu da igreja estar fechada num dia de visita do turismo rural. O turismo rural, criado por Sandro, é uma excursão na qual um ônibus percorre 90 km de zona rural durante todo o dia visitando capelas, casas de fazenda, bairros rurais e um alambique. Segundo seu idealizador, este passeio tem por objetivo informar sobre a história, geografia e lendas da região, resgatar a fauna e flora que ainda restam. A visita tem ainda um valor terapêutico, pois o visitante pode relembrar suas raízes, os costumes dos antepassados, como por exemplo, a avó que estendia a toalha na janela, ou o café que era passado em coador de pano, o bolo feito no fogão de lenha. A ideia é esquecer a cidade e fazer com que as lembranças despertadas causem impacto nas pessoas.

O turismo rural é um empreendimento que a cada dia ganha mais notoriedade na região, e fora dela. Já participaram do passeio personalidades como Sérgio Reis e sua equipe, Renato Teixeira, além de historiadores, pesquisadores, professores, médicos, e todos que tenham curiosidade em aprender. Isto causou espanto em Sandro, pois sua ideia era direcionar para um público mais simples.

Esta excursão vem causando mudanças econômicas e sociais dentro da zona rural, porque traz incentivo ao comércio dentro dos bairros visitados. Estes oferecem produtos como doces típicos, bolos caseiros, queijos, pingas e artesanato. Há ainda a possibilidade de uma família oferecer o almoço aos visitantes, desde que tenha um local que acomode todos (45 pessoas). Pode-se improvisar com cadeiras, bancos, mesas que já têm em casa e oferecer um cardápio previamente combinado. Isto significa uma renda extra para a família e, por isso, os interessados procuram Sandro para saber quando a excursão vai passar, para oferecerem seus serviços.

O turismo rural também incentivou outro tipo de comércio (novamente criado por Sandro), chamado Feira de Artesanatos. Esta feira, que não acontece em dia de excursão, é montada em um bairro rural que se prontifica a receber os artesãos de outros bairros. O bairro que recebe a feira pode comercializar seus produtos também. A regra é que, a pessoa de fora não deve vender os mesmos produtos vendidos pelo bairro que a acolhe. Nem sempre essa regra funciona. Em Setembro de 2014 houve uma Feira de Artesanatos no bairro dos Remédios (logo após a Festa de Nossa Senhora dos Remédios) e havia pessoas de outro bairro rural comercializando os mesmos salgados vendidos pela igreja Nossa Senhora dos Remédios. Há ainda uma “gentileza” da parte dos artesãos de fazer uma “caixinha” com o valor que se quiser para contribuir com a capela local.

Sandro entende que, tanto o turismo rural quanto a feira de artesanatos somente funciona porque há uma relação de troca: ele oferece o público, e os bairros recebem bem os visitantes, de forma que estes queiram voltar.

O turismo rural e a feira ganharam força e acabaram entrando em conflito com a Igreja. No bairro Nossa Senhora dos Remédios, em um dia de excursão, Sandro encontrou a igreja fechada. O bairro dos Remédios é uma parada importante do turismo rural, pois ele faz parte do que Sandro chama de “ponto de apoio”: são bairros que oferecem uma estrutura com água e banheiro público.

Não é de hoje que Sandro tem problemas com a Igreja. Há muitos anos atrás, já trabalhando com bairros rurais, ele se desentendeu com um padre, com outra pessoa de outro bairro rural, e um político da cidade (que depois se tornou prefeito de Taubaté).

O conflito começou quando Sandro questionou porque o dinheiro arrecadado nas festas realizadas nos bairros rurais não era empregado no bairro, mas usado para a compra de uma Kombi que era tida como necessária.

“Na época eu questioneei. Por que dar dinheiro pra vocês? Eu to aqui há trinta anos e comecei vindo a pé, de bicicleta, caminhão de leite e agora eu tenho uma motinha que é minha e eu venho com minha moto. Por que tirar do povo? Não, não, tá errado.

Ai, juntou três e fizeram, fizeram, fizeram, mas fizeram uma coisa tão bem feita mesmo, que eu fui parar no bispo. Que eu atendia confissão na zona rural ... fui chamado lá.”

Sandro foi chamado pelo bispo, que o tratou de um modo que ele não gostou, chamando-o, inclusive, de comunista. Sandro respondeu e o bispo, por sua vez, reagiu mal às palavras de Sandro.

Na semana seguinte, Sandro arcou com as consequências por ter desafiado a autoridade clerical: encontrou um cartaz, um documento assinado pelo bispo informando que estava proibido de entrar na igreja e tinha sido destituído do cargo de ministro da eucaristia, entre outras coisas.

O cartaz foi pregado no mural da igreja de Nossa Senhora dos Remédios para que toda a comunidade soubesse;

“Aí, um dia eu vim pessoalmente na igreja do Remédio, foi justo no Remédio, e disfarcei ... tava tendo um ... não sei o quê tava tendo, disfarcei, aponte na porta da igreja.

Quando aponte na porta da igreja todo mundo olhou pra trás: ‘Aí ele, é o cara.’

O pessoal tinha medo do cartaz, né?”.

Como um criminoso, Sandro foi punido, simbolicamente crucificado em praça pública, porque ousou questionar as autoridades.

No entanto, o objetivo do cartaz público com o nome de Sandro não era somente o de puni-lo, mas mostrar para os demais o que acontece quando alguém questiona e/ou enfrenta uma autoridade. Fazemos nossas as palavras de Michel Foucault:

“A execução pública, por rápida e cotidiana que seja, se insere em toda a série dos grandes rituais do poder (...): por cima do crime que desprezou o soberano, ela exhibe aos olhos de todos uma força invencível. Sua finalidade é menos estabelecer um equilíbrio que fazer funcionar, até um extremo, a dissimetria entre o súdito que ousou violar a lei e o soberano todo-poderoso que faz valer a sua força. Se a reparação do dano privado ocasionado pelo delito deve ser bem proporcionada, se a sentença deve ser justa, a execução da pena é feita para dar não o espetáculo da medida, mas do desequilíbrio e do excesso; deve haver, nessa liturgia da pena, uma afirmação enfática do poder e de sua superioridade intrínseca.” (FOUCAULT, 2013, p. 49).

Quando Sandro questionou as autoridades,

“(...) ele se desviou de seu lugar natural. (...) Do lado dos dominantes, todas as estratégias, essencialmente defensivas, visam conservar a posição ocupada, portanto, perpetuar o status quo (ao manter e fazer durar os princípios que servem de fundamento à dominação).” (BOURDIEU, 2015, p.32 e 57).

O cartaz de “fora da lei” foi uma punição por desobediência e ato de hostilidade para com as autoridades. Assim, ao punir publicamente Sandro, a Igreja ostentou ritualmente sua realidade de superpoder (FOUCAULT, 2013, p. 56).

O cartaz público foi muito eficiente; Sandro diz:

“Brigar contra a força desses caras ... é difícil ... de repente eles fazem pra vocês o que fizeram pra mim. Eu tive estrutura pra aguentar, mas vocês ... daqui a pouco passa no Remédio: ‘Olha, não se aproxima do M., o M. não presta, o M. É comunista, o M. é ateu, o M. é isso, o M. é aquilo.’.

Queima você e pronto. E no bairro todos vai atrás, né? E vai! ... Não compensa.”.

A “briga contra a força desses caras” que Sandro se refere é um conflito de poder. Os dominadores (que só têm poder à medida que o coletivo lhes atribuem poder) procuram manter sua posição e assim configura-se uma luta entre a “ortodoxia” e a “heresia”. *“É um verdadeiro combate, difícil derrubar hierarquias temporal e social”* (BOURDIEU, 2015, p.57 e 167)¹.

Como foi possível perceber, a punição aplicada foi eficaz; Sandro parou de questionar as autoridades e aconselha às pessoas a não brigar contra esta força. O segredo da eficácia da arte de punir é que ela deve repousar sobre a tecnologia da representação (FOUCAULT, 2013, p. 100). A eficácia está em apenas imaginar a punição, desnecessário chegar à punição de fato depois do exemplo do que aconteceu com Sandro. É importante que *“os castigos possam ser vistos como uma retribuição que o culpado faz a cada um de seus concidadãos pelo crime que lesou a todos”* (FOUCAULT, 2013, p. 105). Sandro foi acusado pelo padre e pelo político de estar confessando as pessoas. Foi por este crime que foi parar na presença do bispo. Ao enfrentar o bispo, Sandro cometeu outro crime. Pagou pelo duplo crime e ainda produziu símbolos que foram aprendidos pelo coletivo. O terror ritual que aconteceu com Sandro teve um grande poder de persuasão tanto para a vítima quanto para todo o grupo. Para aqueles que pudessem pensar em questionar ou discordar das autoridades (o padre o bairro ou um político), este dispositivo bloqueou qualquer possível repetição do “delito”; serviu de instrumento tanto de

¹ A narrativa de Sandro deste conflito de poder está no ANEXO I

coação como de conversão. Uma estratégia de poder muito eficaz para se manter a dominação.

Quem vai expor seu desagrado? No bairro dos Remédios outro fato que desagradou parte da população foi a ausência da peregrinação a Nossa Senhora das Graças, em Maio de 2014. Em Outubro do mesmo ano também não houve peregrinação em homenagem a Nossa Senhora Aparecida.

As informações são desencontradas, pois, há quem diga que não houve peregrinação, e quem afirme que nunca se passou um ano sem que houvesse os rituais tradicionais. O certo é que o descontentamento não é expresso publicamente, fica dentro de reclamações em conversas informais.

Há também reclamação sobre um ponto da Festa de Nossa Senhora dos Remédios: anos atrás eram permitidas barracas de fora na festa. De poucos anos para cá o padre atual proibiu, permitindo somente as barracas da igreja. O padre defende sua decisão com os seguintes argumentos: a vinda de outras barracas é concorrência para as barracas da igreja, uma vez que muitas oferecem os mesmo produtos como pastel, mandioca frita, doces caseiros. Além disso, a qualidade dos produtos oferecidos pelas barracas de fora nem sempre é boa, e, pior, vendem bebidas destiladas, o que leva muitas pessoas a ficarem bêbadas, e brigarem na festa. A decisão do padre tem o objetivo de evitar brigas, no entanto, é permitido vender cerveja na cantina da igreja. Outro argumento utilizado pelo padre é o de que as barracas ocupariam muito espaço no pátio, impedindo a circulação das pessoas.

Os descontentes não reclamam para o padre, pois têm receio da punição, *“medo de ser excomungado”*, dizem.

No segundo semestre de 2014 um dos moradores entrou em contato com um vereador da cidade. Sua ideia era levá-lo ao bairro para conversar com a população, e tentar conseguir melhorias para o bairro, como água encanada, sistema de esgoto, transporte coletivo, entre outros. Para tanto era preciso que a comunidade se reunisse em um espaço grande, por isso pensou em utilizar o salão de festas da igreja. Entretanto, a utilização do espaço foi negada com a justificativa de que a reunião não tinha como objetivo uma questão de religião e sim política, o salão da igreja não poderia servir para este fim. Ninguém se prontificou a oferecer sua casa. A autoridade eclesiástica norteia tanto a vida religiosa quanto a sócio-política da comunidade (CHALHOUB, 2003).

Sabemos que a religião é um fator de coesão social, identidade coletiva e usada como força coercitiva. O padre, como representante de Deus é autoridade religiosa, força de coesão e coação social. Ninguém no bairro enfrenta tal força, o medo é de ficar sujo perante o grupo e consequente exclusão social e isolamento.

Para Mary Douglas (2012, p.12/55-56), *“(...) a sujeira é essencialmente desordem (...), sujeira ofende a ordem”*. Frente a ordem social estabelecida, aquele que

desobedece as ordens do padre está cometendo pecado, está sujo e, por conseguinte, sujeito a perigos e castigos. O perigo da desqualificação pública e do isolamento, como aconteceu com Sandro. Ficar fora do grupo é perder sua identidade coletiva.

Para estar dentro do grupo é preciso seguir a ordem estabelecida; desobedecer, contestar é ofender a autoridade, desestabilizar a ordem e prejudicar o coletivo. A exclusão é estar sujo e, de acordo com Douglas (2012, p. 170), a poluição tem a ver com a moral ou a religião; aquele que desobedece fica sujo com um peso moral. Assim, o *“poluidor torna-se objeto de desaprovação duplamente nocivo, primeiramente porque cruzou a linha e, em segundo lugar, porque colocou as outras pessoas em perigo”*.

Sabemos que, com as transformações ocorridas durante o século XX, a Igreja Católica perdeu terreno para outros sistemas religiosos como os protestantes, os pentecostais, entre outros. No entanto, ela não perdeu sua hegemonia, mesmo com a perda de parte de sua influência. Neste mundo em que o campo religioso é pluralista e cada vez mais secularizado, o catolicismo tenta manter o seu poder (NEGRÃO, 2008).

Fazemos nossas as palavras de Carlos Alberto Steil (2003, p. 200): *“A atitude do clero (...) visa a garantir a hegemonia e o monopólio da hierarquia na produção de bens simbólicos e religiosos (...)”*

O padre, como autoridade eclesiástica tem tanto poder porque carrega consigo o poder simbólico da religião. Para Michel Meslin:

“(...) é por uma religião que o homem se define no mundo e para com seus semelhantes. É a religião que empresta um sentido e contribui para seus fiéis uma fonte real de informações. Ela funciona como um modelo para o mundo e ao mesmo tempo como modelo do mundo. Ela é, pois para seus crentes, modelo de ações e de explicação, porque fornece uma resposta às três ameaças que pesam sobre toda a vida humana: o sofrimento, a ignorância e a injustiça.” (MESLIN, 2014, p. 25-26).

Em Nossa Senhora dos Remédios, a comunidade não representa ameaça frente ao poder clerical. No entanto esse poder pode estar ameaçado pela secularização do mundo moderno.

5.2 A secularização do mundo moderno dentro do bairro Nossa Senhora dos Remédios.

Como vimos *“(...) não é raro haver um bispo encenqueiro”* (COUTO, 2003, p. 63-65) que não pensa duas vezes para tomar medidas coercitivas para manter o seu domínio.

No entanto observamos um afastamento das pessoas – principalmente jovens – dos cultos religiosos, mais como uma mudança mundial que pelas atitudes da Igreja. Desde 1940 pesquisas apontam para o declínio moderado de católicos no Brasil, mas foi a partir de 1980 que este declínio se acentuou (TEIXEIRA apud PEREIRA, 2012, p. 23).

Além do declínio de fiéis acontece também uma mudança no modo de se ser católico, percebido principalmente pelos fiéis idosos ou aqueles mais fervorosos como *“falta do espírito religioso”*, como disse Dona Helena, que é uma falta de seriedade em respeitar algumas regras impostas pela igreja, como a confissão na véspera do dia de missa, comungar em jejum, prestar atenção ao vestuário nas cerimônias religiosas:

“Nóis confessava de noite, de tarde e durante o tempo nóis não comia nada! Nóis ia em jejum comungá, só esperano o dia seguinte. Nóis ia na missa, comungava, daí que nóis is tomá um cafezinho. Era a lei. Tinha que comungá em jejum com o véuzinho branco, as casada era véu preto. A gente era criança, moça, era véu branco. Tudo de manguinha, direitinho ... não era esse negócio que vai pelada ... pelada. Agora qualqué um fala; no tempo da gente não, era o padre, entendeu? (D^a Carolina).

As festas religiosas, principalmente a de Nossa Senhora dos Remédios se tornou, sob o olhar dos moradores conservadores, apenas um evento social, para diversão. No momento da dança, da música, da comida e bebida aparecem muitas pessoas, mas na hora da celebração e outros ritos religiosos, quase ninguém participa;

“Eles são religioso, mai o que eu não me conformo é com isto, eles são religioso, por exemplo, se o cê faiz um aniversário, um forró ... ahhh! tudo bem! Chega na hora de fazer devoção, de ir na missa ... não tem ninguém. Aí na hora de comer e beber ... ahhh! não precisa pedir duas veiz!” (D^a Helena).

“Podia tá chovendo, podia tá tempestade, podia tá o que fosse ... frio de arrebenhá, o calor de arrebenhá; pois a gente pegava o guarda-chuva ou pegava o que fosse, a gente saía, passava de casa em casa, todos os dias, do 1º de Maio até 30 de Maio ... todo mundo queria Nossa Senhora em casa!” (Izabela).

Concordamos com Santos (2006, p. 11):

“(...) não se pode dizer que brasileiro não seja religioso. É bastante conhecido o dito popular ‘muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre’, o que leva a entender, que apesar da pouca presença da igreja, o brasileiro tem o hábito da prática de orações, realizado no interior de sua casa. No meio rural, esse habito é ainda bastante praticado, sendo que foi comum, no passado, a existência de um local próprio para estas orações nas sedes das propriedades.”.

O autor refere-se aos costumes nas grandes propriedades rurais do Brasil colonial. No entanto, foi exatamente este costume que observamos nas casas que entramos, das mais humildes às mais elaboradas. No meio rural é costume as famílias construírem no quintal, ou montarem num cantinho de um cômodo da casa um oratório para os santos de devoção, para acender vela, e rezar como o marido, a esposa e, às vezes, também com os filhos.

Como afirma Faustino Teixeira (apud PEREIRA, 2012, p.25-27), há muitas formas de se ser católico dentro de um campo religioso, com grande diversidade de intensidade religiosa. Soma-se a isso a adesão, principalmente dos mais jovens, às novas formas de espiritualidade, muitas vezes não institucionais, como afirma Regina Novaes (2004), em seu artigo *Os jovens sem religião: ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos – notas preliminares*: com um campo tão plural podem mudar de religião sem se distanciarem da fé.

Concordamos com Charles Taylor (2010, p. 178-179), *“Não é o fim da religião pessoal (...). Nem é necessariamente o fim da religião na vida pública (...). No entanto, é indubitavelmente um estágio decisivo no desenvolvimento da nossa situação moderna (...)”*.

Durante a pesquisa de campo observamos a ausência dos jovens do bairro nos ritos religiosos. Os adultos da comunidade reconhecem que eles estão afastados, ou se afastando progressivamente. No entanto há uma cobrança entre as mães desses jovens, como mostra o relato de Izabela, mãe de um rapaz de 15 anos:

“Olha, o que perguntaram pra mim, assim: ‘Cadê seu filho?’ No dia da ... meu filho é adolescente, né?, vai fazer 15 anos. Daí eu falei assim: ‘Não só meu filho; veja o filho da fulana, o filho da sicrana, o filho da outra, se tá aqui.’ Perguntaram pra mim: ‘Nossa! ... Cadê seu filho? Não participa?’, daí eu falei assim: ‘o meu filho não tem vontade; e o da fulana, e o seu, tá aqui? O da não sei quem, tá aqui? Não tá.”

O padre da igreja de Nossa Senhora dos Remédios entende que a ausência desses jovens nos ritos religiosos, principalmente nas missas de sábado à noite, é porque estão com os amigos nos forrós, barzinhos e festinhas na cidade, uma vez que o bairro não oferece nenhum entretenimento a este público. Segundo uma moradora, o bairro não oferece nenhum entretenimento para nenhuma idade. Segundo o padre, há outro fator importante que deve ser levado em conta: a internet. A interatividade nas redes sociais é um forte atrativo, pois podem estar com os amigos *on line*, e combinar encontros na cidade, o que faz com que eles não permaneçam no bairro. O padre afirma ainda que acontece o mesmo na Catedral, igreja matriz da cidade de Taubaté, não há muitos jovens nas missas.

Entrevistamos três meninas adolescentes (13 a 16 anos), as únicas que encontramos antes da missa, para saber, na visão delas, o motivo do afastamento de seus colegas dos cultos religiosos. Suas respostas foram surpreendentes: elas

também não sabem o motivo, eles simplesmente sumiram, “*de quatro anos para cá*”. Não somente dos cultos, mas também da catequese.

Uma nova configuração está surgindo, fatores sociais contribuem para a mudança religiosa. O bairro com sua igreja e sua santa milagrosa ainda são capazes de manter as tradições nos rituais religiosos e na devoção popular, carregada de simbolismos. Continuarão existindo desde que mantenha sua eficácia simbólica (FARIAS; MIRA, 2014).

6 TESTEMUNHOS DA CURA E DEMAIS NECESSIDADES

6.1 A eficácia simbólica de Claude Lévi-Strauss e a produção simbólica de Pierre Bourdieu na análise do testemunho dentro do bairro dos Remédios

No bairro Nossa Senhora dos Remédios, a santa é invocada para qualquer necessidade, principalmente para a cura de doenças e em agradecimento à saúde restabelecida. Ela traz em seu próprio nome a que se destina, como explica um morador local, “(...) *o nome já está dizendo, Nossa Senhora dos Remédios, ela é o remédio.*”

No entanto, não é somente Nossa Senhora dos Remédios invocação para curar as doenças. Neste bairro, também é invocada Nossa Senhora das Graças, o Espírito Santo, Nossa Senhora Aparecida, entre outros santos.

Durante a pesquisa de campo ouvimos algumas narrativas de entrevistados que tiveram os pedidos atendidos, graças alcançadas, e depois testemunhadas durante as missas ou em conversas informais dentro do bairro. Nívea, uma das entrevistadas relatou alguns momentos de sua vida em que estava em grande desespero, rezou para a santa, e recebeu o auxílio para o restabelecimento de sua saúde.

O primeiro evento foi uma dor muito forte e constante nas pernas, que a fez procurar o médico. Passou por vários e o diagnóstico foi de artrose e osteoporose. Com este diagnóstico em mãos, mostrou a seu filho, que é formado em Educação Física e este lhe alertou da possibilidade de ficar na cadeira de rodas; o que a apavorou muito. Nívea seguiu o tratamento recomendado, medicação e fisioterapia. Não percebia melhora alguma, mas o tempo todo ela pedia à Nossa Senhora dos Remédios pela sua cura. Passado algum tempo, começou a sentir que, aos poucos, aquela dor incessante diminuía, mas não acabava. Procurou outro médico que lhe pediu novos exames e, para sua surpresa, o novo diagnóstico não batia com o antigo; ela não tinha nem artrose, e nem osteoporose. No entanto o médico lhe recomendou uma única injeção (ela não soube dizer qual era a medicação), que ficou ao seu critério se tomava ou não. Escolheu tomar a injeção. Nívea relatou que o tempo todo pedia à Nossa Senhora dos Remédios, “*Minha Nossa Senhora dos Remédios, me ajude, pelo amor de Deus*”; mas também conversava com Nossa Senhora Aparecida, “*O que eu vou fazer se eu não ficar curada? Eu vou ficar na cadeira de rodas! Não, Nossa Senhora Aparecida, eu não quero!*”

Nívea fez uma promessa à santa, que, se ficasse curada, colocaria flores no altar da igreja de Nossa Senhora dos Remédios nos dias de missa, todos os meses. Até hoje cumpre essa promessa, sempre que possível. No sábado, dia 6 de Setembro de 2014, véspera do Domingo de festa de Nossa Senhora dos Remédios encontramos

Nívea e seu filho enfeitando o altar da igreja. Nívea acredita que o que lhe aconteceu foi um milagre, diz: *“Comigo aconteceu... o milagre”*.

Nesta relação com o Sagrado, além da graça alcançada, há a “negociação com Deus”. A promessa parece ser uma evolução da troca com os deuses (MAUSS, 2011, p. 74). Com os deuses, *“(...) era mais necessário trocar e mais perigoso não trocar. Mas, inversamente, era com eles que era mais fácil e mais seguro trocar. A destruição sacrificial tem precisamente por objetivo uma doação necessariamente retribuída.”*.

A promessa é um sacrifício da própria pessoa que negocia com os deuses. A pessoa não sacrifica mais animais, escravos ou óleos preciosos; ela faz um acordo, estipula uma obrigação difícil que deverá cumprir por um tempo determinado ou durante toda a vida, em troca da dádiva dos deuses, ou seja, da graça ou milagre. O que Nívea chama de milagre, fruto de sua fé na santa, também existe na magia. Para Mauss (2000, p. 119 e 150), tanto na magia quanto na religião a crença está ligada aos sentimentos sociais, pensamentos do coletivo, a adesão de todo homem a uma ideia; leva ao fortalecimento do poder na divindade. Esse poder vem da cumplicidade do coletivo, que não sabem que o exercem. É o que Pierre Bourdieu (2015), chamou de *“alquimia social na produção simbólica”*, o grupo concede poder a um agente criador, é preciso a participação do coletivo.

Outro episódio também vivido por ela, agora um pedido a Nossa Senhora das Graças em momento de grande desespero por ocasião de uma dor de estômago. Nívea estava em tratamento quimioterápico devido a um câncer de mama e, num certo dia, em sua casa, foi acometida de intensa dor de estômago devido à química da medicação. A dor era tão forte que pediu ao marido que telefonasse ao hospital para saber qual remédio poderia tomar, uma vez que pessoas em tratamento quimioterápico têm uma série de restrições medicamentosas. Enquanto seu marido conversava ao telefone com alguém do hospital, em seu desespero, devido à dor, Nívea começou a andar pela casa a esmo, e acabou entrando em um quartinho, sem pensar no que estava fazendo. Foi então que percebeu que era o quartinho no qual ficava uma imagem de Nossa Senhora das Graças, presente de um sobrinho. Sentou-se na cama e começou a conversar e suplicar à santa, que tirasse aquela dor forte de seu estômago:

“(...) parece que eu tava passada, que eu olho assim a imagem de Nossa Senhora das Graças. Daí, eu olhei nela e falei assim: ‘Se a senhora existir de verdade, me cura agora, em nome de Jesus. A senhora pode fazer isso!’ ... falando, sabe? Eu segurei a mãozica dela, da imagem. Segurei e falei: ‘Me ajuda, pelo amor de Deus! A senhora pode fazer isso!’”.

Nívea sabia que segurava uma mãozinha de gesso; entretanto, sentia que segurava a própria mão de Nossa Senhora:

“(...) eu senti que tava segurando na mão de verdade! Eu senti aquilo! Daí eu falei, daí eu pedi: ‘Tira essa dor de estômago agora, pelo amor de Deus, que eu não aguento mais. Tá muito ruim, tá doendo muito!’ ... assim, olhando na carinha dela (...)”.

E então:

“Eu sei que na hora que eu pedi bem forte, começou. Eu senti! Juro por Deus! Não me interessa mentir. Eu senti que mexeu assim, foi saindo daqui, eu fui sentindo que saiu! Eu senti aquilo saindo!”.

É uma experiência tão forte e intensa com o Sagrado, que, ao mesmo tempo em que a pessoa acredita fica também em dúvida se foi verdade:

“Eu cheguei a ... baixei e falei: ‘Meu Deus do Céu! Não é possível, tá saindo a dor! Tá saindo! ... eu não tava acreditando que aquela dor tinha sumido! Gente do céu! Aí, comecei a chorar, chorar, chorar ...”.

Seu marido chegou no quarto para levá-la ao hospital, já havia acertado tudo, estavam esperando por ela. Encontrou Nívea chorando sem conseguir dizer o motivo de tanto choro. Somente depois, quando se acalmou, conseguiu dizer que não era mais preciso ir ao hospital, pois Nossa Senhora a tinha curado. Diz que, desde esse dia, nunca mais teve dor de estômago. Nívea acredita que este episódio foi mais um milagre em sua vida.

O tripé pedido-cura-testemunho é parte do que Lévi-Strauss (2012, p. 239), chamou de “*eficácia simbólica*”, que é um aspecto importante da “*cura xamânica*”:

“(...) primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; depois, a do doente de que ele trata ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; e por fim, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.”.

A vítima, ao mesmo tempo que procura o médico e faz o tratamento medicamentoso, reza para a santa; e, em sua crença é o poder da santa que concedeu a cura. Nívea acredita que Nossa Senhora também iluminou o médico para receitar o remédio certo. O médico e a própria medicina é uma arte que, como afirma Mauss (2000, p. 17), está “*totalmente enredada na magia*”. Para Marcel Mauss, a medicina e a alquimia pertencem à magia; mesmo que a medicina tenha desenvolvido suas técnicas, ainda está rodeada de magia, com todas as suas drogas, procedimentos do cirurgião, dietas; um conjunto de simbolismos concebidos como mágicos. Somado a isso há a crença do grupo, e a confirmação social, o poder do coletivo na eficiência do médico e no poder da santa.

Pelo testemunho dado na missa, todo um grupo confirma o poder da santa. Uma vez acreditado, é eficaz. Essa crença é sincera, “*A sinceridade (que é uma das*

condições da eficácia simbólica), só é possível – e se realiza – no caso de um acordo perfeito” entre a comunidade e quem detém o poder (a santa). A participação da graça pelo testemunho é uma prática que fortalece a fé coletiva e a crença no poder da santa, que se torna eficaz.

Nossa leitura a respeito do tripé da eficácia simbólica no bairro Nossa Senhora dos Remédios, é:

VÍTIMA/DOENTE/SUPLICANTE: a pessoa doente ou que está em desespero por algum sofrimento. No caso, se for motivo de doença, ela procura o médico, toma a medicação prescrita; porém sua crença desde o começo é de que Nossa Senhora que concede a cura.

NOSSA SENHORA: O Sagrado acima de todas as coisas do mundo; é Ela que concede tudo, o poder é de Nossa Senhora.

GRUPO/COMUNIDADE: participa da cura quando corrobora com a vítima que testemunha a graça; reafirma a graça concedida pela santa; a comunidade quando ouve e crê fortalece o imaginário social religioso, que fortalece a fé individual e coletiva. Crença coletiva produz eficácia.

Como pontua Lévi-Strauss (2012, p. 255-261), a comunidade, *“também participa da cura, cujo treinamento por que passa e a satisfação intelectual e afetiva que obtém determinam uma adesão coletiva que por sua vez inaugura um novo ciclo.”* Como afirma ainda, estes três elementos são indissociáveis. Há um *“consenso geral”* na crença em Nossa Senhora e em seu poder,

“(...) curas reais, de que se beneficiam os indivíduos particulares, (...) sentimento de segurança infundido no grupo pelo mito fundador da cura e no sistema popular conforme o qual, nessa base, seu universo será construído.”

Há pessoas que, depois de receber a graça, têm necessidade de contar aos outros, de dar o testemunho, principalmente em locais de grande público que participa da mesma crença como nas missas, na Canção Nova, como desejam fazer Izabela e Carlos, que receberam graças, e não querem testemunhar por carta, e sim testemunhar pessoalmente na Canção Nova.

A graça veio na ocasião de uma internação de uma das netas na UTI. A criança estava hospitalizada há oito dias. Izabela, desesperada assistia na televisão a Consagração do Santíssimo, na Canção Nova, e, começou a pedir ao Espírito Santo pela cura de sua neta. E, naquele momento, Izabela relata o que o padre, pela televisão, falou:

“Nesse momento, Deus está no leito da UTI tocando a mão de uma pessoinha muito pequenininha, que está com problema no pulmão. Amanhã, a família

vai ter uma resposta dessa pessoinha que está nesse momento na UTI. Mas Deus está nesse momento, Senhor.”.

Então, ao escutar estas palavras do padre, pela televisão, Izabela começou a chorar; teve certeza que era a resposta as suas súplicas. Ela estava sozinha em casa quando isso aconteceu; pouco tempo depois seu marido chegou e a encontrou chorando. No dia seguinte, sua filha, mãe da criança, telefonou com a notícia de que a menina havia melhorado tanto que saiu da UTI, e foi levada a um quarto comum. Como afirma Bourdieu (2015, p.161), para que se opere a magia é preciso *“o agente certo, a maneira certa, o lugar certo, etc, (...)”*.

Essa experiência afetou tanto Izabela que precisou conversar com um padre para saber se realmente é possível o que ela vivenciou. Diz: *“Daí eu contei pra ele, eu falei assim: ‘Padre, pode isso acontecer lá na Canção Nova e eu aqui em casa?’ ... e o padre falou: ‘Lógico, isso pode acontecer sim!’”*. Ela foi procurar um padre, ou seja, *“um agente devidamente credenciado”* (BOURDIEU, 2015, p.162), para a confirmação e atribuição de valor àquilo que aconteceu.

Izabela planeja uma viagem à Canção Nova para dar seu testemunho pessoalmente. Como afirma: *“Isso aí é coisa que nós tem que dar testemunho ... o Espírito Santo é muito forte!”* A alquimia social, ou seja, a confirmação pelo coletivo do que ela viveu produz maior poder e autoridade ao agente criador, a divindade.

Outra ocasião vivida pelo casal foi devido a uma enfermidade que levou Carlos ao hospital. Cirurgia de coluna marcada, o casal ganhou de um vizinho, Sr. João, uma novena chamada *“Mão Ensanguentada de Jesus”*, com o conselho de *“rezar com fé e confiança”*. O casal fez a novena de forma que o nono dia caiu no dia da cirurgia. Na manhã seguinte, Carlos acordou com sangue em toda a sua mão, somente na mão; não havia sangue em outro local, nem no braço que estava com soro. Ninguém entendeu o que havia acontecido, a enfermeira chamou de mistério. Acreditam que tudo correu bem na cirurgia e na recuperação devido à fé. Podemos afirmar que a eficácia simbólica está na crença ou fé tanto da pessoa que ora e é curada, quando das outras pessoas que estão pedindo pelo doente. A eficácia simbólica ou mágica (BOURDIEU, 2015, p.28-29), é o poder reconhecido por alguns de mobilizar a energia simbólica produzida pelo funcionamento de todo o campo; a fé no poder produz eficácia, e o próprio poder é produto da crença coletiva.

Os pedidos não visam somente a cura, mas também necessidades do dia a dia, como conseguir um emprego, ou cair uma chuva na plantação. Há pedidos mais inusitados como socorro num incêndio, situação que foi vivida pelo Sr. João e seu irmão, quando jovens. Eles haviam colocado fogo no mato, que acabou aumentando descontroladamente, de tal forma que os dois irmãos ficaram encurralados e impotentes. Neste momento, desesperado, o Sr. João gritou por Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, invocação que não conhecia na época, e não sabe como pronunciou este nome. Diz que simplesmente saiu de sua boca. Neste momento,

como conta o Sr. João, “(...) deu uma ventania tão forte lá, apagou tudo em cima, o fogo apagou. Embaixo ficou rasteiro; aí, eu e meu irmão podia apagar. Cabô o fogo.”.

Dona Helena, também moradora em Nossa Senhora dos Remédios, relata uma graça recebida por seu marido. A pequena roça que plantara corria risco de morrer inteira devido à seca, deixando a família sem o que comer. Então, um dia seu marido tirou o chapéu, e começou a percorrer os limites de toda a roça rezando o rosário a Nossa Senhora das Brotas. Deu três dias e veio a chuva, salvando a plantação.

O gesto de tirar o chapéu para começar uma longa prece à Nossa Senhora das Brotas é

“uma atitude tomada, um ato realizado diante das coisas sagradas. (...) se dirige à divindade e a influencia; (...) consiste em momentos materiais dos quais se esperam resultados. Mas, ao longo do tempo, toda prece é sempre, em algum grau, um credo. (...) Na prece o crente age e pensa (...). A prece é uma palavra. Ora, a linguagem é um movimento que tem um objetivo e um efeito, é sempre no fundo um instrumento de ação. Mas, age exprimindo ideias, sentimentos que as palavras traduzem para o exterior e substantificam. Falar é ao mesmo tempo agir e pensar: eis porque a prece pertence ao mesmo tempo à crença e ao culto (...). Um rito só encontra sua razão de ser quando descobre o seu sentido (...)” (MAUSS, 1979, p. 103).

Essas histórias de graças recebidas alimentam o sistema de crenças coletivo e fortalecem a fé das pessoas no Sagrado; Gilbert Durand (1995, p. 45), afirma que “(...) toda terapêutica social ou psíquica consiste em provocar uma eficácia simbólica adequada ao caso tratado”.

Contar o milagre ou a graça na missa, ou em conversas informais com amigos, vizinhos, parentes ou conhecidos é uma terapêutica do grupo que fortalece a fé no poder e eficácia da divindade; o poder da santa é produto da crença nela.

A autorização da comunidade atua nesse sistema de crenças da graça, milagre ou magia, no poder do Sagrado, fundamental na construção do imaginário religioso. Concordamos com Lévi-Strauss (2012, p. 262), “(...) a função simbólica permitiria dar conta dessa condição espiritual do homem”.

A reza em santinhos, livros de oração ou rosário, novenas; apegar-se em medalhas e escapulários; rezar em frente a um oratório, em casa; todas estas práticas atribuem a objetos um poder mágico.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando visitamos o bairro Nossa Senhora dos Remédios, no início da pesquisa de campo, e começamos a fazer as entrevistas, tivemos, como primeira impressão (com exceção de algumas reclamações dos moradores mais antigos e idosos), a ideia de que o bairro era um local quase idílico: uma área afastada da cidade, sem ligação telefônica (apenas celular, e com conexão ruim), sem transporte coletivo, ou serviço de correio. Pessoas vivendo do plantio de suas roças e criando galinhas d'angola, bois, vacas, cavalos, etc; vivendo em harmonia dentro de uma região distante da agitação maluca que se tornou o centro de Taubaté. Somado a isso cuidando com dedicação de uma capela, que é o centro do bairro, local de reunião de toda a comunidade, dos ritos e festas religiosas.

Com o passar do tempo, e muitas outras visitas e entrevistas, percebemos que o bairro dos Remédios está longe de ser esse local das primeiras impressões. Aos poucos compreendemos que aquela comunidade *“não é uma unidade culturalmente homogênea”* (GRAMSEI apud BURKE, 2010, p. 57), mesmo dentro de um bairro rural pequeno e distante da cidade.

Concordamos com Peter Burke (2010, p.65), *“a cultura popular rural, portanto, estava longe de ser monolítica”*. Há, como em toda e qualquer sociedade, conflitos de poder atuando dentro do bairro, e interferindo diretamente nas relações da população entre si, e na relação com a própria religiosidade.

O que observamos, desde o princípio, não se alterou – a importância da imagem milagrosa de Nossa Senhora dos Remédios e sua igreja. Ambas continuam sendo os tesouros da comunidade.

Pela sua representação, grandeza e importância no bairro, arriscamos a dizer que a imagem da santa pode ser considerada um ícone. A santa é invocada nos momentos de necessidade, principalmente para curas de doenças.

Isso não quer dizer que as pessoas não tenham outros santos de devoção. Ao longo do trabalho de campo observamos uma devoção popular atuante e variada como as novenas, os oratórios e igrejinhas em casa, a troca de livrinhos de reza entre vizinhos, as peregrinações em homenagem a Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora Aparecida, história de aparições da santa e de anjos a crianças, além das festas religiosas como Festa da Divina Misericórdia no mês de Abril, festa junina e a maior e mais conhecida, a Festa de Nossa Senhora dos Remédios.

O bairro dos Remédios goza de certo prestígio perante os outros bairros rurais de Taubaté. A Festa de Nossa Senhora dos Remédios é um momento no qual esse prestígio é colocado à prova; é quando o bairro oferece aos visitantes uma oferta de comida, bebida, música e presentes (prendas), muito valorizados entre seus

frequentadores. Realizar uma grande festa quer dizer arrecadar dinheiro para a igreja e também aumentar o prestígio do bairro.

A capela ou igreja de Nossa Senhora dos Remédios é o ponto central do bairro. É para ela que as festas religiosas são realizadas. Encontramos as mais variadas versões sobre a origem da imagem da santa no bairro; no entanto, em todas elas o que se manteve constante foi a necessidade da construção de uma capela para abrigar a santa e um marco importante na organização social do bairro. Essa importância se mantém até hoje: grande parte da vida social e religiosa da comunidade dos Remédios está assentada na igreja e na crença do poder da imagem milagrosa de Nossa Senhora dos Remédios. A eficácia está na crença do poder da santa que é creditado pelo próprio coletivo, principalmente por meio dos testemunhos dados em missa ou em conversas informais entre amigos e vizinhos.

Tanto na religião como na magia, o poder das divindades vem da crença depositada pelo grupo social; a fé no poder produz sua eficácia. A autoridade é produto do coletivo, seja na religião, na magia ou na política.

Neste sentido, o padre é a autoridade máxima dentro do bairro, não só religiosa, mas também política. É ele que define o que é permitido e o que é proibido dentro do bairro. Há aqueles que concordam e os que discordam de suas decisões; porém aqueles que discordam, preferem não expor seus descontentamentos; dizem ter medo da excomunhão, mas a verdade é que o medo é de se tornar a “ovelha negra”, “o criador de caso”, “o diferente”; medo de ficar sujo perante a comunidade. O violador da lei (ou criminoso) paga um alto preço, como aconteceu com Sandro, que ousou desafiar a força dos soberanos (autoridade eclesiástica e política), e obteve como punição a desqualificação e a execução (simbólica) pública – muito eficaz para o herege que desafiou o poder quanto para o público que assiste e aprende. Concordamos com Burke (2010, p. 270), a eficácia da pena é, acima de tudo, uma forma de controle social na medida em que há o consenso da comunidade.

A Igreja, no entanto, não pode lutar contra um movimento social global que é a secularização do mundo moderno. No bairro dos Remédios está havendo uma mudança na forma como as pessoas, principalmente os jovens, exercem sua espiritualidade, o que implica diretamente na ausência da participação nas missas e outros ritos religiosos.

Isto posto, chegamos ao nosso objetivo, proposto no início desta dissertação: como é construído e como atua o imaginário social religioso dentro do bairro Nossa Senhora dos Remédios.

O imaginário religioso não é construído e não atua separado de outras dimensões do social, faz parte intrínseca delas. A fim de deixar mais claro, resumimos os fatores que influenciam na construção do imaginário social religioso, e que foi possível observarmos, e estudarmos, no período que durou esta pesquisa:

- A imagem de Nossa Senhora dos Remédios considerada milagrosa constitui junto com sua capela (ou igreja), o tesouro da comunidade;
- As várias versões da origem da imagem deste mito cristão;
- A história de um suposto roubo, troca da imagem milagrosa por uma réplica, e suas consequências;
- A igreja de Nossa Senhora dos Remédios considerada, com orgulho pelos moradores locais, como a maior entre as capelas rurais de Taubaté;
- As festas religiosas e eventos beneficentes realizados em prol da igreja;
- A Festa de Nossa Senhora dos Remédios, prestígio para o bairro com a oferta de presentes valorizados socialmente;
- A troca do comparecimento das pessoas de outros bairros rurais nas festas religiosas;
- A devoção popular a Nossa Senhora dos Remédios, outras invocações da santa, outros santos; todas as preces, práticas devocionais e rituais religiosos que a envolve;
- A eficácia simbólica da crença coletiva no poder das divindades;
- As decisões da autoridade eclesiástica; motivo de mudanças religiosas e sociais dentro do bairro;
- As formas de a Igreja manter seu domínio e autoridade; as punições exercidas e o temor que provoca;
- Os testemunhos das graças recebidas;
- O afastamento, principalmente dos jovens, nos cultos e ritos religiosos como um fator de mudança na forma de exercer sua espiritualidade no mundo moderno.

Em nosso último dia de pesquisa de campo, na entrevista com o padre, ele deixou claro que um de seus objetivos é construir uma parceria, uma relação de troca entre o bairro Nossa Senhora dos Remédios e o bairro Bom Jesus do Ipiranga. A ideia é distribuir os ritos religiosos de datas festivas, como Semana Santa, por exemplo, entre os dois bairros; o objetivo é uma união.

Entendemos que seria possível seguir com esta pesquisa por este viés, estendendo o estudo ao bairro Bom Jesus do Ipiranga, mais conhecido como bairro do Ipiranga. Esta é uma das sugestões de pesquisa suscitadas neste trabalho.

Outra possibilidade é fazer um estudo especificamente sobre a prece; este tema foi diretamente influenciado pelas leituras de Marcel Mauss.

No entanto, para a presente pesquisa acreditamos que conseguimos alcançar nosso objetivo; o imaginário social religioso é construído pela produção simbólica religiosa e social dentro do bairro dos Remédios, nas diferentes relações que a comunidade estabelece entre si e o exterior.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da ação católica à teologia da libertação*. São Paulo: Annablume, 2000.
- ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- AUGRAS, Monique. *Imaginário da magia: magia do imaginário*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som - um manual prático*. 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. 9. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CAMINO, Rizzardo da. *A Senhora da Conceição Aparecida: Padroeira do Brasil*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Aurora, 1996.
- CHALHOUB, Sidney (Org). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- CHAVES, Robson Belchior. Festa do Divino em Mogi das Cruzes. *Revista NURES*, n.15, Maio/Ago. 2012. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: www.pucsp.br/revistanures. Acesso em: 06 Ago. 2014.
- COUTO, Patrícia Brandão. *Festa do Rosário: iconografia e poética de um rito*. Niterói: UdUFF, 2003.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- DURAND, Gilbert. *A fé do sapateiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. v. 1.
- _____. *História das crenças e das ideias religiosas. de Maomé à idade das reformas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 3.

- _____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FARIAS, Edson Silva de; MIRA, Maria Celeste (Orgs). *Faces contemporâneas da cultura popular*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- FESTA do Remedio. *O Noticiarista*, Taubaté, n.516, anno VI, 1 Out. 1893a.
- FESTA do Remedio. *O Noticiarista*, Taubaté, n.517, anno VI, 5 Out.1893b.
- FONTANA, David. *Linguagem de símbolos: um compêndio visual para os símbolos e seus significados*. São Paulo: Madras, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibpx, 2008.
- GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Petrópolis: Vozes, 2012. (Coleção Antropologia).
- HOBBSBAUM, Eric J. *A invenção das tradições*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- HOUAISS, Antonio. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.
- IBGE. *Censo 2010*. Disponível em: www.2010.ibge.gov.br. Acesso em: 02 out. 2014.
- IBGE. *Cidades*. Disponível em: cod.ibge.gov.br/236AH. Acesso em: 01 out. 2014.
- LELOUP, Jean-Yves. *O ícone: uma escola do olhar*. São Paulo, Editora UNESP, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- _____. *Antropologia estrutural dois*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. *Minhas palavras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- _____. *O olhar distanciado*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1986.
- _____. *O pensamento selvagem*. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- _____. *As estruturas elementares do parentesco*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *De perto e de longe*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

_____. *Esboço de uma teoria geral da magia*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

_____. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. *Marcel Mauss: antropologia*. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações de Virgem Maria no Brasil: história, iconografia, folclore*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MESLIN, Michel. *Fundamentos da antropologia religiosa: a experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 2014.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 2, Maio/Ago. 2008.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos -notas preliminares. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004.

O lamparina. Direção: Glauco Mirko Laurelli. Produção: Amácio Mazzaroppi. PAM Filmes, 1964. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MNDR2S5HmOM>. Acesso em: 13 Jul. 2014.

O santo mez de Maria. *A Imprensa de Taubaté*, Taubaté, anno I, n.18, 30 Abr. 1876.

PARATY, Turismo e ecologia. Disponível em: www.paraty.com.br. Acesso em: 08 set. 2013.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. História de Nossa Senhora dos Remédios. Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Igaracy, PB. Disponível em: paroquiaigaracy.blogspot.com.br/2013/09/historia-de-nossa-senhora-dos-remedios. Acesso em: 02 maio 2014.

PEREIRA, João Batista Borges (Org). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

PEREIRA, José Carlos. A Magia nas intermitências da Religião: delineamento sobre a magia em Marcel Mauss. *Revista NURES*, n. 5, jan./abr. 2007. Núcleo de estudos Religião e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: www.pucsp.br/revistanures. Acesso em: fev. 2016.

- PRATA, Sérgio. *Técnicas de pintura: anatomia artística e composição de obra de arte - história dos ícones*. Disponível em: www.sergioprata.com.br. Acesso em: 17 mar. 2016.
- QUEIROZ, Ruben Caixota; NOBRE, Renarde Freire (Orgs). *Lévi-Strauss: leituras brasileiras*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- RAMOS, Manuel João. *Ensaio de mitologia cristã: o Preste João e a reversibilidade simbólica*. Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 1997.
- ROSENBERG, Harold. *A tradição do novo*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1974.
- SANTANA, Mariely Cabral de. *Alma e festa de uma cidade: devoção e construção da Colina do Bonfim*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- SANTOS, Manoel Humberto Silva. *O Espaço de rezar: a religião católica doméstica na casa rural do recôncavo baiano – séculos XVI à XIX*. 2006. Dissertação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins (Orgs). *Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.
- SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. São Paulo: Editora Agir, 1975. Disponível em: www.lelivros.website. Acesso em: 10 dez. 2015.
- TAYLOR, Charles. *Imaginários sociais modernos*. Lisboa, Portugal: Edições Texto & Grafia, 2010.
- TORRES-LONDOÑO, Fernando. Imaginária e devoções no catolicismo brasileiro. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 21, p. 247-263, 2000.
- WOLF, Eric. *Antropologia e poder*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unicamp, 2003. (Coleção Antropologia).

ANEXO I – Narrativa da entrevista com Sandro (citada parcialmente no capítulo 4)

- “(...) Trabalhei muito com o padre e teve uma época, por causa de eu falar essas coisas assim, ele pegou firme pra cima de mim, me expulsou da igreja e quis me excomungar: ‘- Ah padre! Pode fazer o que quiser.’ (...)”
- Ah! Mas afrontei ele mesmo lá.
- Ele fez uso desses absurdo aí, e o povo... a gente continua da mesma forma. (...)
- Eu não mexo mais com isso. Você vai lá e ele acaba queimando você. O povo não quer ele, mas fica com medo: ‘- Ah! O padre vai excomungar eu.’
- Então fica naquele medo. (...) O poder, o poder junto às autoridades da cidade. (...)
- Um dia foi pregado um cartaz na porta, no quadro de vocês ali, que eu vi com meus próprios olhos dizendo que ficava proibido o S. de entrar na igreja. Eu fui proibido de entrar nas capelas. Porque eu era questionador ... e criava-se outras coisas e esse bispo, o mesmo Dom C. que eu vou falar com ele, talvez ele não lembre, mas eu nunca vou esquecer dele ... ele ... foi levado uma intriga minha pelo padre L.L.; que eu confessava as pessoas.
- Porque eu sempre conversava com as pessoas, a minha pesquisa é com gente de idade, então ia nas casas das pessoas e as pessoas sabia que eu era da igreja, desabafava, chorava...
- Aí, algumas pessoas com inveja foi levar ao padre dizendo que eu confessava as pessoas.
- Confessar não. Mas dizer que as pessoas não falam segredo, eles falam mesmo. Confiou em mim por tantos anos de trabalho, então me contavam coisas. Agora chamar isso de confissão, ... tudo bem ... mas não é confissão.
- Aí levou o padre lá e o padre com ciúmes ... ele trabalhava em igreja de zona rural; levou para Dom C.
- E aí juntou esse padre com Seu A., que é do Alto de São Pedro, também com ciúmes. A. e o M., que era político, que andava por meio das capela fazendo festa, pra comprar uma Kombi; fazendo festa pra pegar o dinheiro pra eles, pra comprar uma Kombi e rezar nas capela. E na época eu questioneei: ‘-Por que dar dinheiro pra vocês? Eu tô aqui há trinta anos e comecei vindo a pé, de bicicleta, caminhão de leite e agora eu tenho uma motinha que é minha e eu venho com minha moto. Por que tirar do povo? Não, não, tá errado.’

- *Aí juntou os três e fizeram, fizeram, fizeram, mas fizeram uma coisa tão bem feita mesmo que eu fui parar no bispo. Que eu atendia confissão na zona rural. Fui chamado lá: ‘- Mas Dom C.? Confissão normal? Quem vai me confundir com padre? Confissão normal? Sem batina, sem nada? Como vai me confundir?’*
- *E fui pra ele lá...*
- *E quando ele falou certas besteiras eu respondi as besteiras que ele falou, e El não gostou. Aí ... ele me desafiou ... falou um monte de coisa: ‘- Pode falar o que quiser porque, olha, o homem lá em cima é mais forte, viu?’*
- *E ele não gostou. Aí, saí de lá e na semana seguinte eu soube de vários (...) mandou pregar umas coisa na igreja aqui, um cartaz. O cara fez um documento. E colocou na igreja do Remédio.*
- *Eu só fui descobrir depois que vi na igreja do Remédio, que o Q. me contou pra mim. Aí, eu falei: ‘- Não acredito!’*
- *Aí um dia eu vim pessoalmente na igreja do Remédio, foi justo no Remédio, e disfarcei. Tava tendo um não sei quê tava tendo; disfarcei, apontei na porta da igreja. Quando apontei na porta da igreja, todo mundo olhou pra trás: ‘- Aí ele, é o cara.’*
- *O pessoal tinha medo do cartaz, né? ‘- É o cara.’*
- *Aí eu continuei normal e fui disfarçando, disfarçando, entrando até onde tá o quadro ali. O pessoal cantando; aí, eu olhava o quadro e via. É triste, puseram o meu nome.*
- *Aí eu peguei, e já que o pessoal não se preocupou, muito pelo contrário, o pessoal me conhece há tantos anos; fui lá, arranquei o cartazinho e fui embora.*
- *Até mostrei pra um amigo meu e o rapaz falou: ‘- Rapaz, você pode arrumar um advogadinho de porta de cadeia que você ferra esse homem. Você não matou, você não roubou, rapaz!’*
- *Proibir? O que é isso! É público!*
- *Dizia lá que eu não era mais ministro da eucaristia, mas isso não importava; que eu não podia entrar na igreja, dirigir a palavra, que eu não podia isso, dirigisse a capela, que eu não estava autorizado, tal, tal e assinado lá, encabeçado pelo bispo.*
- *Tá feito. Eu falei: ‘- um amigo meu falou que qualquer advogadinho de porta de cadeia me faz ferrar, mas eu acho que Deus vai me preparar pra mim, eu não vou precisar disso não.’*

- Mas não esqueça de perguntar para a A. ou para a R. se elas lembram dessa história ...
- Aí me falaram que foi o padre L.L. que levou até ele. Aí eu cheguei um dia (...), fui falar com ele lá e Nossa Mãe do Céu! ... porque aí você é comunista, né?
- 'Se trabalhar pra comunidade é ser comunista, então sou mesmo!'
- Aí chegou um certo tempo, minha cunhada sempre trabalhou em seminário com os padre, era cozinheira, faxineira ... a vida toda. Aí a cunhada soube, partiu pra cima dele: '- Peraí, você tá falando do meu cunhado!' Deixou ele numa situação difícil.
- Aí chegou um certo dia que ele, como seminarista – os seminaristas todos iam lá comer na casa da minha sogra lá (...) – e certo dia a noite lá, o padre não sabia que eu estava lá e minha sogra partiu pra cima dele. Aí minha sogra falou um monte de coisa pra ele, tal, tal. E ele falou: '- Não ... S. é isso, S. é aquilo, S. é gente boa.'
- E eu tava escondido no quarto só escutando. Na hora que ele tava tomando café, eu cheguei, tudo. Ele viu, e eu cheguei: '- Padre, vim tomar benção do senhor. O senhor é uma pessoa que eu admiro muito, respeito muito como sacerdote, tal, tal, tal e boa noite padre. Tô saindo.'
- Saí e o padre não terminou de tomar café. Dei o contrário nele, com a maior delicadeza.
- Aí, pra sair do sítio da minha sogra, minha sogra tem três cachorros desse tamanho aqui; morde até a sombra, e a noite pra segurar aqueles cachorros lá; e o padre tinha que ir embora. Era dez horas da noite e o carro dele lá distante como se fosse aqui e o carro dele lá do outro lado da rua lá. E pra ele sair? E tava chovendo tudo. Aí minha sogra falou: '- S., leva o padre até o carro? – Levo, é comigo mesmo ...'
- Aí eu fui atrás da porta, pequei um baita arreio assim desse tamanho: '- Vamo embora padre?'
- Aí fui levar ele até o carro e os cachorro vem pra cima e eu (...), com o arreio mesmo. E o padre minha, segurava aqui em mim, segurava ali. (...)
- Aí levei ele até o carro e quando chegou no carro ele abriu o vidro e falou: '- S. a gente faz besteira na vida, S. A gente faz besteira na vida...eu andei fazendo umas besteiras lá, mas olha, aquilo lá não tem nada a ver.'
- Falei: '- Padre, como eu já disse pro senhor, vai em paz, vai com Deus.'
- Foi embora. Hoje me trata ... parece um santo, o mesmo. Mas precisou acontecer umas coisas assim. Brigar contra a força desses caras ... é difícil ... de repente eles fazem pra vocês o que fizeram pra mim. Eu tive estrutura pra aguentar, mas vocês

... daqui a pouco passa no Remédio: ‘- Olha, não se aproxima do M. o M. não presta, o M. é comunista, o M. é ateu, o M. é isso, o M. é aquilo.

- Queima você, pronto. No bairro todos vai atrás, né? E vai! ... Não compensa”.

ANEXO II - Diário de Campo (condensado)

Foram realizadas 22 visitas ao bairro de Nossa Senhora dos Remédios ao longo de 2014, 2015 e primeiro semestre de 2016. Na Figura X é apresentado o cronograma das visitas e em seguida é fornecido um breve sumário de cada uma delas.

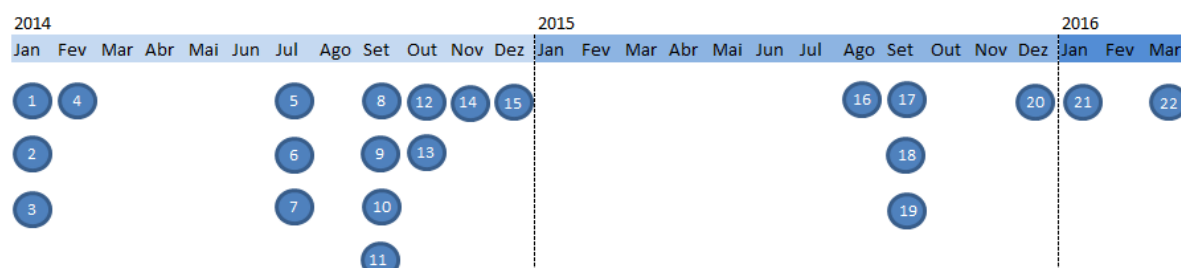


Figura 13 – Cronograma de visitas ao bairro de Nossa Senhora dos Remédios.

- | | |
|------------------------|---|
| Visita 1 – 18/Jan/2014 | Primeiros contatos com o casal que passou informações sobre o bairro Nossa Senhora dos Remédios e auxiliou no contato com outros entrevistados.
Primeira visita à igreja Nossa Senhora dos Remédios.
Registro fotográfico. |
| Visita 2 – 23/Jan/2014 | Coleta de dados com entrevistas, sem gravação. Visita à fazenda de um dos mais antigos moradores do bairro. Morador não encontrado para entrevista. Retorno no dia seguinte. |
| Visita 3 – 24/Jan/2014 | Entrevista com dois moradores do bairro, pai e filha. O senhor de 100 anos de idade era o mais antigo morador local e foi, por muitos anos, o zelador da igreja Nossa Senhora dos Remédios.
Gravação e registro fotográfico. |
| Visita 4 – 05/Fev/2014 | Entrevista com um grupo de pessoas – moradores antigos do bairro que ainda moram no local e outros que passaram a morar em bairros próximos na zona urbana, porém, conservam a casa em Nossa Senhora dos Remédios, para os finais de semana e participam das atividades no bairro como almoços beneficentes, bingos, festas, missa.
Gravação e registro fotográfico. |
| Visita 5 – 05/Jul/2014 | Visita à igreja (agora com o alambrado quase todo construído), visita à antiga escolinha do bairro (desativada a muitos anos), visita até a entrada da |

- fazenda conhecida como Fazenda da Santa, antiga propriedade de Amácio Mazzaropi, local onde ele rodava seus filmes.
Entrevista com moradores do bairro Nossa Senhora dos Remédios, sem gravação.
Registro fotográfico.
- Visita 6 – 24/Jul/2014 Entrevista com a moradora mais antiga do bairro, conhecida entre os locais por ter construído uma igrejinha no quintal de sua casa.
Gravação com registro fotográfico.
- Visita 7 – 29/Jul/2014 Retorno à casa da senhora para esclarecimento de dúvidas e mais algumas perguntas, outras entrevistas.
Gravação e registro fotográfico.
- Visita 8 – 06/Set/2014 Acompanhamento dos preparativos do almoço festivo do Domingo, dia principal da Festa de Nossa Senhora dos Remédios.
Entrevistas sem gravação, registro fotográfico.
- Visita 9 – 06/Set/2014 (segunda visita no mesmo dia) Retorno ao bairro à noite, para a festa: participação na festa e registro fotográfico. Ocasão em que havia uma candidata política fazendo campanha e entregando santinhos.
- Visita 10 – 07/Set/2014 Domingo, dia principal da Festa de Nossa Senhora dos Remédios: acompanhamento dos últimos preparativos do almoço festivo; participação na procissão; entrevistas sem gravação; registro fotográfico.
- Visita 11 – 21/Set/2014 Acompanhamento da Feira de Artesanato e almoço para arrecadação de fundos para o término do alambrado da igreja.
Entrevista sem gravação; registro fotográfico.
Neste dia, o casal que nos auxiliava fez contato com o criador do Turismo Rural para marcarmos uma entrevista.
- Visita 12 – 01/Out/2014 Entrevistas com moradores do bairro, com gravação.
- Visita 13 – 09/Out/2014 Entrevista com o criador do chamado Turismo Rural “Sertões de Taubaté”.
Gravação da entrevista; sem registro fotográfico.
- Visita 14 – 19/Nov/2014 Entrevista com moradores do bairro, sem gravação.
- Visita 15 – 19/Dez/2014 Entrevista com moradores do bairro já antes entrevistados: para tirar algumas dúvidas. Próximo ao Natal, encontramos uma tradição no bairro: montar um presépio para receber a Folia de Reis, e para concorrer

ao presépio mais criativo, porém tradicional, que retrate o cenário bíblico do nascimento do Menino Jesus.
Registro fotográfico.

- Visita 16 – 24/Ago/2015 Durante a construção dos capítulos da dissertação surgiram algumas dúvidas. Entrevista com dois moradores locais com o objetivo de esclarecer tais dúvidas, além da atualização sobre algumas mudanças que ocorreram ao longo do ano no bairro.
Sem gravação e sem registro fotográfico.
- Visita 17 – 05/Set/2015 Entrevistas e acompanhamento dos preparativos do dia principal da Festa de Nossa Senhora dos Remédios – comemoração de 250 anos de registro de fundação da igreja.
(durante o dia) Registro fotográfico, sem gravação.
- Visita 18 – 05/Set/2015 Participação na Festa de Nossa Senhora dos Remédios e observação de alguns costumes como a troca da presença das comunidades rurais que se prestigiam umas às outras.
(à noite)
- Visita 19 – 06/Set/2015 Dia principal da festa: início com procissão e cavalgada, seguido da missa, almoço festivo e bingo.
Registro fotográfico e entrevistas.
- Visita 20 – 16/Dez/2015 Entrevistas, sem gravação e com registro fotográfico.
- Visita 21 – 30/Jan/2016 Primeira missa assistida;
Primeira tentativa de entrevistar o padre local (sem sucesso);
Primeira tentativa de entrevistar algum jovem local (sem sucesso);
Entrevistas na cantina da igreja após a missa; sem gravação; sem registro fotográfico.
- Visita 22 – 05/Mar/2016 Segunda e última missa assistida; entrevista com três jovens locais (13 a 16 anos), antes da missa; entrevista com o padre após a missa.
Sem gravação e sem registro fotográfico.